



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)**

**EVANILDO TAVARES DOS REIS**

**O Cristianismo como manifestação da verdade  
e do amor em Joseph Ratzinger**

Dissertação Final  
sob orientação de:  
Professor Doutor José Jacinto Ferreira de Farias

Lisboa  
2014

# INTRODUÇÃO

É nossa intenção aprofundar o pensamento de J. Ratzinger/Bento XVI sobre o Cristianismo como lugar onde se manifesta a verdade e o amor, na linha daquilo que aquele autor aborda na sua obra *Introdução ao Cristianismo*. Procuraremos também fazer uma pesquisa aprofundada nos escritos do mesmo enquanto bispo e cardeal, visto que muito daquilo que ele escreveu na área da teologia sistemática – *Introdução ao Cristianismo* – vai na linha do seu lema episcopal “guardião da verdade”. Esta nossa dissertação tem uma limitação de tempo no que refere às obras do J. Ratzinger: teremos em conta apenas as obras sobre a fé cristã e o Cristianismo desde 1967 até 2009.

Será uma abordagem na área de teologia sistemática, debruçando-nos sobre a questão do Cristianismo ser o lugar da manifestação da verdade e do amor. Enquanto Bento XVI, teremos como obra de fundo a sua primeira Encíclica *Deus é Amor* e alguns discursos sobre a fé cristã, a cultura e a problemática da verdade.

O motivo que nos levou a escolher este tema foi a pretensão de aprofundar o nosso próprio conhecimento sobre o Cristianismo enquanto lugar da manifestação da verdade e do amor. Como podemos viver e apresentar o Cristianismo aos outros numa época que há tantas propostas sobre o sentido religioso, onde todos reclamam ser a verdadeira religião? Que desafio temos a enfrentar pelo facto de o Cristianismo não ser uma ideia humana, mas ser a própria pessoa de Jesus Cristo? Só o amor de Cristo faz da Igreja o lugar credível onde cada ser humano se encontrará verdadeiramente com Deus Pai.

Iremos em primeiro lugar abordar a questão da credibilidade do Cristianismo em J. Ratzinger: No segundo momento, iremos abordar a questão do Cristianismo como manifestação da verdade e do amor, a sua pretensão de ser a verdadeira religião, não como dono da verdade, mas como guardião da verdade. Na terceira parte, debruçar-nos-emos sobre a actualidade e os desafios da credibilidade do Cristianismo; o que o Cristianismo tem ainda a dar a humanidade. Só o amor é digno de fé: abordaremos, pois, o Cristianismo a partir da tríplice dimensão, verdade-amor-fé.

Na primeira parte, não pretendemos afirmar que a religião católica é falsa ou verdadeira, mas que não é uma teoria, não é uma ideia humana, não é um livro, mas sim um Acontecimento, uma Presença, o lugar onde se manifestou e ainda se manifesta o amor e a verdade. Debruçar-nos-emos sobre a pretensão da religião católica de ser a verdadeira religião, o Cristianismo como lugar da verdade, não dono da verdade, mas seu discípulo, que é convidado a levar o mundo a viver na verdade e pela verdade – aquela religião que tem a missão de ensinar a todos que somos convidados a amar a Deus acima de tudo e o próximo como a nós mesmo, porque só o amor nos salvará.

Ratzinger defende que o Cristianismo tornou-se uma religião mundial porque é a síntese entre razão, fé e vida. Também «o Cristianismo convencia pela união da fé com razão e pela orientação da acção para a caritas, para a solicitude amorosa pelos que sofrem, pelos pobres e pelos fracos, para lá de toda a diferença de condição»<sup>1</sup>. Toda a linguagem do Cristianismo deve ser à volta do amor e da verdade, porque a verdade e o amor são inseparáveis. Sendo Jesus Cristo caminho, verdade e vida, aquilo que somos convidados a transmitir este mundo não são nossas ideias, mas as ideias de Cristo.

A Virgem Maria tem um lugar especial na compreensão da credibilidade do Cristianismo, porque é Ela que nos ensina como seguir Jesus Cristo: este Cristo que anunciamos não é a nossa ideia, mas o Verbo Encarnado, o próprio Filho de Deus que quer habitar no coração de cada homem e mulher. A Mãe de Deus mostra-nos que, para ser cristão, não basta dizer sim, mas seguir até ao fim o seu Filho, fazer sempre a vontade d’Ele, fazer do “*fiat*” de Maria o nosso sim.

A fé cristã não se resume exclusivamente a uma teoria, a uma vontade própria, não é mérito de cada ser humano, mas dom de Deus para cada pessoa. Ela não engloba só a parte espiritual do ser humano, mas o seu todo (o homem é a sua fé e a sua razão). «Crer em Deus ganha, portanto, o sentido de afirmar-se em Deus, acto esse que dá ao homem uma base sólida para a sua vida»<sup>2</sup>. O Cristianismo tem a missão de mostrar a cada ser humano que a fé dá sentido a sua vida, e que fechar-se ao dom da fé é ter uma vida vazia de sentidos, e que a razão deve sempre andar de mãos dadas com a fé.

Na segunda parte da dissertação, interrogar-nos-emos: será que há alguma ligação entre fé, verdade, amor? Claro que há, o conteúdo da fé deve ser o amor, segundo Ratzinger: «é a identidade do logos (verdade) e do amor que faz com que o

---

<sup>1</sup> J. RATZINGER, *A verdade católica*, in J. RATZINGER – P. F. d’ARCAIS, *Existe Deus?* (Lisboa: Pedra Angular 2009 [original 2005]) 84.

<sup>2</sup> J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo. Prelecções sobre o «Símbolo Apostólico»* (Estoril: Príncípa 2005 [original 1967]) 48.

amor seja *logos*, isto é, a verdade do ser humano. Porque acreditar num Cristo entendido dessa maneira significa simplesmente fazer do amor o conteúdo da fé, de modo que se possa afirmar, sem rodeios, que amor é fé»<sup>3</sup>. Todo o cristão é convocado a viver essa tripla dimensão: fé, verdade e amor, porque ninguém pode ser discípulo de Jesus Cristo sem crer n' Aquela que deu a vida por nós, assumir a sua cruz, viver segundo a verdade do Verbo encarnado (porque quem permanece em verdade liberta-se) e transformar toda a sua acção em linguagem e acto de amor, porque só o amor nos salvará.

A verdade do Cristianismo está centrada numa Pessoa, não numa ideia, e essa pessoa é Jesus Cristo. Portanto, não podemos apresentar um Cristianismo sem Jesus Cristo porque, se isso acontece, ele perde a sua credibilidade, a sua razão de ser. «A religião católica proclama a verdade – inclusive a verdade racional – da sua fé, a tal ponto que, de facto, “fora da Verdade revelada” permanece-se, “em definitivo, fora da verdade pura e simples”»<sup>4</sup>.

É Verdade revelada aquela que o Cristianismo deve anunciar, a partir do momento em que apresentamos ao mundo que Jesus é o único mediador entre Deus e os homens, aquele que dá sentido à nossa vida, porque «a fé cristã não se refere a ideias e sim a uma pessoa, a um eu, e esse eu é definido como Palavra e Filho, ou seja, como abertura total»<sup>5</sup>. Só mantendo-nos na verdade e no amor, a Igreja católica continua a ser santa, una e apostólica, porque, fora da verdade revelada e do amor, o Cristianismo perde toda a sua razão de ser: «só o amor é credível, nada mais do que o amor pode e deve ser crido»<sup>6</sup>.

A fé implica uma opção pela verdade, e a verdade implica também a fé. O cristão é convidado a ver cada indivíduo como pessoa, porque a fé cristã faz com que cada «cristão não vê no ser humano um indivíduo, mas sim uma pessoa; parece-me estar nessa passagem do indivíduo para a pessoa toda diferença inerente á passagem da Antiguidade para o Cristianismo e do platonismo para a fé»<sup>7</sup>. É preciso ajudar a humanidade a vencer uma das suas maiores doenças, que é a indiferença: Porque a religião católica é um encontro com uma Pessoa, e essa Pessoa apela-nos a sairmos de nós mesmos, a ir ao encontro da outra pessoa, porque o sentido de ser cristão é viver em prol do outro, somos chamados a fazerem discípulos para o reino de Deus.

---

<sup>3</sup> J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo*, 152.

<sup>4</sup> P. F. d'ARCAIS, *Ateísmo e verdade*, in J. RATZINGER – P. F. d'ARCAIS, *Existe Deus?* (Lisboa: Pedra Angular 2009 [original 2005]) 115.

<sup>5</sup> J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo*, 153.

<sup>6</sup> H. U. von BALTHASAR, *Só o amor é digno de fé*. (Lisboa: Teofanias 2008) 91.

<sup>7</sup> J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo*, 116.

Aquilo que Balthasar defende como a credibilidades do Cristianismo podemos afirmar que é o amor e nessa linha podemos frisar que Ratzinger defende o mesmo, só que se centra na credibilidade da religião católica na sua tripla dimensão: verdade-amor-fé cristã. Combater o relativismo da verdade e a banalização do amor é a missão do Cristianismo, porque actualmente as pessoas acham-se todas donas das suas verdades. No entanto, ninguém é dono da verdade, porque nós somos discípulos, andamos em busca da verdade. A verdade plena e verdadeira é Jesus Cristo que ilumina cada homem e responde às inquietações de cada ser humano. Há que ajudar o mundo a perceber que a banalização do amor não é o melhor caminho, mas viver por amor e em amor é a melhor opção, porque só o amor de Cristo salvará este mundo, aquele amor que Ele nos ofereceu: amar a Deus acima de tudo e ao próximo como a ti mesmo. O amor não é um sentimento, o amor está intimamente ligado à verdade.

O Papa Francisco, na sua primeira carta encíclica *Lumen Fidei*, afirma: «De facto, aos olhos do homem moderno, parece que a questão do amor não teria nada a ver com a verdade; o amor surge, hoje, como uma experiência ligada, não à verdade, mas ao mundo inconstante dos sentimentos. Mas, será esta verdadeiramente uma descrição adequada do amor? Na realidade, o amor não se pode reduzir a um sentimento que vai e vem»<sup>8</sup>.

Não podemos falar do Cristianismo como manifestação da verdade desligado do amor, porque, «na medida em que o amor estiver fundado na verdade, é que pode perdurar no tempo, superar o instante efémero e permanecer firme para sustentar um caminho comum. Se o amor não tivesse relação com a verdade, estaria sujeito à alteração dos sentimentos e não superaria a prova do tempo»<sup>9</sup>.

O amor sem uma ligação à verdade acabaria por ficar preso no tempo, não ultrapassaria o tempo, e também correria grande risco de ser reduzido a um sentimento que vai e vem. O amor e a verdade devem caminhar juntos. Além de caminharem sempre juntos, podemos afirmar que são duas realidades estritamente ligadas, que uma sem a outra perde a sua verdadeira identidade.

Podemos dizer que o Cristianismo é a manifestação da verdade e do amor, porque ele não é uma ideia, mas sim lugar onde a verdade e o amor se revelaram e revelam todos os dias, através dos sacramentos, no coração de cada crente, e onde Jesus pediu a cada apóstolo (e pede a cada cristão) que baptizasse em nome do Pai, do Filho e

---

<sup>8</sup> PAPA FRANCISCUS, *Litterae Encyclicae Lumen Fidei*, n. 27, in AAS 105 (2013) 571.

<sup>9</sup> PAPA FRANCISCUS, *Litterae Encyclicae Lumen Fidei*, n. 27.

do Espírito Santo, e fizesse discípulos em todas as nações. Também iremos tentar mostrar que o Cristianismo é o modelo adequado para uma moral que tenha a vida humana no centro, que só a partir de Jesus Cristo o homem encontra toda a razão da sua existência. Quando o ser humano quer elaborar uma moral sem Deus, é claro que se esvazia, perde toda sensibilidade a favor das razões da vida como seu maior dom.

Na terceira parte da dissertação, falaremos da actualidade e desafios que o tema da credibilidade do Cristianismo em Ratzinger traz ao mundo cristão. Insistiremos na pretensão de a religião católica ser o modelo para uma moral actual; ela não pode ser deixada de lado, nem a sua voz pode ser calada, ela deve lutar sempre de modo que Deus esteja no centro da moral e da vida de cada homem e mulher. Sem Deus a moral e as ciências perdem o verdadeiro significado do sentido da vida humana. A fé cristã como o cerne da vida de cada indivíduo é outro desafio que é imposto à credibilidade do Cristianismo.

O Cristianismo não pode deixar de desafiar a razão a caminhar sempre ao lado da fé, porque sem a fé a razão acabará por se perder no seu abismo; porque a fé ilumina a razão. Podemos dizer que só um Cristianismo como síntese de fé, razão e vida é a solução salvífica para a humanidade de hoje e de amanhã, para esta humanidade que está a caminhar numa direcção de crise de identidade, cultural, e que tenta expulsar a religião católica do seu seio.

Não podemos nunca falar da essência do Cristianismo desligada da Tradição, da Sagrada Escritura, do Magistério nem daquilo que o Povo de Deus professa e vive no seu quotidiano. Mas não se pode ficar preso exclusivamente à Tradição e ao Magistério ao falarmos do Cristianismo, porque o Cristianismo vai para além dessas realidades, está centrado numa Pessoa, Jesus Cristo. A última linguagem do Cristianismo nunca pode ser a Cruz, mas não se pode apresentar Jesus Cristo ao mundo sem falar da Cruz, porque o amor e a verdade não estão separadas da Cruz.

O Cristianismo é credível não por ser obra humana nem ideias suas, não por apresentar os sonhos do homem, mas sim por ser a própria pessoa de Jesus. O Cristianismo é Cristo, Aquele que revela a cada coração o verdadeiro caminho para o amor, a verdade e a vida. E é nesta linha que a Igreja deve estar no meio dos homens, como aquela que é possuída pela verdade de Cristo e que deseja que todos os corações conheçam o amor de Deus Pai.

A Igreja sem o anúncio do amor de Deus revelado na cruz não é credível de ser vista como lugar onde Jesus Cristo se manifesta. Nesta linha podemos frisar que só o

amor de Deus, que nos desafia a amar os outros, é digno de ser anunciado? Ensinar a sociedade a viver no amor e pelo amor é o desafio principal da Igreja? A Igreja, síntese da fé, razão e vida, se deixar de viver do amor de Jesus, como pode ensinar aos homens a serem verdadeiros discípulos do Deus-Amor? Só uma Igreja com a pretensão de ser a verdadeira religião, que sabe que não possui a verdade, mas pelo contrário a verdade a possui, é digna de ser acreditada e merecer a credibilidade de cada indivíduo.

O Cristianismo nunca pode abrir a mão da sua catolicidade, porque tem a missão de anunciar o amor de Deus feito homem à todos, de forma a ensinarem os homens a serem verdadeiros obreiros do amor, porque todos nós somos seres criados a imagem do Filho, e sem o amor de Jesus Cristo, é impossível a criação de uma civilização do amor.

# 1. A CREDIBILIDADE DO CRISTIANISMO EM RATZINGER

O Cristianismo não é uma religião do livro<sup>10</sup>, mas sim da Palavra encarnada, e o evangelista S. João dá-nos o testemunho disso dizendo: «E o Verbo fez-se homem e veio habitar connosco. E nós contemplámos a sua glória, a glória que possui como Filho Unigénito do Pai, cheio de graça e de verdade» (Jo 1,14)<sup>11</sup>.

O Cristianismo não é uma realidade estritamente humana, mas divina-humana. Deus encarnado, que morreu na cruz e ressuscitou, é o acontecimento que deve ser anunciado a todos os seres humanos. Anunciador e guardião da verdade e do amor, com a pretensão de ser o lugar onde se manifesta o amor e a verdade, a Igreja tem cada vez mais a missão de apelar à humanidade a permanecer no amor e compreender a verdade.

Será que podemos resumir o Cristianismo em poucas palavras? Sim, podemos. Os sinais visíveis da credibilidade do Cristianismo em Ratzinger é a síntese da fé, da razão e da vida. Podemos igualmente frisar que os sinais visíveis da credibilidade do Cristianismo são a sua função tripartida: *martyria* (o testemunho, anúncio), a *leiturgia* (a celebração da fé), e a *diakonia* (o serviço ao próximo). Podemos assim resumir o Cristianismo em três palavras: amar, perdoar e servir. Segundo Jesus Cristo, o Cristianismo resume-se no amor a Deus acima de tudo e ao próximo como a nós mesmos (cf. Mt 22,36-37).

O homem quer viver o Cristianismo sem a Igreja, desligado da sua história; contudo, sabemos e acreditamos que não pode haver Cristianismo sem a Igreja, sem enquadramento na história que deu corpo à Igreja. A credibilidade do Cristianismo depende da sua história e da Igreja (dimensão eclesial).

---

<sup>10</sup> «No entanto, a fé cristã não é uma “religião do Livro”. O Cristianismo é a religião da “Palavra” de Deus, “não duma palavra escrita e muda, mas do Verbo encarnado e vivo”. Para que não seja letra morta, é preciso que Cristo, Palavra eterna do Deus vivo, pelo Espírito Santo, nos abra o espírito à inteligência das Escrituras» (Cf. *Catecismo da Igreja Católica* [Coimbra: Gráfica de Coimbra 1999], n. 108).

<sup>11</sup> Usamos a edição portuguesa: *Bíblia dos Capuchinhos* (Lisboa/Fátima: Difusora Bíblica 2013).

## **1.1. O Cristianismo anúncio da fé encarnada: «o que nós vimos e ouvimos, isso vos anunciamos» (1 Jo 1,3)**

A fé que a religião católica anuncia e deve proclamar a todos até aos confins do mundo (cf. Act 1,8), não é uma fé teórica, nem uma teoria humana, mas sim é a vida, o compromisso com uma Pessoa, porque o Cristianismo não é uma religião do livro, mas sim de uma Pessoa, Jesus Cristo. A primeira carta de S. João diz-nos: «<sup>2</sup>De facto, a Vida manifestou-se; nós vimo-la, dela damos testemunho e anunciamo-vos a Vida eterna que estava junto do Pai e que se manifestou a nós: <sup>3</sup>o que nós vimos e ouvimos, isso vos anunciamos, para que também vós estejais em comunhão connosco. E nós estamos em comunhão com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo. <sup>4</sup>Escrevemo-vos isto para que a nossa alegria seja completa» (1 Jo 1,2-4).

S. João mostra-nos que a fé que a religião católica anuncia não é uma teoria, mas sim vida, compromisso, adesão à vontade de Jesus Cristo, alegria plena, e que essa fé modifica, transforma todos aqueles que se deixam surpreender pela alegria de ser tocados pelo encontro com o Filho de Deus. E como os Apóstolos não podiam ficar só para eles com aquilo que ouviram, que tocaram e com que foram tocados, essa Vida que se manifestou devia ser anunciada.

Podemos frisar que «a fé só teria saído realmente do seu gueto se tivesse levado para a esfera pública o seu conteúdo próprio, isto é, o Deus que julga e sofre, o Deus que estabelece limites e critérios, o Deus do qual viemos e para o qual caminhamos»<sup>12</sup>. Aquilo que Deus nos dá não é só para nosso bem, mas para o bem de todos. Porque não pode haver o Cristianismo sem a fé encarnada, anunciada, desafiando o ser humano a não ficar preso em si, mas esvaziando-se, deixando Deus crescer no seu coração.

O Cristianismo nunca pode ser entendido como uma ideia, como uma filosofia desencarnada do Verbo de Deus, mas sim percebida como Acontecimento, seguimento de uma Pessoa, Jesus Cristo, ontem, hoje e para sempre.

Que fé cristã é essa que Cristianismo nos apresenta, de que toda a Tradição nos fala há 2000 anos? «A fé cristã não se refere a ideias e sim a uma pessoa, a um eu, e esse eu é definido como Palavra e Filho, ou seja, como abertura total»<sup>13</sup>. A fé que é transmitida pelo Cristianismo não é a fé dos homens (a sua ideia, teoria, ciências), mas a

---

<sup>12</sup> J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo*, 11.

<sup>13</sup> J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo*, 153.

fé-Jesus Cristo, ou seja, tudo aquilo que o Filho de Deus viveu aqui na terra, é que é anunciado.

A fé dá sentido à vida de cada homem e mulher. Porque o ser humano não entende muitas vezes, aquilo que vê, toca, e sente; a fé ajuda-o a perceber a realidade que está diante de si. A fé ajuda o ser humano a perceber aquilo que vê, toca e sente<sup>14</sup>.

Perante uma cultura, onde notamos uma falta de compromisso, onde as pessoas muitas vezes querem ter a sua própria fé, o Cristianismo é desafiado a apresentar uma fé de compromisso, que apela à conversão de coração e vida. «Sem essa volta ou viragem na existência, sem essa resistência à gravidade natural, não pode haver fé. Sim, a fé é a conversão na qual o ser humano descobre que está a perseguir uma ilusão quando se atém exclusivamente às coisas palpáveis. É essa também a razão mais profunda da não-demonstrabilidade da fé: ela é uma viragem do ser, e só quem se vira pode recebê-la»<sup>15</sup>. A fé é dom: não pode ser percebida e vivida sem uma conversão de coração.

Se a fé exige acreditar na realidade invisível, sabendo que «a fé é garantia das coisas que se esperam e certeza daquelas que não se vêem» (Hb 11,1), o Cristianismo não pode ser apresentado sem a fé, não passará de uma simples instituição religiosa no meio de muitas outras. Porque a novidade da fé cristã é que ela não rejeita a razão humana, mais veio complementá-la, levá-la à perfeição, porque a razão sem a fé fica cega, e a fé sem a razão é fideísmo. A fé cristã apresenta-se como revelação, não a revelação de uma notícia estritamente humana, mas de Deus feito homem, a luz para o mundo. A fé cristã é testemunho da vida que veio dar a vida em abundância (cf. Jo 10,10), e apela a todos os homens a aderirem esta vida.

Portanto o Cristianismo, diante de uma sociedade em constante evolução tecnológica, económica, bioética, dum moral sem Deus no centro, nunca pode correr o risco de apresentar uma fé desligada da sua fonte original, isto é, Jesus Cristo. O Filho de Deus diz-nos: «<sup>6</sup> Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém pode ir até ao Pai senão por mim. <sup>7</sup>Se ficastes a conhecer-me, conhecereis também o meu Pai. E já o conheceis, pois estais a vê-lo» (Jo14,6-7). É esta a fé que devemos viver e anunciar. Uma fé que é caminho para os que andam perdidos, verdade para os que andam em busca da verdade e vida para os que precisam de dar e encontrar sentido nas suas vidas.

Não pode haver o anúncio da fé desligada de Cristo, nem da Tradição, porque «crer em Deus ganha, portanto, o sentido de firmar-se em Deus, acto esse que dá ao

---

<sup>14</sup> J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo*, 35.

<sup>15</sup> J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo*, 36.

homem uma base sólida para a sua vida. Com isso, a fé é descrita como o fincar o pé ou colocar-se com confiança no chão da Palavra de Deus»<sup>16</sup>. Deixar bem claro que a fé cristã não é uma teoria, nem uma ciência, mas sim dom de Deus para a humanidade.

A fé cristã não está desligada do tempo nem do espaço porque, embora em todo o tempo a fé seja anunciada com a linguagem do Evangelho, ela tem em conta os sinais dos tempos, sem desprezar as mudanças e os desafios de cada geração. Porque a fé cristã está profundamente ligada às forças propulsoras essenciais dos tempos modernos<sup>17</sup>.

Mas o que é afinal ter fé? Ratzinger responde dizendo: «É o acto de o ser humano se firmar na realidade como um todo, sem que esse acto seja redutível ao conhecimento, por ser incomensurável em relação ao conhecimento; é a atribuição de sentido sem a qual o ser humano no seu todo ficaria fora do lugar; é um sentido que é anterior ao calcular ou agir, porque só pode fazê-lo onde haja um sentido que o sustente»<sup>18</sup>. A fé envolve todas as dimensões do ser humano, ela não pode ser vivida só numa esfera teórica, mas deve estar presente em tudo aquilo que o indivíduo faz. Pela sua fé será salvo, pela fé o futuro terá um sentido, porque todo o ser humano é um ser do futuro, a quem é pedido que acredite e se abandone (confie) a um Deus que vem ao seu encontro e dá sentido a toda sua existência. Sem a fé, o mundo em todo seu desenvolvimento acabará por perder o seu horizonte, que é estar em comunhão com Deus.

Qual é o conteúdo da fé cristã? A fé que o Cristianismo anuncia, tem que ter o quê como conteúdo? É curioso verificar que Ratzinger, ao falar da fé na obra *Introdução ao Cristianismo*, quando aborda a questão do conteúdo que deve fazer parte da fé cristã, nos diz que esse conteúdo é Cristo crucificado-ressuscitado mas sublinha que, de uma forma concreta, ele se exprime no amor que Jesus nos transmitiu e nos pede para viver. «Porque acreditar num Cristo entendido dessa maneira significa simplesmente fazer do amor o conteúdo da fé, de modo que se possa afirmar, sem rodeios, que amor é fé»<sup>19</sup>.

Se o resumo dos Dez Mandamentos é amar a Deus acima de tudo, com todas as nossas forças, com todo nosso coração, força, alma, e amar ao próximo como a nós mesmo, então esse amor, que é conteúdo da fé, não pode ser um simples amor humano,

---

<sup>16</sup> J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo*, 48.

<sup>17</sup> J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo*, 48.

<sup>18</sup> J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo*, 50.

<sup>19</sup> J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo*, 152.

mas aquele amor que nos foi deixado na Cruz e que todos nós devemos viver e transmitir. O Cristianismo nunca pode falar da fé isolada do amor: sendo o amor conteúdo da fé, tudo aquilo que é realizado na pastoral deve ter o amor sempre como centro de tudo. Tudo passará, mas o amor jamais passará (cf. 1 Cor 13,8).

Se o amor é o conteúdo da fé, podemos afirmar que a fé e o amor são a mesma realidade e, nesta mesma linha, podemos declarar que a fé e o amor são o próprio Deus encarnado, porque «<sup>8</sup>aquele que não ama não chegou a conhecer a Deus, pois Deus é amor. <sup>9</sup>E o amor de Deus manifestou-se desta forma no meio de nós: Deus enviou ao mundo o seu Filho Unigénito, para que, por Ele, tenhamos a vida. <sup>10</sup>É nisto que está o amor: não fomos nós que amámos a Deus, mas foi Ele mesmo que nos amou e enviou o seu Filho como vítima de expiação pelos nossos pecados» (1 Jo 4,8-10). O rosto visível da fé é o amor e o sustento do amor é a fé, não uma fé desencarnada, mas que tem o olhar sempre n'Aquele que nos amou primeiro e que Deus “fez pecado” (cf. 2 Cor 5,21) para nos tirar da condição da morte eterna.

A fé e o amor continuam a ser a única estrada do ser humano para Deus; deste modo, o Cristianismo é desafiado a ser esta estrada do homem para Deus. Não podemos confundir a fé com uma simples religião – «ainda se pode certamente fundar uma religião, mas nunca uma fé»<sup>20</sup>. Todo homem por sua iniciativa pode fundar uma religião, uma casa de culto, mas nunca pode dar a fé aos outros. A fé e o amor é dom oferecido, em que somos convidados a partilhar, a viver desses dons recebidos do Filho de Deus.

Consequentemente, podemos frisar que o Cristianismo é a forma mais elevada e mais madura de consciência religiosa<sup>21</sup> – não porque é a religião verdadeira, mas porque conseguiu fazer a síntese entre a fé, a razão e a vida.

Nós nunca podemos apresentar a fé como algo que depende exclusivamente da nossa capacidade, que é criada por nós, porque «ela é o relâmpago da acção divina, a qual sem e até contra os nossos cálculos, cai em cima de nós e se abate com toda a sua força. A fé é a pura contradição, aquilo que não podemos fundamentar, porque é ela que nos funda e antecipa todo o nosso sentido. Ela é a acção de Deus, sem ponto de apoio em nós»<sup>22</sup>.

---

<sup>20</sup> J. RATZINGER, *Fé e Futuro* (Estoril: Princípios 2008 [Original 1970]) 62.

<sup>21</sup> J. RATZINGER, *Fé e Futuro*, 62.

<sup>22</sup> J. RATZINGER, *Fé e Futuro*, 64.

O Cristianismo não é um caminho já feito mas por fazer e, na mesma óptica, a fé exige uma procura, um entendimento e uma entrega/abandono, porque só aquele que se abandona ao mistério divino consegue ser tocado por este mistério-Jesus Cristo. Sem a conversão, sem mudança da existência, sem uma viragem do ser, não há grande margem de progressão para que a fé cristã faça maravilhas na vida de cada ser humano.

A fé é a maior riqueza que o Cristianismo recebeu como dom, e que pode levar a vida eterna a cada ser humano. Mas a fé cristã não é uma ideia, é vida; ela é encarnação, obediência, serviço, auto-superação, libertação (da ilusão). É esta fé cristã que deve ser anunciada, desafiada a cada homem e mulher para que se deixem tocar por ela, de modo a que a sua vida seja uma existência segundo a vontade de Jesus Cristo.

Então, qual deve ser a atitude de uma fé cristã anunciada num mundo em constante mudanças, cheio de pluralismo cultural? Ratzinger diz-nos: «A fé deve manter-se firme na posição de abertura à totalidade e, portanto, à radicalidade da interrogação sobre a verdade, que não se deixa colocar positivamente entre parêntesis»<sup>23</sup>. O Cristianismo nunca pode mudar a sua forma de anunciar a fé, com a tentação de agradar a alguns, mas a sua missão é anunciar sempre a fé recebida dos Apóstolos, aquela fé que cada cristão professa no Símbolo do Credo. O que deve fazer é procurar anunciar a fé cristã com novo ardor, novos métodos, ter o Evangelho como fonte, como testemunho principal de tudo aquilo que faz dela uma religião credível.

A fé deve, em primeiro lugar, provar a sua legitimidade, revelando-se, no seu próprio ser, internamente provida de sentido e apresentando-se como um todo cheio de sentido e pode constituir uma opção possível, passível de ser responsabilmente assumida por um ser humano. A fé deve adaptar-se ao pluralismo do espírito humano, que já não é possível anular; no contexto desse pluralismo, a fé apresenta-se como uma oferta de sentido que é compreensível<sup>24</sup>.

O Cristianismo nunca deve recuar no anúncio da fé, porque é a fé cristã que dá sentido a vida de cada ser humano e que, diante de um esvaziamento cultural que procura cada vez mais pôr o homem no centro e Deus à parte, numa *overdose* de ofertas sobre o psicologismo espiritual, desafia cada indivíduo a viver segundo ela mesma, segundo essa fé, que não é uma ideia, mas sim o seguimento de uma Pessoa, que é a resposta a todas as questões existenciais, antropológicas, teológicas, que o ser humano está sempre a levantar.

---

<sup>23</sup> J. RATZINGER, *Fé e Futuro*, 79.

<sup>24</sup> J. RATZINGER, *Fé e Futuro*, 79.

Há que assumir o pluralismo, usando a palavra do mundo para levar a fé ao coração de cada homem e mulher, sem pôr de lado a linguagem do Evangelho, porque em «verdade, a palavra de Deus é viva, eficaz e mais afiada que uma espada de dois gumes; penetra até à divisão da alma e do corpo, das articulações e das medulas, e discerne os sentimentos e intenções do coração» (Hb 4,12).

A fé cristã é a luz que o mundo precisa cada vez mais, para que possa sair das trevas, para podermos afirmar, quando vemos pessoas a falar da crise que as sociedades actuais enfrentam, que essa crise é a ausência da luz da fé na vida de cada ser humano, porque «a luz da fé possui um carácter singular, sendo capaz de iluminar toda existência do homem»<sup>25</sup>.

O Cristianismo ao receber a luz da fé, não pode fazer desta luz sua propriedade exclusiva, tem antes a obrigação de a partilhar com toda a humanidade, indo até aos confins do mundo levando esta luz da fé (cf. Act 1,8). A fé é a luz para as trevas (tristezas, perdas, depressão, catástrofes naturais, guerras, etc.), que deve ser levada a todos de modo a vencerem as suas trevas, tornando filhos da luz/fé.

A fé cristã obriga, em bom sentido, cada ser humano a vencer o seu egoísmo, porque «a fé é luz que vem do futuro, que descerra diante de nós horizontes grandes e nos leva a ultrapassar o nosso “eu” isolado abrindo-o à amplitude da comunhão»<sup>26</sup>. Há que apelar a cada ser humano a viver em comunhão, não desprezando o seu próximo – ninguém consegue viver sozinho –, e perceber que a fé não pode ser vivida individualmente, mas sim numa comunidade (família, igreja doméstica, paróquia, diocese).

Ao escrever algumas linhas sobre a fé cristã, surge-nos uma inquietação: essa fé é uma fé em quê ou em quem, como é que ela pode ajudar o mundo actual? O papa Francisco, na sua primeira *Carta Encíclica Lumen Fidei* responde-nos dizendo: «Portanto, a fé cristã e fé no Amor pleno, no seu poder eficaz, na sua capacidade de transformar o mundo e iluminar o tempo. A fé identifica, no amor de Deus manifestado em Jesus, o fundamento sobre o qual assenta a realidade e o seu destino último»<sup>27</sup>. Essa fé cristã que apela à conversão total de coração e seguimento do chamamento de Jesus Cristo, que desafia a cada um, segundo a sua capacidade, a ser verdadeiro

---

<sup>25</sup> PAPA FRANCISCUS, *Litterae Encyclicae Lumen Fidei*, n. 4.

<sup>26</sup> PAPA FRANCISCUS, *Litterae Encyclicae Lumen Fidei*, n. 15.

<sup>27</sup> PAPA FRANCISCUS, *Litterae Encyclicae Lumen Fidei*, n. 15.

obreiro/testemunho na edificação do Reino de Deus Pai. A fé cristã está assente em Cristo, origem primeira de todas as formas da vivência da fé.

Se o conteúdo da fé é o amor, a luz da fé deve ser o seu conteúdo, e cada ser humano deve deixar-se transformar-se no conteúdo da fé, dilatando o seu coração, de modo que toda a sua vida seja um prolongamento constante do amor para com os outros. O Cristianismo é o lugar onde esta luz da fé brilha e onde cada ser humano pode viver em comunidade o verdadeiro sentido do conteúdo da fé. Ser a luz da fé, testemunho do amor para a humanidade, é o que é pedido a religião católica, hoje e sempre.

O mistério fundamental do Cristianismo é a encarnação de Deus, e pelo que deve anunciar este mistério, desafiando todos os seres humanos a acolherem este Deus Conosco, que quer habitar na casa-coração de cada homem e mulher.

Este acolher a fé encarnada na nossa vida não é um simples querer, mas deixar-se transformar em tudo segundo as maravilhas que este dom derramado no nosso coração realiza. Identifiquemos a nossa vida com a vida do Verbo feito homem, isto é, com a fé encarnada, a fé cristã, não uma simples identificação com a vida do Filho de Deus, mas é a participação íntima em seu amor criador e salvífico. Nunca esqueçamos que só uma fé proveniente de Deus é credível de ser anunciada e que o Espírito Santo dá a cada um conforme o desejo da Santíssima Trindade, esperando uma resposta livre e plena de cada ser humano.

Podemos frisar com muita convicção que a fé cristã, como dom de Deus, é-nos oferecida com «a obrigação interior de enviar todos os povos à escola de Jesus, porque ele é a verdade em pessoa e, portanto, o caminho do ser humano»<sup>28</sup>. Portanto, cabe à fé cristã ser o anúncio do encontro da pessoa com Jesus, não um anúncio da estrutura do credo, das doutrinas, sem desafiar a cada indivíduo a ir ao encontro d'Aquele que é a vida, a verdade e o caminho.

A fé cristã não é estática, não é um edifício acabado, nem é um sistema, mas sim um caminho e dom de Deus. Ratzinger diz-nos que «a fé cristã não é um sistema. Não pode ser vista como um edifício terminado. É um caminho, e é próprio de um caminho que, só entrando nele, se possa saber como nele caminhar»<sup>29</sup>. Não basta proclamar o

---

<sup>28</sup> J. RATZINGER, *Fé – Verdade – Tolerância. O Cristianismo e as grandes religiões do mundo* (Lisboa: UC Editora 2006 [original 2003]) 64.

<sup>29</sup> J. RATZINGER, *Fé – Verdade – Tolerância*, 131.

credo, ou simplesmente tomar parte nas celebrações litúrgicas, é necessário não deixar de procurar as razões da nossa fé cristã.

A fé cristã não é um percurso rectilíneo, este caminho pode ter recuo, quedas, obstáculos, mas tudo isso pode ser ultrapassado se fixarmos o nosso olhar n'Aquele que é o nosso refúgio – fixar o olhar em Jesus Cristo é o acto principal da fé cristã. Quando voltamos o nosso olhar sobre nós, a nossa fé acaba por se afundar (cf. Mt 14,30-31). A fé cristã exige e apela a uma plena comunhão com o Filho de Deus.

«A fé é comunhão com Jesus, e deste modo libertação da repressão que se opõe à verdade, libertação do meu eu do seu fechamento em si mesmo para dele fazer uma resposta ao Pai, ao sim do amor, ao sim para o ser, àquele sim que é a nossa redenção e que vence o “mundo”»<sup>30</sup>. Uma fé cristã em comunhão com o Verbo encarnado, e que confia naquilo que a comunidade dos crentes vive, consegue libertar o ser humano da sua tentação de não ir ao encontro da visão d'Aquele que purifica o coração, e faz nos andar sobre as ondas (que podem ser as nossas dúvidas, medo, insegurança, racionalismo, indiferença).

## **1.2. Cristãos chamados a fazer do amor conteúdo da fé revelada: Cristianismo como escola do amor e serviço da verdade**

Todo o cristão é chamado, convocado por Jesus Cristo, através da sua Esposa Igreja, a fazer parte da escola do amor-fé-vida. Todo o cristão tem que viver aquilo que os Apóstolos viveram e anunciaram; para isso, devem responder livremente ao chamamento de Deus feito homem que diz a cada um de nós: «se queres ser perfeito, vai, vende o que tens, dá o dinheiro aos pobres e terás um tesouro no Céu; depois, vem e segue-me» (Mt 19,21). O cristão é aquele que segue Cristo, anuncia o Evangelho, porque o Cristianismo é o lugar onde se anuncia a Palavra do amor, vida e fé a todos os homens.

Mas o que é isso de ser cristão segundo a fé cristã anunciada pelos Apóstolos? Citando Ratzinger: «ser cristão significa para São João ser como Filho, tornar-se Filho, e isso quer dizer não persistir para si e em si, mas sim viver totalmente aberto na relação

---

<sup>30</sup> J. RATZINGER, *Olhar para Cristo. Exercícios de fé, esperança e caridade* (Coimbra: Tenacitas 2006) 47.

“a partir de” e na direcção de”»<sup>31</sup>. Mais à frente na mesma obra ele diz: «Ser cristão significa essencialmente passar do ser em prol de si mesmo para o ser em prol dos outros»<sup>32</sup>. Ninguém pode ser cristão sem acolher o dom do anúncio da Boa Nova, ser outro Cristo no meio dos homens e das mulheres.

Contudo, o cristão deve ser alguém que tem a noção de que sozinho não consegue responder nem cumprir a missão pedida por Cristo através da Igreja. Ele deve viver segundo o dom recebido no baptismo, abrir cada vez mais o seu coração ao dom da fé e do amor. O cristão é chamado por Jesus Cristo para estar com Ele e ser pescador de homens (cf. Mc 1,17). Estar com Jesus implica ser homem da oração e de uma grande intimidade com o Filho de Deus. Só a partir desta intimidade com Deus feito homem, cada cristão pode desafiar os outros a colocar Jesus no centro das suas vidas, porque Ele é o caminho, a verdade e a vida.

Mas o que deve anunciar o cristão e como deve actuar? O cristão não anuncia as suas ideias, muito menos os seus desejos, mas sim anuncia as palavras, os gestos de Cristo, porque Ele diz: «Eu sou o pão da vida. Quem vem a mim não mais terá fome e quem crê em mim jamais terá sede» (Jo 6,35). O cristão deve ser o pão para que os outros saciem as suas fomes, e essa fome é acreditar e colocar Jesus Cristo no centro da vida.

O cristão não pode viver num egoísmo; se o fizer, está a viver “antes de Cristo”. É convidado a viver hoje com e para Cristo, esvaziando-se de si mesmo, tomando a cruz de Cristo (cf. Mt 16,24-28). Porque «enquanto vivermos do egoísmo, da concentração em nós próprios, estaremos, ainda hoje, “antes de Cristo”»<sup>33</sup>. O cristão não deve viver nem antes de Cristo nem depois de Cristo, deve viver no hoje com e em Cristo, porque Ele nos convida a sermos os anunciadores da nossa geração.

O cristão deve ser como a lua – não tem luz própria, recebe a luz (que é Cristo), e deve levá-la aos outros, para que vivam da e na luz e não nas trevas. «Cristão é aquele que sabe, antes de mais, que vive sobretudo de dons que lhe são concedidos, que toda a justiça só pode consistir em transformar-se também num doador semelhante ao mendigo que, na sua gratidão, redistribui pelos outros aquilo que recebeu»<sup>34</sup>.

Ninguém pode receber o dom da vida, o dom da fé e não anunciar aos outros as maravilhas que Deus vai fazendo na sua vida. O cristão não pode ser uma pessoa

---

<sup>31</sup> J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo*, 135.

<sup>32</sup> J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo*, 188.

<sup>33</sup> J. RATZINGER, *Do sentido de ser cristão* (Cascais: Principia 2009) 36.

<sup>34</sup> J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo*, 189.

egoísta, mas sim, anunciador do Evangelho, que é a vida para toda a humanidade, porque Jesus veio para que todo o ser humano tenha a vida e a tenha em abundância (cf. Jo 10,10).

A missão fundamental de cada cristão é estar ao serviço da fé cristã, e não perder muito tempo a discutir quantos Deus vai salvar, deve antes acreditar que o Senhor todo misericordioso veio para salvar a todos.

Sobre este assunto diz Ratzinger: «Aquilo com que nos devemos preocupar não é sobre se os outros podem ser redimidos, nem como... A questão que nos inquieta é, em boa verdade, como é que ainda é necessário que nós estejamos de serviço à fé cristã; como é que, quando existem tantos outros caminhos para o céu e para a redenção, ainda nos seja exigido que tenhamos de suportar todo o peso do dogma da Igreja e do carácter da Igreja, dia após dia»<sup>35</sup>.

Somos desafiados por Deus feito homem a preocupar-nos principalmente em sermos verdadeiros anunciadores do Reino, acolhedores daqueles que Ele vai colocando nos nossos caminhos, porque a salvação não é uma questão individual mas comunitária, pelo que Ele nos utiliza como instrumentos para levar Seu amor e verdade a todos. O desafio constante, quotidiano, de cada cristão é lutar pela união plena da humanidade com Deus. Ser cristão é saber viver em comunidade, ser membro activo na edificação do corpo de Jesus, ou seja, na construção da Igreja.

Mas ser cristão é já garantia da entrada no Céu, da participação na visão beatífica de Deus? O facto de sermos cristãos não é nenhuma garantia de que a nossa salvação esteja já segura, ou de que não precisamos de trabalhar para merecer entrar na glória de Deus. «Ser cristão mais não é do que dizer sim a este movimento e colocar-se ao seu serviço. Tornar-se cristão não é garantia de um prémio individual, não é a reserva privada de um bilhete de entrada no Céu, que nos permite olhar de cima para os outros e afirmar: “Tenho o que os outros não têm; já me foi fornecida a redenção que os outros não têm”»<sup>36</sup>. Jesus ensina a cada cristão outro caminho, que passa por: sair de si mesmo e dar testemunho, preocupar-se com o irmão, sair a partilhar, sair a perguntar. Só assim crescerá o nosso olhar de fé quando pomos em prática a Palavra de Deus em obras concretas.

O cristão é desafiado a ser verdadeiro sal e luz do mundo e não a agir como se fosse o dono da salvação. O facto de ser cristão exige a cada ser humano a capacidade

---

<sup>35</sup> J. RATZINGER, *Do sentido de ser cristão*, 42.

<sup>36</sup> J. RATZINGER, *Do sentido de ser cristão*, 50.

de cumprir a missão pedida por Jesus Cristo, em anunciar o Reino de Deus. Porque este mundo que anda esvaziado de amor, com sede do amor de Deus, deve ter alguém no seu meio que seja verdadeiro testemunho daquela palavra que dá vida, transforma o coração de cada indivíduo. O cristão é aquele que está sempre pronto a prestar o serviço que Deus quer que ele conceda na história. Porque ao dispor-se a uma vida cristã, o ser humano está a aceitar a missão de ser servidor dos outros, anunciador do amor de Deus.

«Desta forma, tornarmo-nos cristãos não é sinónimo de agarrar qualquer coisa só para nós; pelo contrário, significa deixar de lado o egoísmo, que só se conhece a si próprio e que só pensa em si próprio, e assumir a nova forma de existência daqueles que vivem uns para os outros»<sup>37</sup>. Deus quer habitar no coração de cada homem e conta com o apoio de cada cristão em ser testemunho, anunciador do Seu amor; para isso, o cristão deve diminuir para que Cristo aumente nele e possa vir a dizer, como S. Paulo, «já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim» (Gl 2,19-20).

Não pode haver cristão sem Cristo e sem Igreja, sem vontade de ser outro rosto do amor de Deus no meio dos homens. A credibilidade do ser cristão passa em viver para o outro, em servir o outro, na dedicação plena, na entrega total numa busca da compreensão de que só o amor de Cristo salvará este mundo. Somos cristãos para realizar a vontade, o projecto de Deus, ser outro Cristo, ter a vontade de Deus Pai como o nosso principal alimento. Porque o Filho de Deus não veio para ser servido mas para servir (cf. Mt 20,28) e ensina-nos que o poder do amor é o serviço.

Mas qual é a essência do ser cristão? Podemos arriscar, e é um risco aceitável, afirmar que a essência do ser cristão é amar como Jesus amou, ter o amor de Deus Pai como a fonte de toda a acção. Porque aquele que não ama não pode ser cristão. Quem ama é cristão. «Porque o amor, que aqui é descrito como a essência de ser cristão, exige de nós que tentemos amar da mesma forma que Deus ama. Ele não nos ama por sermos especialmente bons, especialmente virtuosos, especialmente merecedores, por lhe sermos úteis, ou mesmo necessários: Ele não nos ama por sermos bons, mas porque Ele é bom. Ele ama-nos apesar de nada termos para lhe oferecer»<sup>38</sup>.

O cristão é chamado a ser verdadeiro discípulo do amor que recebe de Jesus Cristo, porque amar de forma cristã não significa amar só com as nossas forças, os nossos sentimentos, mas sim amar como Jesus amou, porque, «amar de forma cristã, ou seja, amar como Cristo nos explicou o amor, significa sermos bondosos para aquele que

---

<sup>37</sup> J. RATZINGER, *Do sentido de ser cristão*, 51.

<sup>38</sup> J. RATZINGER, *Do sentido de ser cristão*, 67.

precisa da nossa bondade, mesmo que não simpatizemos com ele»<sup>39</sup>. Podemos então dizer que o cristão é convidado a ser como que o rio onde passa o amor de Deus.

Não deve pôr no centro a sua própria vida, mas sim o amor de Deus, porque quando colocamos no centro da vida cristã o amor de Deus, toda a nossa missão se tornará “mais fácil”, e perante as dificuldades e perseguições, não deixará de anunciar, porque confia totalmente no amor de Deus crucificado. O cristão é convocado para amar o Amor e ser discípulo do amor no meio dos homens.

Se ser cristão significa ter o amor, porque nós precisamos da fé? Porque precisamos dos dogmas, dos teólogos e dos sermões dos padres? Contudo, antes disso, vale a pena reflectir sobre a implicação que o amor de Deus tem na vida de cada cristão. Se ser cristão significa ter o amor, podemos dizer que o cristão não pode viver só para si, mas deve realizar uma transformação profunda na sua vida e considerar que no centro do universo está Deus e os outros e não ele. Portanto, ser cristão é viver em prol do outro, fazendo a sua vida um verdadeiro acontecimento do amor de Deus Homem.

Mas, como ser cristão pode ser algo extremamente opressivo, onde Jesus nos diz que iremos ser perseguidos, colocados na prisão, nessa óptica precisamos da fé. Ratzinger diz: «É aqui que entra a fé. Porque no fundo, ela só significa que este défice do nosso amor, de que todos padecemos, foi preenchido pela superabundância substituta do amor de Jesus Cristo»<sup>40</sup>. Portanto, sendo o amor o conteúdo da fé, a fé é aquele ponto que se identifica plenamente com o amor.

Precisamos da fé para reconhecer as nossas limitações e ver que Jesus Cristo é o nosso sustento. «Ter fé mais não significa do que admitir que temos esse défice; significa abrimos a mão e deixar que nos seja dado esse presente»<sup>41</sup>. Ser cristão não depende exclusivamente da capacidade do ser humano; ele necessita da fé, como uma virtude teologal, de modo a saber lidar com os factos do quotidiano. Porque só uma fé firme, centrado na Pessoa de Jesus Cristo pode pôr fim ao egoísmo de cada indivíduo-cristão, de modo a colocar o outro em primeiro lugar. Porque a essência do ser cristão é estar ao serviço do outro, amar como Jesus ama cada homem e mulher.

Mas, perante uma sociedade onde a indiferença para com o próximo é um dos grandes flagelos, pessoas que não preocupam com o outro e nem querem ter um compromisso com Deus feito homem, podemos perguntar que tipo de cristão devemos

---

<sup>39</sup> J. RATZINGER, *Do sentido de ser cristão*, 67.

<sup>40</sup> J. RATZINGER, *Do sentido de ser cristão*, 71.

<sup>41</sup> J. RATZINGER, *Do sentido de ser cristão*, 71.

ser para a nossa geração? Jesus Cristo responde-nos dizendo: «<sup>13</sup>Vós sois o sal da terra. Ora, se o sal se corromper, com que se há-de salgar? Não serve para mais nada, senão para ser lançado fora e ser pisado pelos homens. <sup>14</sup>Vós sois a luz do mundo. <sup>16</sup>Assim brilhe a vossa luz diante dos homens, de modo que, vendo as vossas boas obras, glorifiquem o vosso Pai, que está no Céu» (Mt 5,13-14.16).

O tipo de cristão que devemos ser, segundo aquilo a que a credibilidade do Cristianismo nos apela, é ser verdadeiros testemunhos da verdade e do amor. O cristão deve ser sal da terra e luz do mundo, porque o sal conserva o amor recebido e deve distribuir esse amor a todos; ele deve ser a luz da verdade que habita no seu meio e ajudar os outros a serem verdadeiros homens e mulheres da verdade encarnada, porque a verdade habita no coração do homem. Deve ser o bom samaritano, que cuida do outro sem esperar algo em troca, porque o bem da humanidade depende muito das nossas acções ou omissões. O cristão é o samaritano, que desce do seu cavalo e coloca o outro (desprezado, assaltado, esquecido) em cima do cavalo.

O cristão é o sal da terra, para que os outros possam conservar a alegria de serem discípulos de Jesus, e também a luz do mundo, para que os indivíduos possam vir a ver a glória de Deus. Portanto, é isto o ser cristão, servidor de quem precisa. É esta também a função do sal, dar um sabor novo a todas as coisas. A preocupação pelos outros, o anúncio de Jesus Cristo aos outros, o cuidar dos outros no corpo e no espírito é a indiscutível missão dos cristãos. Nesta linha podemos frisar que o cristão não deve estar sentado na sua poltrona, mas deve estar sempre disponível para servir os que passam pela sua vida.

Não podemos cair na tentação de dizer que todos aqueles que professam o credo são cristãos. «Não é por professar o nosso credo que alguém é verdadeiramente cristão, mas sim por se ter tornado verdadeiramente humano pela sua existência cristã. O verdadeiro cristão não é aquele que, pensando só em si, obedece como um escravo a um sistema de normas, mas sim aquele que chegou à liberdade da simples bondade humana»<sup>42</sup>.

Ninguém pode ser cristão só porque sabe o credo, ou porque tem muitos conhecimentos da teologia e da doutrina. Deve pôr o outro em primeiro lugar e fazer da sua vida a realização daquilo que Jesus nos pede dizendo: «<sup>19</sup>Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, baptizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito

---

<sup>42</sup> J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo*, 196.

Santo,<sup>20</sup> ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado. E sabeis que Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos» (Mt 28,19-20). Este é o verdadeiro sentido do ser cristão: acolher de coração aberto todos os dias o convite de Jesus, o “ide”, “o fazei discípulos”, até à Sua segunda vinda.

No centro de toda as actividades que um cristão realiza deve estar a caridade (o amor), porque tudo nesta vida passa, mas a caridade (o amor) jamais passará (cf. 1 Cor 13,8). Claro que é importante sabermos as ciências sagradas e humanas, mas esses conhecimentos não servirão de nada para nós e para os outros se não tivermos caridade (amor) no centro das nossas actividades (cf. 1 Cor 13, 1-3), porque só o amor é credível do ser cristão. O mundo precisa cada vez mais de um amor confiante e libertador.

Perante a decisão de alguém em ser cristão, podemos questionar o que pode sustentar a sua existência cristã? Em primeiro lugar, ninguém pode ser cristão sem acolhimento da fé, porque sem a fé todo seu esforço acaba por se revelar insuficiente, o amor transforma-se em acção arbitrária. A fé e o amor andam de mãos dadas, condicionam-se mutuamente e não podem existir um sem o outro. Podemos dizer que aquilo que sustenta a existência cristã são as virtudes teologais e, nesta lógica, não podemos deixar mais uma vez de citar o apóstolo dos gentios quando diz: «<sup>13</sup>Agora permanecem estas três coisas: a fé, a esperança e o amor; mas a maior de todas é o amor» (1 Cor 13,13).

Ser cristão exige sacrifício e, como não é um acto exclusivamente humano, apela que cada ser humano esteja disponível para abrir a porta do seu coração para que o Cordeiro Pascal possa entrar (cf. Ap 3,20). Deste modo veremos que, com Deus feito homem, a vida cristã será “mais fácil” e terá mais sentido em tudo que façamos. Apesar de exigir algum sacrifício, este sacrifício não é mais do que «deixar que Deus aja em nós – eis o sacrifício cristão»<sup>43</sup>. Quanto mais o cristão deixar Deus agir nele, mais fruto dará, e os outros verão nele o rosto de Jesus e o amor do crucificado.

Em jeito da conclusão deste ponto podemos afirmar que o sentido real do ser cristão não consiste simplesmente em querer seguir Jesus, estando na sua Igreja, mas implica uma viragem na sua vida, ser outro Cristo para servir os outros. «Mesmo então continuou viva a convicção de que não é pelo nascimento, mas sim pelo renascimento, que alguém pode tornar-se cristão: ser cristão é sempre o resultado de uma viragem na existência que se afasta da auto-satisfação da vida desatenta para “se converter”»<sup>44</sup>. O

---

<sup>43</sup> J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo*, 206.

<sup>44</sup> J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo*, 244.

cristão não pode admitir que a humanidade esteja presente com o amor anestesiado; deve pôr fogo no amor para que todos possam viver do amor salvífico de Cristo crucificado.

Ser cristão exige a vivência do Baptismo, dizer com e como S. Paulo «<sup>21</sup>É que, para mim, viver é Cristo e morrer, um lucro. <sup>22</sup>Se, entretanto, eu viver corporalmente, isso permitirá que dê fruto a obra que realizo» (Fl 1,21-22). Ser cristão é ser rosto visível de Cristo no meio de cada homem, não levando as nossas ideias e sonhos, mas as de Cristo. Mesmo que todos abandonem quem decidiu ser cristão, uma certeza ele deve ter, Jesus não o abandonará.

Afirmámos anteriormente que o cristão é aquele que ama, que deixa ser possuído por Deus que é amor. Em sintonia com J. Ratzinger podemos frisar: «E, por conseguinte, continua a ser verdade que os que amam verdadeiramente, e que, como tal, são também crentes podem ser chamados cristãos»<sup>45</sup>. Todo o homem de boa vontade é convocado por Deus a amar o seu próximo como a si mesmo, a ser verdadeiro anunciador do amor de Deus e da sua verdade encarnada. Ninguém nasce cristão, e nenhuma pessoa é cristã só pela sua própria força.

Ser cristão é um acto existencial que depende do chamamento de Deus e da resposta livre do homem, em que ele é convidado a fazer um êxodo, a esvaziar-se e encher-se de Deus, ou seja, a viver a partir do amor de Deus. «Ninguém nasce cristão, também não num mundo cristão ou quando se têm pais cristãos. O Cristianismo acontece sempre como um nascer de novo. Ser cristão começa com o baptismo, que é morte e ressurreição (cf. Rm 6), não com o nascimento biológico»<sup>46</sup>. Ninguém é cristão por si próprio, cada um é cristão pela conversão. O cristão é aquele que acredita que Deus vivo nos chama em Cristo de maneira singular, que Ele exige obediência e também espera a conversão de cada homem e mulher.

---

<sup>45</sup> J. RATZINGER, *Do sentido de ser cristão*, 73.

<sup>46</sup> J. RATZINGER, *Fé – Verdade – Tolerância*, 82.

### **1.3. Verdade e amor: será que podemos mesmo conhecer a verdade/amor?**

No mundo actual parece que a verdade é algo que melhor se conhece, porque estamos rodeados de tantas informações que muitas vezes esquecemos de questionar se aquilo que nos dizem é verdade ou não. O homem fica preso a uma relativização da verdade e o Cristianismo tem a missão de combater tal relativização. Há grande variedade de religiões, muitas ofertas de meios de comunicação. Perante tudo isso podemos questionar: o que é a verdade? Será que podemos conhecer a verdade? A verdade e o amor não são realidades abstractas – em Jesus Cristo tornam-se pessoa, isto é, o Filho de Deus dá rosto à verdade e ao amor.

Quando falamos da verdade temos que ter a consciência de que a verdade é mais do que um conjunto de noções filosóficas, teológicas ou matemáticas. A verdade é o próprio Deus que se revela, como quando divulga o seu nome a Moisés através da sarça-ardente.

Não podemos afirmar que há um só caminho para a busca do que é a verdade, mas sim que a busca do sentido da verdade é plural, «porque ela é envolvida pela experiência teologal da fé que procura alcançar sempre a realidade mesma de Deus para lá das proposições às quais adere»<sup>47</sup>.

Podemos dizer que «sem amor, a humanidade não existiria nem um só dia»<sup>48</sup>. O ser humano precisa de conhecer a verdade para poder viver livre, porque «se a verdade do homem não existe, então ele também não tem qualquer liberdade. Só a verdade liberta»<sup>49</sup>. Perante uma sociedade onde todos pensam que são donos da verdade ou do amor, o Cristianismo tem uma verdadeira missão em ajudar cada ser humano a perceber o que é isso do conhecimento da verdade e do amor.

O Cristianismo só tem um caminho para mostrar à humanidade o que é o amor e a verdade – é a partir de Jesus Cristo crucificado e ressuscitado, plenitude do amor e da verdade. Deus enviou ao mundo o Seu único Filho para nos ensinar a viver no amor e na verdade, de modo semelhante a Si, porque: «<sup>7</sup>aquele que ama nasceu de Deus e

---

<sup>47</sup> J. FARIAS, *O nome de Deus e a questão da verdade*, in *Communio* 10 (1993) 150.

<sup>48</sup> J. RATZINGER, *Deus e o Mundo. A fé cristã explicada por Bento XVI* (Coimbra: Tenacitas 2006 [Original 2000]) 163.

<sup>49</sup> J. RATZINGER, *Fé – Verdade – Tolerância*, 229.

chega ao conhecimento de Deus. <sup>8</sup>Aquele que não ama não chegou a conhecer a Deus, pois Deus é amor. <sup>9</sup>E o amor de Deus manifestou-se desta forma no meio de nós: Deus enviou ao mundo o seu Filho Unigénito, para que, por Ele, tenhamos a vida. <sup>10</sup>É nisto que está o amor: não fomos nós que amámos a Deus, mas foi Ele mesmo que nos amou e enviou o seu Filho como vítima de expiação pelos nossos pecados» (1 Jo 4,7-10). Portanto, se Deus é amor, o que é o homem? O homem é um ser criado a imagem e semelhança de Deus, isto é, chamado a viver no amor e pelo amor, fazer da sua vida um pleno cumprimento daquilo que Jesus anunciou.

Todo o ser humano deve amar porque é criado à imagem e semelhança de Deus que é amor – «pela sua intimidade, por ser imagem de Deus, foi criado para amar e para ser amado»<sup>50</sup>. Contudo, sabemos que só pode amar e perceber o que é o amor, aquele que decida percorrer o caminho que conduz ao verdadeiro amor que passa pela perda de si mesmo, por esvaziar-se de tudo aquilo que o afaste de Deus e deixar o amor de Deus actuar por si. Todo o ser humano merece ser amado e amar-se, porque aquele a quem é tirado a capacidade de amar e, na mesma linha, podemos dizer de buscar a verdade, «equivale ao vazio absoluto, no qual a pessoa vive em contradição consigo própria, ganhando a existência contornos de um rotundo fracasso»<sup>51</sup>.

O Cristianismo não pode calar-se diante do relativismo da verdade e muito menos do amor, porque aquilo que notamos é uma grande tentativa de canonização da consciência como relativismo. É a procura da verdade que liberta o homem da idolatria, porque «os deuses já não são nenhuns deuses. Como tais eles foram derrubados. A própria pergunta pela verdade retirou-lhes a divindade e fê-los cair. Revelou-se a sua verdade: eram reflexo do divino»<sup>52</sup>. A procura da verdade liberta a humanidade do seu egoísmo, da sua falta de cuidado com o outro, da sua idolatria. Essa pretensão do Cristianismo ser a verdadeira religião deve sempre centrar-se em Cristo, a verdade e o amor em plenitude.

Porém, quando falamos da verdade e do amor, se podemos conhecê-los, em primeiro lugar devemos ter a noção de que o amor e a verdade são realidades idênticas. Ratzinger sobre isto diz-nos: «Deus é Amor. Verdade e Amor são idênticas. Esta frase, entendida na sua plena pretensão, é a última garantia da tolerância: o tratamento da

---

<sup>50</sup>J. RATZINGER, *Deus e o Mundo*, 163.

<sup>51</sup>J. RATZINGER, *Deus e o Mundo*, 163.

<sup>52</sup>J. RATZINGER, *Fé – Verdade – Tolerância*, 203.

verdade que tem como única arma a própria verdade e, assim, o amor»<sup>53</sup>. Apesar dessa certeza que a verdade e o amor são realidades idênticas, o amor e a verdade devem ser ensinadas à humanidade e a cada um de nós.

O homem só pode existir se existir amor e se o caminho para o amor for ensinado. E cabe ao Cristianismo agarrar essa missão, ajudando cada indivíduo a perceber o que é isso do amor e da verdade. Mas é possível ensinar a cada pessoa o que é amar? Como é que uma pessoa aprende a amar? Recorrendo mais uma vez ao cardeal Ratzinger, ele frisa: «O amor não se aprende do mesmo modo que, por exemplo, se aprende a tocar piano ou a usar um computador. Aprende-se em todos os detalhes das nossas vidas»<sup>54</sup>.

Claro que o ser humano aprende a amar tendo como exemplos outras figuras (pais, tios, outros familiares e amigos, comunidade cristã); contudo, para sabermos o que é amar, devemos aprender a amar através da bondade à imagem de Jesus Cristo e dos santos. Aprendemos a amar amando o amor, porque Deus é amor, e só amando Deus com todo o nosso coração, alma e força, percorrendo o seu caminho, seremos capazes de perceber o que é o amor e a verdade. Só um amor desprendido, que não preocupa só em receber, mas preocupa-se em dar, pode transformar o mundo.

Sabemos que estamos numa época em que as pessoas se preocupam mais em ter do que em ser, mais em fazer do que em saber amar. Levar Deus feito homem, que morreu na cruz pela salvação de todos, às pessoas, ajudando-as a saber amar é a missão do Cristianismo, porque só o amor salvará o mundo, e a verdade libertará cada homem da sua escravidão.

Então, podemos dizer em primeiro lugar que cada ser humano pode conhecer o amor e a verdade desde que reconheça que não é dono dessas duas realidades, que ninguém é dono delas. Também pode conhecer a verdade porque o Verbo se fez carne e habitou entre os homens, revelando-nos o verdadeiro sentido do amor de Deus e da verdade. Fixando o todo seu ser no Verbo encarnado, o homem encontra o verdadeiro sentido do amor e da verdade.

Sabemos que o grande problema na busca do conhecimento da verdade e do amor passa pelo relativismo, onde cada um pensa que é dono da verdade e do amor. Sabemos que ao homem é possível compreender a verdade e o amor, mas a própria resposta do verdadeiro sentido dessas duas realidades está na própria verdade e no amor.

---

<sup>53</sup> J. RATZINGER, *Fé – Verdade – Tolerância*, 204.

<sup>54</sup> J. RATZINGER, *Deus e o Mundo*, 165.

Se o Cristianismo apresenta a cada indivíduo a verdade e o amor, a partir da Pessoa de Jesus Cristo, o Verbo feito homem, isso faz com que o problema da boa compreensão e vivência da verdade e do amor passe por um bom conhecimento e relação íntima com o Filho de Deus. Se Jesus Cristo é a verdade revelada, então podemos declarar que é na revelação do Filho de Deus que está a resposta da pergunta que colocamos: o que é isso da verdade!

«No Verbo encarnado encontramos assim “o lugar e o fundamento da verdade”. Deus revelou-se em si mesmo desde a eternidade, através do Logos: desde o momento em que o Verbo se fez carne, a verdade entrou no mundo... Quando Jesus afirma dar testemunho da verdade, isso significa: não há nenhum acesso à verdade senão através de Cristo. Ele é o caminho, a verdade, e a vida»<sup>55</sup>. Jesus Cristo é a verdade, é o amor de Deus Pai que nos desafia a não relativizar a nossa consciência, mas a pedir a Deus Pai o dom da compreensão e a sede da busca, porque o nosso coração não pode ficar quieto enquanto não repousar em Jesus Cristo, verdade e amor de Deus Pai revelado. Podemos frisar que a questão de saber o que é a verdade e o amor transforma-se em saber quem é a pessoa de Jesus Cristo.

Quando afirmamos que a verdade e o amor são o próprio Deus encarnado, «ao homem cabe caminhar na verdade divina (cf. Sl 25,5; 26,3; 86;11); é assim que a sua vida corresponde à via determinada por Deus»<sup>56</sup>. O melhor caminho que o homem pode percorrer para descobrir o que é a verdade e o amor, é caminhar na e pela verdade divina, porque o verdadeiro sentido do que é a verdade e o amor está na decisão humana de conhecer ou não a pessoa de Jesus Cristo.

Combater o relativismo da verdade e do amor (cada vez mais a sociedade nos apresenta um amor mais egoísta, carnal, cultura do individualismo) é uma missão urgente que o Cristianismo deve enfrentar, porque «o relativismo nega este contacto imanente entre o processo de descoberta parcial e a verdade perfeita [que é Jesus Cristo]»<sup>57</sup>.

Ninguém é dono ou dona da verdade ou do amor, mas relativizá-los não é a melhor opção, pelo que cabe ao Cristianismo desafiar cada ser humano a ter sede de ir ao encontro de Jesus Cristo, porque só Ele tem a resposta sobre o que é a verdade e o

---

<sup>55</sup> J. GNILKA, *Verdade. II. Na Bíblia*, in H. FRIES (Dir.), *Dicionário de Teologia 5* (São Paulo: Loyola 1971) 416.

<sup>56</sup> J. GNILKA, *Verdade*, 412.

<sup>57</sup> H. KRINGS, *Verdade. I. Em filosofia*, in H. FRIES (Dir.), *Dicionário de Teologia 5* (São Paulo: Loyola 1971) 405.

amor. O homem que não se preocupa em saber o que é a verdade ou o amor, que não quer ter uma boa relação de abandono em Jesus, acaba por viver uma não-verdade, isto é, acaba por fechar-se em si mesmo, no próprio ser do existente que se revela. Podemos frisar que a única verdade é Jesus e que só n'Ele e a partir d'Ele saberemos o que é viver na verdade e no amor.

Embora este espaço da nossa dissertação não tenha como objectivo abordar a temática do amor em si, mas o Cristianismo como manifestação da verdade e do amor, iremos agora de uma forma breve falar das formas de amor.

Segundo V. Warnach podemos distinguir algumas formas principais do amor<sup>58</sup>:

- O amor sexual ou sexo, que não equivale ao impulso sexual, mas que é produzido e determinado por ele;
- O amor psíquico ou *éros*, que denota uma avidez de um bem concreto, que deriva do sentimento; o que vale também para a amizade (*filia* ou *amor benevolentiae*) enquanto pressupõe aquele bem que desperta a “simpatia”;
- O amor puro ou pessoal em sentido próprio, que se dirige imediatamente ao “tu” do próprio amado e a que a Escritura chama quase sempre *ágape*.

Como é que o ser humano pode viver plenamente o amor que é revelado na pessoa de Jesus Cristo? Como podemos fazer da nossa vida o espelho daquilo que Jesus viveu? Só a partir de uma identificação plena com a vontade do Deus Pai, acolhendo o amor «como dom, ou seja, virtude infusa, o *ágape* faz possível o verdadeiro desenvolvimento do nosso ser pessoal, cooperando com o amor eterno de Deus, e aparece portanto como o centro da realidade da salvação»<sup>59</sup>.

Conseguiremos viver o amor que Deus nos revela a partir do Seu Filho Jesus Cristo, a partir de uma transformação radical, por uma mudança profunda no nosso eu, configurando-o com o Eu de Jesus, isto é, a partir da conversão; pela comunhão de morte com Cristo na fé e no sacramento, e só a partir dessa transformação radical, podemos experimentar o amor de Deus, que nos amou primeiro. Portanto, podemos dizer que, quanto mais abandonamos o nosso eu neste morrer com Cristo, como diz S. Paulo «já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim» (Gl 2,19-20), tanto mais nos reencontramos a nós mesmos como verdadeiros homens à imagem de Jesus, o homem novo.

---

<sup>58</sup> V. WARNACH, *Amor*, in H. FRIES (Dir.), *Dicionário de Teologia* 1 (São Paulo: Loyola 1970) 66.

<sup>59</sup> V. WARNACH, *Amor*, 87.

O homem nunca pode actuar como se fosse o dono da verdade ou do amor; pelo contrário, ele é mendigo, ou seja, «nós não somos juízes mas mendigos. Só ao coração vigilante e humilde a verdade se mostra»<sup>60</sup>. Deus revela a cada homem o que é a verdade e cabe a cada indivíduo acolhê-la, não deixar de procurar o verdadeiro sentido da verdade (e do amor).

Sabemos que às vezes o ser humano põe a sua vontade e o seu conhecimento acima da pretensão da procura da plena verdade revelada.

Quando o homem coloca a sua vontade, a sua soberba e a sua comodidade acima da pretensão da verdade, tudo, no fim, é invertido. Deus, a quem é devida adoração, deixa de ser adorado, são adoradas as imagens, a aparência, a opinião que se impõe e que adquire domínio sobre o homem (...) o homem que vive contra a verdade vive também contra a natureza<sup>61</sup>.

O homem nunca pode deixar de ter a pretensão da verdade, porque é a partir desta busca que ele saberá quem ele é, e que não é dono da verdade muito menos do amor, mas sim aquele que busca perceber e viver o sentido da verdade e do amor revelado – só assim encontrará o verdadeiro sentido da sua existência.

O Cristianismo é um caminho a percorrer, não um edifício acabado, e nessa óptica nunca deve parar de perceber o verdadeiro sentido da verdade e do amor revelado, porque «o amor não só é possível, mas é o que há de mais necessário. Sem o amor, nem Deus nem o homem existiriam»<sup>62</sup>. Deixar de perceber o verdadeiro sentido do amor e da verdade, levará o Cristianismo para o abismo, porque o amor é a fonte de integração humana.

O amor é o caminho do homem para Deus e de Deus para o homem, e este caminho é um caminho de luz, pois quem ama, permanece na luz. Amar é uma bela e nobre tarefa da qual ninguém deveria sentir-se dispensado. A falta de amor, não só afasta o homem de Deus, mas torna o homem irreconhecível. Quem não ama é como se não existisse, quem ama, vive e sai do reino da morte<sup>63</sup>.

Nenhum ser humano pode ter o conhecimento da verdade ou do amor só com as suas capacidades – precisa do dom da fé, e da comunidade. A fé abre a sua visão e dilata o coração para acolher o mistério da verdade e do amor revelado. Ninguém sabe tudo, mas juntos sabemos o necessário; a fé forma a rede de dependência recíproca de pessoas

---

<sup>60</sup> J. RATZINGER, *Olhar para Cristo*, 32.

<sup>61</sup> J. RATZINGER, *Olhar para Cristo*, 36.

<sup>62</sup> J. GARCÍA ROJO, *Se Deus é amor, o que é o homem?*, in J.-R. FLECHA (Coord.), *Deus é amor. Comentários à Encíclica de Bento XVI Deus Caritas Est* (Coimbra: Gráfica de Coimbra 2 2007) 115.

<sup>63</sup> J. GARCÍA ROJO, *Se Deus é amor, o que é o homem?*, 117-116.

que se apoiam e são apoiadas. O homem foi criado por amor e para amar. Podemos frisar nesta óptica que o amor é a vocação fundamental do homem. Portanto, mais do que nunca nestes tempos de ódio e de hostilidade, precisamos de redescobrir a humanidade do amor, de amar o amor e de acreditar nele, porque «o amor é o melhor antídoto contra a desumanização e contra a falta de fé em Deus»<sup>64</sup>.

Há uma íntima relação entre a fé, a verdade e o amor; precisamos da fé cristã para acreditamos naquilo que está para além da nossa razão; também é esta fé cristã que nos dá a confiança para fazermos do saber revelado o nosso saber. Contudo, devemos saber que «a fé cristã é, na sua essência, participação na visão de Jesus, mediada pela sua palavra, que é a expressão autêntica da Sua visão. A visão de Jesus é o ponto de referência da nossa fé, a sua ancoragem concreta»<sup>65</sup>. Uma procura da verdade e do amor que não assente na visão de Jesus, que não tenha como objectivo e destino concreto a morada de Deus Pai, pode acabar por chegar a uma encruzilhada sem luz e sem lógica humana e divina. A verdade e o amor só podem ser bem compreendidos e vividos a partir do acolhimento da fé e de uma identificação com a cruz de Jesus.

Muitas vezes as pessoas questionam-se como podem viver o amor e a verdade revelada por Deus, num mundo cheio de ódio, maldade, guerras, fomes, etc. Podemos responder, afirmando que à semelhança da pergunta que o jovem rico coloca a Jesus sobre o que deve fazer para alcançar a vida eterna (cf. Mt 19,16-22), cada ser humano, para viver no amor e na verdade revelada, deve ter uma íntima relação com Deus e com Jesus Cristo.

O problema do relativismo da verdade e do amor está na base de uma tentativa da vivência sem Deus, sem desejo da felicidade de uma vida eterna. Nessa óptica, o ser humano acaba por cair em contradição, ou seja, «as contas da vida humana não se resolvem se deixa Deus de fora; então não fica senão a contradição»<sup>66</sup>.

Em jeito de conclusão deste ponto podemos dizer que o ser humano, na linha que já dizemos até aqui, pode conhecer a verdade e o amor, porque Deus revela ao coração de cada homem o sentido verdadeiro da verdade e do amor. Contudo, «o coração deve saber d'Ele e deixar-se tocar por Ele, na alma, nas energias do nosso querer e do nosso decidir, no entendimento, no pensamento. Ele deve estar em toda a

---

<sup>64</sup> J. GARCÍA ROJO, *Se Deus é amor, o que é o homem?*, 118.

<sup>65</sup> J. RATZINGER, *Olhar para Cristo*, 42.

<sup>66</sup> J. RATZINGER, *Olhar para Cristo*, 120.

parte. E a nossa relação de fundo deve chamar-se amor»<sup>67</sup>. Há que apresentar o Cristianismo como o rosto de um Deus amor, e antes de falarmos do homem, falar de Deus, principio e fim de toda a criação e que nos amou primeiro. A credibilidade do Cristianismo sem o amor e a verdade revelada por Cristo é uma credibilidade falsa e enganadora.

Uma maior identificação com a vontade de Deus leva-nos a perceber o que é isso da verdade e do amor, que tanto são banalizados pelos meios de comunicação, cinema, ciências. «Por isso, é importante aprender ao longo de toda uma vida, e desde a juventude, a pensar com Deus, a sentir com Deus, a querer com Deus, para que daqui venha o amor. Desse modo, o amor torna-se o tom de fundo da nossa vida»<sup>68</sup>. Só Deus feito homem é a resposta para o conhecimento pleno da verdade e do amor, e cabe a cada um de nós não deixar de buscar a máxima identificação com Jesus, que é o caminho, a verdade e a vida. Só a verdade e o amor libertarão a humanidade do seu egoísmo! Por isso, o Cristianismo deve ajudar a sociedade a fixar sempre o olhar em Cristo, o único que nos diz que amar e viver na verdade deve ser hoje, não amanhã.

Existe uma grande relação entre a verdade e o mistério, porque o homem nunca irá ter acesso à verdade na sua plenitude. Isto porque a verdade é o próprio Deus, um Deus Trino (um Deus que se relaciona connosco, que precisamos de toda a eternidade para conhecermos a verdade revelada por Ele). Contudo nós vivemos a experiência de uma verdade revelada por Deus Pai, na pessoa de Jesus Cristo, o Verbo Incarnado.

A história da verdade e do mistério articula-se em três grandes fases ou dimensões. A primeira fase é dimensão metafísica da verdade: a noção da verdade a partir da analogia da noção do ser de Parménides (o ser é e o não ser não é). A segunda fase é a dimensão antropológica da verdade: o homem e a verdade. Nesta fase, o homem distancia-se da noção científica da verdade, praticando o testemunho do martírio como fidelidade, como esperança de presença e de comunhão.

A terceira fase é a dimensão histórico-prática: a verdade e história. Ela diz que a história é a única via de acesso à intimidade divina, revelada nas missões do Verbo e do Espírito Santo. Podemos dizer que «o homem aparece como instância onde emerge o sentido profundo do ser, é o ser da verdade, ou seja, o ser do mistério»<sup>69</sup>. Dizer que Deus criou o homem à sua imagem e que cada um é habitado pelo mistério divino que

---

<sup>67</sup> J. RATZINGER, *Olhar para Cristo*, 120.

<sup>68</sup> J. RATZINGER, *Olhar para Cristo*, 121.

<sup>69</sup> J. FARIAS, *O nome de Deus e a questão da verdade*, 153.

reside no seu íntimo, leva a que o homem seja um mistério em si e que se conhece cada vez mais a si mesmo quanto mais buscar perceber o mistério da verdade.

Para K. Rahner o mistério é da ordem transcendental, isto é, situa-se num nível de realidade anterior a qualquer tematização categorial... Deus é mistério, mas na sua divina misericórdia revelou ao homem o seu nome e a sua obra na pessoa de Seu Filho que se fez pobre para nos salvar. É esta revelação que Deus fez a Moisés do seu nome, que consiste na compreensão deste mistério através da presença de Deus Pai.

Podemos afirmar que a Verdade é uma presença que quer revelar-se pouco a pouco no seu mistério, em que o homem tem a capacidade de interpretar esse mistério. O homem pode participar desta revelação porque o Verbo encarnou, está a caminho, quer ser conhecido como ser que é a vida: «Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida» (Jo 14,6).

Segundo J. Farias, «a verdade é a realidade de Deus; “ser da verdade”, é o mesmo que “ser de Deus”, a palavra de Deus é a verdade»<sup>70</sup>. Portanto, se o homem quer saber o que é a verdade, vivenciar algumas experiências daquilo que é a verdade, deve buscar Deus, pedir ao Espírito Santo que o ilumine no caminho da verdade. Porque «a verdade é o fundamento no qual todas as realidades recebem o ser e, por conseguinte, segurança. A verdade é o caminho que se percorre, e identifica-se também com o caminheiro e o mesmo peregrinar»<sup>71</sup>.

Uma coisa é certa: a verdade é inseparável do amor e Jesus Cristo é a plenitude da verdade. Conhecendo a verdade, o homem será cada vez mais um ente livre porque a verdade liberta aqueles que a procuram. Mas a melhor forma de procurar a verdade não é conhecendo conceitos nem decorando fórmulas, mas sim interiorizando a verdade na nossa vida, vivendo com e pela verdade, sendo testemunha da verdade, percorrendo o seu caminho até alcançar a vida eterna (somos habitados por uma verdade, um mestre interior).

Deus é pura actualidade<sup>72</sup>: a sua palavra é sempre actual, porque é uma palavra atemporal; Deus não fica preso no tempo, está sempre revelando os seus mistérios. Ele revela o seu nome porque quer entrar na relação com o homem, coexistir com os humanos, deixar ser conhecido e ser nominável, expondo-se aos seres humanos, para que estes possam chamá-lo.

---

<sup>70</sup> J. FARIAS, *O nome de Deus e a questão da verdade*, 158.

<sup>71</sup> J. FARIAS, *O nome de Deus e a questão da verdade*, 160.

<sup>72</sup> Cf. J. FARIAS, *O nome de Deus e a questão da verdade*, 156.

Com a encarnação do Verbo, o nome de Deus deixou de ser uma mera palavra à qual nos apegamos; ele passou a ser carne da nossa carne, ossos dos nossos ossos. Dessa maneira se cumpre concretamente n'Ele, que como Deus é homem e como homem é Deus. Aquilo que Ele queria dizer desde o episódio da sarça – queria dizer a ideia do nome<sup>73</sup>.

O homem nunca pode conhecer a verdade plena, porque a verdade é o próprio Deus que se revela. Mas o homem tem acesso à verdade na pessoa de Jesus que deu a conhecer o Deus Pai.

Toda e qualquer religião deve estar ao serviço da verdade, lutar para que todos conheçam a verdade. Porque só assim o homem será livre. O que leva o Cristianismo a ser uma religião diferente das outras e a ter tido sucesso a nível mundial é esta luta de ser serva da verdade. Reconhecer os seus pecados, pedindo desculpa à humanidade pelo pecado daqueles que agem em nome da Igreja. «O Cristianismo convencia pela união da fé com a razão e pela orientação da acção para a *caritas*, para a solicitude amorosa pelos que sofrem, pelos pobres e pelos fracos, para lá de toda a diferença de condição»<sup>74</sup>. Não convencia por causa dos méritos dos homens, mas por causa da graça de Deus que actuava no coração de cada um.

Uma religião que luta para que a verdade esteja à frente na sua missão é uma religião que se pode dizer que é credível. Mas não é suficiente, deve juntar esta sua missão a de dar a conhecer a todos essa verdade numa linguagem de amor.

#### **1.4. O lugar de Maria na compreensão da credibilidade do Cristianismo (como ela nos ensina a conhecer a realidade do Cristianismo/Igreja de Cristo)**

Neste ponto da nossa dissertação, não pretendemos abordar a questão da mariologia, muito menos da sua relação com a eclesiologia, mas o nosso objectivo é tentar perceber até que ponto a Virgem Maria nos pode indicar, apontar o caminho para uma boa compreensão da credibilidade do Cristianismo.

Diante do tema da credibilidade do Cristianismo, podemos levantar a questão de saber de que maneira a Virgem Maria nos pode mostrar a realidade do que é o

---

<sup>73</sup> Cf. J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo*, 95-96.

<sup>74</sup> J. RATZINGER, *A verdade católica*, 84.

Cristianismo como lugar onde se manifesta o amor e a verdade: «A unidade do Cristianismo não é um pensamento, não é uma ideologia; nem é sequer ensinar um discurso. Não é uma ideia ou uma filosofia, mas o anúncio de uma Presença: a Encarnação é um facto acontecido. Pelo que a humanidade de Maria é decisiva»<sup>75</sup>.

Nós não podemos falar da Igreja sem olhar para a Mulher da qual ela nasceu e continuamente nasce, sem olhar para Maria, Mãe de Cristo. Não podemos nunca apresentar a Igreja sem a dimensão maternal, porque negar a Virgem Maria é rejeitar o mistério da encarnação. A Igreja tem que aprender sempre e todos os dias com Maria o seu ser Igreja.

Muitos de nós pretendemos ter um Cristianismo à nossa imagem e semelhança, mas esquecemos que o próprio Deus nos deu um espelho vivo que devemos imitar e seguir, porque esse mesmo espelho (a Virgem Maria) nos diz que devemos fazer tudo aquilo que o seu Filho Jesus nos mandar (cf. Jo 2,5). A Virgem Maria é o espelho real daquilo que deve ser a Igreja, porque este espelho indica-nos que o Cristianismo não segue uma ideologia, mas uma Pessoa. Aos que querem viver um Cristianismo sem Cristo e sem a Igreja, a Virgem Maria mostra que isso não é possível.

«Tudo o que é dito na Bíblia acerca da *ecclesia* vale para a Maria, e vice-versa: o que a Igreja é e deve ser, é por ela aprendido na contemplação de Maria. Esta é o seu espelho, a verdadeira medida da sua natureza, porque existe à medida de Cristo e de Deus, “habitada” por ele. E para que existiria a Igreja senão para ser habitação de Deus no mundo? Deus não age com coisas abstractas. Ele é a Pessoa, e a Igreja é pessoa»<sup>76</sup>. A Igreja encontra a razão e a fonte da sua credibilidade no seguimento sincero no “sim” de Maria, um “sim” completo à vontade de Deus, e o Cristianismo é desafiado a ser o rosto deste “sim” mariano, ajudando os outros a fazer do “sim” de Maria os seus “sins”.

O Cristianismo não é uma invenção dos homens, mas é o desejo de Deus e a resposta livre do ser humano, uma semente que vai germinando frutos ao longo dos tempos, consoante a vontade de Deus em sintonia com os homens. Ratzinger diz: «A Igreja não é um produto “feito” mas sim a semente viva de Deus que quer crescer e amadurecer. Por isso, a Igreja precisa do mistério mariano, por isso é ela própria

---

<sup>75</sup> L. GIUSSANI, *Porquê a Igreja?* (Lisboa: Verbo 2004) 7.

<sup>76</sup> J. RATZINGER, «*Tu és a cheia de graça*». *Elementos bíblicos da piedade mariana*, in J RATZINGER – H. U. von BALTHASAR, *Maria, Primeira Igreja* (Coimbra: Gráfica de Coimbra 2004) 64.

mistério mariano»<sup>77</sup>. O Cristianismo é desafiado a ser a terra fértil onde germina a semente de Deus, isto é, o Verbo, de modo a que a humanidade possa ter a vida. A Igreja deve ser aquilo que Maria foi e é, a tenda onde o Verbo acampou. Assim como o Verbo de Deus encontrou uma terra fecunda para germinar (o seio da Virgem Maria), cada um de nós, a Igreja, deve ser esta terra fecunda à imagem da Filha de Sião.

Não podemos falar do Cristianismo vivo e eficaz sem a Virgem Maria, o rosto visível do Deus feito homem, nem dizer que a Igreja é Mãe e Esposa pondo de lado a figura de Maria; porque «a Igreja na sua forma pessoal, torna-se reconhecível através da figura pessoal e insubstituível de Maria. Na teologia não é a pessoa que é reconduzida à coisa, mas sim a coisa, à pessoa»<sup>78</sup>. Maria não é simplesmente e só um ícone da Igreja, Ela é aquela que foi escolhida para ser a Mãe do Filho de Deus; não está só no passado, actua aqui e agora por nós: «Maria não está estabelecida apenas no passado ou apenas no alto do céu, na sua situação de excepção junto de Deus; ela está e permanece presente e activa na hora presente; ela é a pessoa em acção aqui e agora. A sua vida não se situa apenas atrás de nós, no passado, nem está apenas acima de nós; ela precede-nos»<sup>79</sup>.

Maria, a “primeira crente”, desafia-nos a sermos crentes como ela; para isso, devemos ser homens e mulheres da escuta da Palavra, que vivam não para si mas para o projecto de Deus, unindo a nossa fé com a cruz, porque a fé segundo Virgem Maria é confiança em Deus e obediência a Deus, um abandono, uma comunhão com a cruz, mesmo não percebendo o que está a acontecer à volta. Com Maria e a partir dela, percebemos que a fé cristã é a plena união/comunhão com a cruz de Jesus.

Diante desta situação, em que a Virgem Maria nos mostra o que é a credibilidade do Cristianismo, podemos frisar que ela nos pode indicar o que é o Cristianismo porque ela é a primeira Igreja. «No Pentecostes, no momento do nascimento da Igreja graças ao Espírito Santo, isto torna-se concreto: Maria está no centro da comunidade orante que, graças à descida do Espírito, se torna Igreja. A correspondência entre a encarnação de

---

<sup>77</sup> J. RATZINGER, «A minha palavra não volta a mim sem ter realizado a minha vontade!», in J. RATZINGER – H. U. von BALTHASAR, *Maria, Primeira Igreja* (Coimbra: Gráfica de Coimbra 2004) 11.

<sup>78</sup> J. RATZINGER, *Considerações sobre o lugar da mariologia e da piedade mariana no todo da fé e da teologia*, in J. RATZINGER – H. U. von BALTHASAR, *Maria, Primeira Igreja* (Coimbra: Gráfica de Coimbra 2004) 22.

<sup>79</sup> J. RATZINGER, *O sinal da mulher. Ensaio de introdução à encíclica «Redemptoris Mater»*, in J. RATZINGER – H. U. von BALTHASAR, *Maria, Primeira Igreja* (Coimbra: Gráfica de Coimbra 2004) 42.

Jesus em Nazaré pelo poder do Espírito Santo e o nascimento da Igreja no Pentecostes é iniludível. “A pessoa que une estes dois momentos é Maria”»<sup>80</sup>.

A Igreja não pode inventar algo que ela não é desde da sua origem, Ela é desafiada a ser aquilo que a Virgem Maria viveu e é. O Cristianismo e cada elemento seu são desafiados à imagem da Virgem Maria a ser mediadores na vivência da fé de cada homem, porque ninguém consegue viver a fé sozinho e nem ir a Deus só com as suas forças.

Mas, perante tudo o que dissemos até agora, que a Virgem Maria é o caminho indispensável para a compreensão da credibilidade do Cristianismo, podemos perguntar se a Igreja deve veneração à Mãe do Filho de Deus e porquê? Colocado diante desta questão, Ratzinger responde dizendo: «A Igreja negligencia algo que lhe é comandado se não louva Maria. Quando o louvor de Maria nela emudece, a Igreja afasta-se da palavra bíblica. Quando isto acontece também não louva a Deus de forma suficiente»<sup>81</sup>. A Igreja (o Cristianismo) perde a sua identidade quando não louva suficientemente a Mãe de Deus: esquecendo a sua maternidade, também está a pôr de lado a dimensão histórica do Verbo de Deus que entrou na história humana.

Não podemos nunca abordar a credibilidade do Cristianismo pondo de lado a pessoa da Virgem Maria, «pois sem Maria a entrada de Deus na história não teria atingido o alvo, e portanto não teria alcançado aquilo que importa no Credo – o facto de Deus ser um Deus connosco e não um Deus em si e para si próprio»<sup>82</sup>. A Igreja segue um Deus feito homem e não um Deus isolado no Seu mundo, anuncia um Deus que morreu na cruz para a nossa salvação. Cristianismo não é uma ideia, nem uma ideologia, mas o encontro com Deus e de Deus com a humanidade.

A Virgem Maria ensina à Igreja como ser profeta, como ser crente que escuta e medita no coração a palavra de Deus, como ser serva de todos; porque se o Logos de Deus se fez pequeno para servir e salvar a todos, também a Igreja é chamada a ser pequena à imagem do Logos servindo os mais pobres. A Igreja deve ser imagem de Maria, com todo o seu ser, a tenda onde habita Deus, de modo a anunciar a todos o Deus connosco.

---

<sup>80</sup> J. RATZINGER, *O sinal da mulher. Ensaio de introdução à encíclica «Redemptoris Mater»*, 54.

<sup>81</sup> J. RATZINGER, «*Tu és a cheia de graça*». *Elementos bíblicos da piedade mariana*, 60-61.

<sup>82</sup> J. RATZINGER – H. U. von BALTHASAR, *Maria, Primeira Igreja* (Coimbra: Gráfica de Coimbra 2004) 81.

«Desta forma, Maria é designada como a nova tenda sagrada, a arca viva da Aliança. O seu “sim” torna-se o lugar da reunião, onde Deus recebe acolhimento no mundo. Deus não vive entre as pedras, vive neste “sim” dito de corpo e alma; aquele que o mundo não pode abarcar, pode fazer todo ele a sua habitação num ser humano»<sup>83</sup>. Se Maria é a Igreja viva, devido àquilo que Jesus fez na sua vida, o “sim” da Mãe do Filho de Deus desafia cada um de nós a nos entregarmos com todo nosso ser ao projecto de Deus. Este não tira nada mas dá tudo, e isso deve o Cristianismo viver e anunciar. Porque estamos a viver numa sociedade que quer relegar o Cristianismo para fora da vivência social, mais do que nunca a voz da Igreja deve ser ouvida no meio dos homens.

A nossa Igreja começou aqui na terra com a anunciação do anjo a Nossa Senhora mas, antes de todos os séculos, Ela já existia na mente de Deus. Deus precisava de uma tenda para habitar e Maria disponibilizou o seu seio para que o Verbo encarnasse. Podemos afirmar que a Igreja Católica teve seu início com o “sim”, que Maria deu a Deus. O mistério da vida de Maria como a escolhida, mostra-nos que Deus usa o sim de Maria para vir habitar no meio dos Homens e conviver connosco. Para nos salvar da morte eterna.

Maria é a Primeira Igreja porque ela esteve presente em todos os momentos da vida de seu Filho Jesus Cristo, também Filho de Deus, e Ela nos apela a fazer tudo aquilo que Ele nos mandar fazer.

É a primeira a dar-nos como exemplo que, quando alguém precisa de nós, devemos sair do nosso lugar (da nossa casa) e ir ajudar a outra pessoa. Isto Nossa Senhora nos mostra na visita que Ela fez a sua prima Santa Isabel e ficou com ela durante alguns meses. Com isto, Maria, Nossa Mãe, diz-nos que a Igreja é aquela que está ao serviço dos outros – não importa o tempo nem o nosso estado físico, devemos estar com a pessoa que precisa, para a escutar, dar uma palavra ou fazer-lhe algo.

Mas podemos levantar uma questão pertinente: porque é que a Igreja Católica tem uma grande devoção a Maria? O cardeal Ratzinger diz: «A Igreja não inventou ela própria nada de novo quando começou a enaltecer Maria; não desceu do cume da adoração do Deus único para um mero louvor humano. A Igreja faz o que deve fazer e o que lhe foi cometido desde o princípio»<sup>84</sup>.

É obrigação da Igreja louvar a Virgem Maria, porque ninguém tem a fé por sua própria iniciativa, recebemos a fé da Igreja, e nós precisamos de mediador perante Deus,

---

<sup>83</sup> J. RATZINGER, «*Et incarnatus est de Spiritu Sancto ex Maria Virgine...*», 85-86.

<sup>84</sup> J. RATZINGER, «*Tu és a cheia de graça*». *Elementos bíblicos da piedade mariana*, 59.

que com seu testemunho nos ajude a viver uma fé mais real e comunitária. Deus que nos criou sozinho, precisa da nossa colaboração para nos salvar. Maria é a crente dos crentes, mostra-nos o que é viver a fé, fazendo a vontade do Pai. Se a Igreja deixar de louvar a Virgem Maria, Mãe de Deus, a Igreja está a afastar-se da palavra encarnada. Porque se não louva Maria também não louva a Deus de forma suficiente. Quando afirma que a Igreja é a esposa de Cristo, a sua maternidade é realizável a partir da maternidade de Maria.

Sendo assim, a maternidade da Igreja deve sempre inspirar-se na maternidade daquela que aceitou ser Mãe do Filho de Deus e depois o entregou ao mundo para que o mundo pudesse ser salvo da morte eterna.

É com Maria e a partir dela que os Homens vêem que Deus anuncia o reino dos céus não na base de uma imposição, mas a partir de um “sim” livre e consciente. Deus mostra-nos que precisa de nós para o anúncio da boa nova, e Maria é aquela que se disponibilizou para que o Verbo encarnasse e habitasse entre nós (cf. Jo 1,14).

É no testemunho de Maria, Mãe de Deus encarnado, que podemos ver aqui na terra, numa forma mais próxima, que Deus faz maravilhas na vida daqueles que escolhe. Maria mostra-nos que a Igreja é aquela que escuta a palavra de Deus, a medita, a acolhe e a vive.

A fé de Maria é aquela fé que inicia a Nova Aliança, quando ela diz o “sim” ao anjo. Como crentes, podemos dizer que a Mãe de todos os crentes, Maria, pode ser vista de uma forma especial como “a crente” por excelência, porque Ela guardou no coração de uma forma fiel todas as palavras recebidas (cf. Lc 1,29;2,19.51).

A partir da vida de Maria, aquela que esteve presente em todos os momentos da vida de Jesus Cristo aqui na terra, podemos dizer que a fé é comunhão na cruz, porque Ela acompanhou o Filho até à cruz, nunca O abandonou. Tudo que queremos saber sobre a vida de Maria está na Bíblia (e também nos escritos dos Padres da Igreja): ela viveu para a Palavra, e pela Palavra soube ultrapassar todas as dificuldades. Também a Tradição nos diz algo sobre a vida da Mãe de Deus, e nós devemos guardar tudo aquilo que a Bíblia e a Tradição nos dizem sobre a Mãe do Filho de Deus.

Mas será que a Virgem Maria, vista como a Primeira Igreja, é mesmo uma boa razão para defender a credibilidade do Cristianismo? Sim, é uma das mais fortes razões, porque a história da Nova Aliança começa com o “sim” de Maria. Maria está presente no nascimento da Igreja no Pentecostes graças ao Espírito Santo, quando Ela estava a rezar com os Apóstolos. Ela está presente em todo mistério da vida de Cristo desde a

anunciação até à morte e ressurreição. Também a Virgem Maria é tida como a primeira Igreja porque foi no seu seio que o Verbo encarnou. Como já dizia alguém, Maria é o primeiro sacrário onde podemos ver presente o Verbo encarnado.

É com a Maria que «a Igreja tem que reaprender o ser-Igreja»<sup>85</sup>. Porque se não louva Maria, a Igreja não louva suficientemente bem a Deus. É a partir de Maria que a Igreja aprende a escutar a Palavra. Além da Virgem Maria estar presente no nascimento da Igreja, Ela serviu de tenda para Deus poder habitar.

Ratzinger quer mostrar-nos que a nossa fé centra-se num Deus concreto, numa Pessoa, num Deus que habita entre nós, que vem ao nosso encontro. No Verbo encarnado podemos contemplar o rosto de Deus, na pessoa de Jesus Cristo, que veio mostrar-nos o invisível.

A mensagem do Cristianismo não é um conjunto de ideias teológicas, doutrinárias, filosóficas, mas é a mensagem de Jesus Cristo, o Evangelho Vivo, o Filho de Deus que encarnou, o encontro de Deus com cada homem e de cada homem com o Filho de Deus.

Deus não age através de coisas abstractas, nem é um Deus abstracto, é um Deus simples, uma Pessoa que age com a Igreja que é uma pessoa. Portanto a Igreja existe para louvar a Virgem Maria, pedindo a Sua intercessão por nós junto de Deus Pai, porque, através de Maria, todos nós vemos que é possível a santidade.

Sabemos que, mesmo dentro da Igreja Católica, existem pessoas que resistem a louvar a Virgem Maria e que tentam impedir aqueles que são devotos de Maria a viver uma devoção tão profunda à Mãe de Deus.

Todos os cristãos devem ter uma especial devoção à Virgem Maria, porque quem não a louva, louva a Deus de uma forma incompleta, porque a nossa fé não é individual, precisamos de mediadores, e Nossa Senhora é a nossa mediadora por excelência que intercede por nós junto de Deus. O Senhor Todo Poderoso pede o nosso sim de uma forma livre e a Virgem Maria é aquela que nos desafia a seguir os seus passos. Perante o testemunho vivo da Mulher eleita por Deus para ser a tenda onde o Verbo acampou, a todo cristão é também pedido ser a terra fecunda onde o Logos possa dar fruto. Deus não se relaciona com pedras, mas sim com pessoas concretas. «Deus não está ligado a pedras, mas liga-se a pessoas vivas. O “sim” de Maria abre-lhe o espaço em que pode erguer a sua tenda. Ela torna-se para Deus a tenda e, assim, é o início da

---

<sup>85</sup> J. RATZINGER, *O sinal da mulher. Ensaio de introdução à encíclica «Redemptoris Mater»*, 57.

santa Igreja que, por seu lado, é antecipação da nova Jerusalém, em que já não há Templo porque o próprio Deus nela habita»<sup>86</sup>.

Além da Virgem Maria estar presente no nascimento da Igreja, Ela serviu de tenda para Deus poder habitar. Ratzinger quer mostrar-nos que a nossa fé se centra num Deus concreto, numa Pessoa, num Deus que habita entre nós, que vem ao nosso encontro. No Verbo encarnado podemos contemplar o rosto de Deus, na pessoa de Jesus Cristo, que veio mostrar-nos o invisível. Nessa linha pode-se afirmar que o Cristianismo não é o esforço do homem para Deus, mas a religião do encontro, porque é o próprio Deus que se fez homem e veio habitar no meio da humanidade.

Se a Igreja é chamada a ser aquilo que Maria é, a viver e a transmitir aquilo que a Mãe do Filho de Deus viveu e transmitiu, podemos dizer em sintonia com Ratzinger que «Maria aparece como Templo sobre o qual desce a nuvem pela qual Deus entra no meio da história. Quem se põe à disposição de Deus desaparece com Ele na nuvem, no esquecimento e na insignificância, participando precisamente por isso da sua glória»<sup>87</sup>.

O Cristianismo não está ao serviço dos prazeres e das vontades humanas, mas sim ao serviço do Reino de Deus, e tem esta missão de ajudar as pessoas a perceberem que, quando perdemos a nossa vida pela causa do Reino de Deus, acabamos por ganhá-la (cf. Mt 16,25). Fazer da vontade de Deus Pai a nossa, mergulhar na Sua glória, tal é a vida que a Virgem Maria quer que cada um de nós viva.

Ter Maria como a imagem da Igreja, faz que tenhamos os pés firmes na terra e o olhar fixo na vida eterna, porque ela é «a imagem do homem de fé que só pode chegar à salvação e a si próprio salvar pelo dom do amor, pela graça»<sup>88</sup>. O cristão não se pode salvar a si próprio, mas é o dom do amor, a graça de Deus que salva cada pessoa.

Podemos levantar a questão se Maria constitui ou não uma ameaça à exclusividade da salvação em Cristo? Segundo o cardeal Ratzinger «Maria não constitui uma contestação ou ameaça à exclusividade da salvação em Cristo, antes remete para ela. Ela é a imagem da humanidade que é toda expectativa e que precisa mais do que nunca dessa imagem, porque corre o perigo de deixar de lado a expectativa para se entregar ao fazer, o qual nunca, por mais indispensável que seja, poderá preencher o

---

<sup>86</sup> J. RATZINGER, «*Et incarnatus est de Spiritu Sancto ex Maria Virgine...*», 92.

<sup>87</sup> J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo*, 198.

<sup>88</sup> J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo*, 204.

vazio que ameaça o ser humano quando não encontra aquele amor absoluto que lhe dá razão de ser, salvação e tudo o que é realmente necessário à vida»<sup>89</sup>.

A humanidade, colocada diante da vida da Virgem Maria, deve perceber que não é o homem que se dirige ao Senhor Todo Poderoso, para lhe fazer uma dádiva de conciliação; mas é o próprio Altíssimo quem se dirige a cada pessoa com os seus dons, oferecendo a Sua salvação. Deus não fica esperando que o homem pecador vá reconciliar-se com Ele; é o próprio Deus misericordioso quem vai ao encontro de cada um e espera que cada um se reconcilie com Ele. Isso deve incluir-se na identidade da credibilidade do Cristianismo, porque aquilo que a Igreja deve ser é a fonte da água viva para que toda humanidade possa beber da água que dá a vida eterna (cf. Jo 4,13-14).

---

<sup>89</sup> J. RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo*, 204.

## 2. O CRISTIANISMO COMO MANIFESTAÇÃO DA VERDADE

Num mundo onde há uma grande relativização da verdade (muitos afirmam que têm a sua própria verdade), o Cristianismo tem a missão de ser o lugar credível onde se revelou e continua a revelar-se a verdade encarnada. São Paulo sobre isto diz-nos: «<sup>15</sup>Porém, eu quero que saibas como deves proceder na casa de Deus, esta Igreja do Deus vivo, coluna e sustentáculo da verdade» (1 Tm 3,15). Sendo a Igreja a coluna e sustentáculo da verdade, a sua missão é procurar sem cessar conhecer a verdade, esta verdade que é o próprio Verbo encarnado.

Não podemos correr o risco de dizer que a verdade revelada por Deus está exclusivamente na Igreja, ela é maior que o espaço onde se revela e vai revelando. Contudo, «é evidente que a esta concepção da Igreja como lugar da verdade subjaz uma contraposição clara ao mundo que a rodeia. Parece destinar-se a reforçar o sentido de identidade dos que nela se integram»<sup>90</sup>. Ser cooperador da verdade sem desprezar o mundo que o rodeia, eis a forma de ser o lugar onde os outros podem aprender a amar a verdade.

Quando S. Paulo afirma que a Igreja é a coluna e o sustentáculo da verdade, isso faz com que ela nunca deixe a sua pretensão de ser esse lugar onde a verdade se revelou e revela todos os dias: «O próprio Deus quer que a verdade revelada não seja distorcida. Espera que a Igreja a transmita fielmente através da história. É para isso que lhe concede o seu Espírito»<sup>91</sup>. Funcionar como corpo, tendo Cristo como a cabeça, onde cada membro desempenha o seu papel da melhor forma, na busca da compreensão de Jesus como a única verdade revelada, faz dela o lugar credível da verdade revelada.

As pessoas podem questionar esta nossa forma de abordar tal assunto, ao dizer que a Igreja é o lugar onde a verdade se manifesta. Em primeiro lugar, fica esclarecido que não é nossa intenção dizer que a Igreja é dona da verdade mas que ela tem a

---

<sup>90</sup> D. TERRA, *O sentido da fé* (Lisboa: UCP Editora 2009) 16.

<sup>91</sup> D. TERRA, *O sentido da fé*, 17.

pretensão de ser o lugar onde a verdade revelada pelo Filho de Deus se manifesta. E é esta sua sede, esta pretensão em conhecer e amar a verdade revelada que a faz afirmar ser o lugar por excelência onde o Verbo quis manifestar-se aos homens.

Neste caso podemos frisar que a «Igreja depara-se, então, como uma tarefa fundamental. Não podendo abdicar de tal pretensão, tem de cuidar a forma como lhe dá corpo... É portadora da verdade que ela própria não pode encarar como um objecto que possui. Tem de a procurar continuamente, uma vez que não se oferece totalmente explícita à partida»<sup>92</sup>. No dia em que a Igreja deixar de ter a pretensão de ser o lugar onde se manifesta a verdade, ela cairá no seu próprio erro e na tentação de afirmar que já conhece plenamente a verdade de Cristo; isso não pode acontecer, porque a busca incansável em perceber, amar e dar a conhecer a verdade e o amor ao mundo, faz do Cristianismo o lugar onde se revelou e revela o Filho de Deus.

## **2.1. O Cristianismo, guardião da verdade revelada**

Perante toda a história da humanidade, nem todas as religiões foram verdadeiras guardiãs da verdade, nem assumiram uma pretensão credível em servir a verdade e a liberdade. Muitas não contribuíram para que houvesse paz no mundo, nem para que o homem salvasse a sua alma e conhecesse Aquele que é a verdade.

Nenhuma religião é dona da verdade e o Cristianismo também não foge desta forma de pensar; contudo, a Igreja Católica não pode deixar de ter a pretensão de ser verdadeira. Esta sede de conhecer a verdade revelada, o reconhecimento de que a Igreja caminha para a verdade, é chamada a anunciar e a amar a Verdade, não deixa a Igreja fechada numa obsessão de ser ela a dona exclusiva da verdade; pelo contrário, reconhece que a verdade lhe é dada e que deve conhecê-la e servi-la o máximo possível.

No discurso à Cúria Romana, na apresentação de votos natalícios de 2012, Bento XVI diz:

Sem dúvida, não somos nós que possuímos a verdade, mas é ela que nos possui a nós: Cristo, que é a Verdade, tomou-nos pela mão e, no caminho da nossa busca apaixonada de conhecimento, sabemos que a sua mão nos sustenta firmemente. O facto de sermos interiormente sustentados pela mão de Cristo torna-nos simultaneamente livres e seguros. Livres: se somos sustentados por Ele, podemos, abertamente e sem medo, entrar

---

<sup>92</sup> D. TERRA, *O sentido da fé*, 17.

em qualquer diálogo. Seguros, porque Ele não nos deixa, a não ser que sejamos nós mesmos a desligar-nos d'Ele. Unidos a Ele, estamos na luz da verdade<sup>93</sup>.

Nenhuma religião, nem propriamente o Cristianismo, religião do Logos, possui exclusivamente a verdade. Pelo contrário, o evangelizador é antes possuído pela Verdade. A verdade revelada é muito maior que o cosmo, que todo espaço onde a religião habita. Mas é perante esta diversidade de religiões que o Cristianismo, desde os primeiros séculos, sentiu a obrigação e a necessidade de ter uma pretensão da verdade, em orientar toda a sua missão ao serviço do Logos feito homem. Podemos dizer que «o Cristianismo convencia pela união da fé com a razão e pela orientação da acção para a *caritas*, para a solicitude amorosa pelos que sofrem, pelos pobres e pelos fracos, para lá de toda a diferença de condição»<sup>94</sup>. Diante desta declaração do cardeal Ratzinger, podemos questionar o que fez do Cristianismo uma religião universal e credível?

O mesmo Ratzinger responde a esta nossa questão dizendo: «A força que transformou o Cristianismo numa religião mundial consistiu na sua síntese entre razão, fé e vida»<sup>95</sup>. De tudo que já foi dito até agora, podemos dizer que a pretensão em ser a verdadeira religião faz sentido no mundo de hoje. Porque «estamos convencidos de que o homem precisa conhecer Deus, estamos convencidos de que em Jesus apareceu a verdade, e a verdade não é uma propriedade privada de alguém, mas deve ser partilhada, deve ser conhecida»<sup>96</sup>.

Quando dizemos que a Igreja é o lugar onde se manifesta a verdade, não queremos afirmar que a Igreja é dona da verdade, mas sim que o Logos de Deus feito homem, escolhe um espaço concreto, com rostos visíveis, e revela “todo” o Seu mistério, mesmo sabendo que precisamos de toda a vida para o contemplarmos. Um Cristianismo que deixa a sua pretensão em servir e amar este Logos que é o caminho, a verdade e a vida, não é digno de pedir para si a exclusividade da verdade, de ser uma religião credível. A Igreja é chamada a ser serva da verdade e da liberdade. E a sua pretensão em viver na e pela verdade, faz com que reclame para Si, a pretensão de *religio vera*.

São Paulo num discurso no Areópago de Atenas afirma: «<sup>22</sup>Atenienses, vejo que sois, em tudo, os mais religiosos dos homens. <sup>23</sup>Percorrendo a vossa cidade e

---

<sup>93</sup> BENEDICTUS XVI, *Dum Summus Pontifex Natalicia Omina Romanae Curiae offert*, in *AAS* 105 (2013) 53.

<sup>94</sup> J. RATZINGER, *A verdade católica*, 84.

<sup>95</sup> J. RATZINGER, *A verdade católica*, 85.

<sup>96</sup> J. RATZINGER – P. F., d'ARCAIS – D. LERNER, *Existe Deus?*, in J. RATZINGER – P. F. d'ARCAIS, *Existe Deus?* (Lisboa: Pedra Angular 2009 [original 2005]) 13.

examinando os vossos monumentos sagrados, até encontrei um altar com esta inscrição: ‘Ao Deus desconhecido.’ Pois bem! Aquele que venerais sem o conhecer é esse que eu vos anuncio» (Act 16, 22-23).

É este Deus Único, que morreu na Cruz e ressuscitou, que caracteriza o Cristianismo. Ele é pouco conhecido pelos homens e deve ser anunciado cada vez mais como o único Salvador da humanidade. Não podemos cair na tentação de reduzir o Logos feito homem aos critérios humanos – há que anunciar o Logos tal como Ele nos pede e para isso nos deixa o Espírito da Verdade, que nos mantém na verdade (cf. Jo 16,12-15); há que afirmar até aos confins da terra que Jesus Cristo é o único salvador e que não há outro.

Cabe à Igreja pedir ao Espírito da Verdade que a faça andar sempre na verdade e saber viver a partir dela, porque aquilo que deve anunciar não são as suas ideias, mas a palavra de vida, porque só Jesus tem as palavras de vida eterna (cf. Jo 16,13; Jo 6, 67-69). Pode-se dizer que há muitos caminhos para conhecer a verdade e até para apresentá-la à humanidade, mas para o Cristianismo só há um caminho para conhecer e anunciar a verdade aos homens: é estar ligado cada vez mais ao Senhor Jesus Cristo que afirma «<sup>6</sup>“Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém pode ir até ao Pai senão por mim. <sup>7</sup>Se ficastes a conhecer-me, conhecereis também o meu Pai. E já o conheceis, pois estais a vê-lo”» (Jo 14,6-7).

O Cristianismo nunca pode pôr de lado a busca da compreensão da verdade revelada, por estar estritamente ligado ao Logos que é o único caminho para a verdade, nem pensar que já conhece totalmente a verdade segundo as escrituras e a tradição. Porque «Cristo não disse “sou a tradição”, mas “sou a verdade”. É certo que as tradições se fundam no simples facto de serem o que são, mas o Cristianismo quis sempre ir além das tradições, dos hábitos, das culturas. Quis ser reconhecido como o caminho, a verdade, a vida»<sup>97</sup>. Ele é chamado, convocado a ser colaborador da verdade (cf. 3 Jo 1,8) e não o dono, a ser o lugar onde os homens possam ter o encontro com Aquele que é a própria verdade. Jesus Cristo pede que a Sua verdade seja anunciada até aos confins do mundo, que a sua Igreja seja uma Igreja do amor mas também a Igreja da verdade.

Diante desta questão da verdade do Cristianismo, da sua pretensão de ser uma religião credível, com a pretensão de ser *religio vera*, não podemos dizer que ele fica ofuscado pela busca desta *religio vera*; pelo contrário, isso faz com que a Igreja

---

<sup>97</sup> J. RATZINGER – P. BAHNERS – C. GEYER, *O Cristianismo para lá da tradição*, in J. RATZINGER – P. F. d’ARCAIS, *Existe Deus?* (Lisboa: Pedra Angular 2009 [original 2005]) 96.

reconheça que não é dona da verdade, mas serva, colaboradora. Contudo, não pode correr o risco de ficar ofuscado por causa desta busca da verdade, pelo que deve ter sempre em vista que «a Revelação, o acercamento de Deus ao homem, é sempre maior do que aquilo que se pode conter em palavras humanas, maior também do que as palavras da Sagrada Escritura. A Escritura é o testemunho essencial da Revelação, mas a Revelação é algo de vivo, de mais amplo e extenso»<sup>98</sup>.

Ninguém tem o direito de reclamar a exclusividade da verdade revelada pelo próprio Filho de Deus. Ela não está exclusivamente na Igreja, nem muito menos na Sagrada Escritura; ela extravasa o domínio de qualquer religião, e isso deve estar bem claro na mente de cada um de nós. Contudo, não devemos dizer que o Cristianismo deve deixar de lado a pretensão de ser a *religio vera*, porque nele actua o Espírito de Verdade.

Podemos levantar a questão se vale a pena que, hoje em dia, o Cristianismo reclame para si a *religio vera*? Pensamos que sim, porque só uma religião que actue como cooperadora da verdade e da liberdade é digna da credibilidade dos outros, porque só a Verdade liberta.

Mas como apresentar o conteúdo da verdade para os outros? Vimos que o conteúdo da fé cristã é o amor, e o Cristianismo não é uma religião do livro, mas do encontro com o Deus feito homem, uma religião da presença viva do Filho de Deus. Por conseguinte, «o seu conteúdo deverá consistir, hoje – como sempre, em última análise – no facto de que o amor e a razão coincidem enquanto verdadeiros e genuínos pilares fundamentais do real: a razão verdadeira é o amor e o amor é a razão verdadeira. Na sua unicidade, constituem o verdadeiro fundamento e a meta de todo o real»<sup>99</sup>. A verdade e o amor são os únicos conteúdos que são dignos de fé para uma boa compreensão da realidade que nos envolve. O Cristianismo e a sua missão passam por levar a humanidade a servir, amar e conhecer a verdade e o amor.

Ratzinger afirma que «reclamar a verdade para as afirmações concretas da fé de uma religião, parece hoje não só arrogância mas também sinal de falta de esclarecimento»<sup>100</sup>. Perante esta afirmação, podemos observar que nenhuma religião pode afirmar ser a dona da verdade.

---

<sup>98</sup> J. RATZINGER – P. BAHNERS – C. GEYER, *O Cristianismo para lá da tradição*, 101.

<sup>99</sup> J. RATZINGER, *A verdade católica*, 92.

<sup>100</sup> J. RATZINGER, *Fé – Verdade – Tolerância*, 68.

Aquelas religiões, que afirmam ser a verdadeira religião, fazem isto como gesto de egoísmo, possuidor da verdade, ou por ignorância. Nenhuma religião pode ser a dona da verdade porque a verdade plena pertence a Deus, Aquele que é a própria verdade.

A verdade é uma só, mas, segundo aquilo que a sociedade nos diz e nos mostra, pode haver vários caminhos para a alcançar. Ora Jesus não nos diz que pode haver muitos caminhos para o Pai, mas na realidade só existe um, que é Ele próprio. Diante das várias propostas de uma pluralização da verdade, cabe ao Cristianismo mostrar a cada homem que existe uma só e exclusiva verdade, e que também só há um caminho para conhecer e amar a verdade, Jesus Cristo, a verdade.

Sabemos que não podemos conhecer a verdade na sua plenitude, mas é o próprio Deus feito homem que nos revela a verdade. Contudo, sabemos que a verdade é construir um “reino” bom na sociedade onde estamos. O Cristianismo sempre lutou e vai continuar a lutar para que a verdade seja conhecida e que ande sempre unida com o bem (amando o próximo, ajudando-o a salvar sua alma, levando-o para junto do Deus Pai).

Não podemos afirmar que todas as religiões são iguais e é essa corrente que defende que todas as religiões são iguais que Ratzinger combate – o relativismo da religião.

Uma verdadeira religião é credível quando dedica toda a sua existência ao serviço da verdade, praticando o bem: Ser cooperadora da verdade a todo tempo, fazer da sua actividade principal esta busca incansável em amar, conhecer e anunciar a verdade.

A partir do momento em que uma religião coloca a verdade ao nível do que é útil, deixa de ser uma religião que vive para a verdade, mas passa a ser uma instituição qualquer. Porque a verdade deve ser dada a conhecer, não como algo útil, mas sim como aquilo que nos tira de nós e nos leva a melhorar este mundo. Porque ela liberta-nos, faz-nos viver segundo o critério de Deus, e acima de tudo mostra-nos que mais vale a pena deixar-se possuir por ela do que pensar que a possuímos. Porque o homem que pensa que possui a verdade perde o seu horizonte, acaba por sentir-se ofuscado no seu conhecimento, voltado para si mesmo, tendo no centro de tudo a sua própria pessoa e não Aquele que é a fonte de toda verdade.

Vivemos numa era em que a miséria material é reconhecida e até há tentativas de combatê-la; há também miséria moral – pessoas que se deixam consumir pelos seus vícios, drogas que acabam com vidas inocentes, elaboração e aprovações de leis contra

a vida, uma moral sem Deus no centro; há miséria espiritual – uma sociedade que vive como se Deus não existisse, que quer relegar a questão da religião para uma gaveta, dizendo que não deve intervir nas questões humanas. Tudo isso deve ser combatido com o anúncio do Evangelho.

Se o acesso à verdade é um bem que permite chegar a Deus, se o Cristianismo desde da sua origem tem defendido o acesso à verdade como um direito universal, então hoje e mais do que nunca o Cristianismo deve reclamar para si o lugar onde se manifesta a verdade. Como o homem é naturalmente o ser que procura a verdade, uma verdade superior a ele, deve haver no seu meio alguém que o ajude a perceber esta verdade que é superior à sua mente. Daí dizermos que o Cristianismo tem a missão de ajudar o ser humano a perceber esta verdade superior a si, com ajuda da fé cristã.

O homem, por sua natureza, procura a verdade. Esta busca não se destina apenas à conquista de verdades parciais, físicas ou científicas; não busca só o verdadeiro bem em cada uma das suas decisões. Mas a sua pesquisa aponta para uma verdade superior, que seja capaz de explicar o sentido da vida; trata-se, por conseguinte, de algo que não pode desembocar senão no absoluto. Graças às capacidades de que está dotado o seu pensamento, o homem pode encontrar e reconhecer uma tal verdade. Sendo esta vital e essencial para a sua existência, chega-se a ela não só por via racional, mas também através de um abandono fiducial a outras pessoas que possam garantir a certeza e autenticidade da verdade<sup>101</sup>.

Todos nós somos chamados a ser discípulos da verdade, a consagrar-nos sem reservas ao seu serviço, porque ninguém consegue abraçar na totalidade a verdade. «A verdade é uma só, embora as suas expressões acusem os vestígios da história e sejam, além disso, obra duma razão humana ferida e enfraquecida pelo pecado. Daqui se conclui que nenhuma forma histórica da filosofia pode, legitimamente, ter a pretensão de abraçar a totalidade da verdade ou de possuir a explicação cabal do ser humano, do mundo e da relação do homem com Deus»<sup>102</sup>. A pretensão do Cristianismo não é abraçar a totalidade da verdade (ser o dono da verdade, mas deixar-se ser possuído pela verdade de Cristo), mas sim consagrar-se totalmente ao seu serviço, fazer tudo para que seja reconhecido como discípulo da verdade. Porque o discípulo não é maior que o Mestre que possui a verdade na totalidade.

Contudo, sabemos e acreditamos profundamente que o Cristianismo não é um conjunto de valores morais, muito menos uma religião do livro, mas sim a religião do

---

<sup>101</sup> IOANNES PAULUS II, Litterae Encyclicae *Fides et Ratio*, n. 33, in AAS 91 (1999) 30-31.

<sup>102</sup> IOANNES PAULUS II, Litterae Encyclicae *Fides et Ratio*, n. 51.

encontro com Aquele que é a verdade plena. Sendo uma religião do encontro, deixa que a Verdade o possua, que o liberte da sua tentação de ser dono da verdade revelada.

Toda e qualquer religião deve sempre colocar a verdade no centro da sua vida, porque «se a verdade do homem não existe, então ele também não tem qualquer liberdade. Só verdade liberta»<sup>103</sup>. Se só a verdade liberta, será que há algo mais importante que Verdade a anunciar? Não existe na face da terra algo mais importante e urgente a anunciar a cada homem do que esta Verdade, porque só o Filho de Deus pode dar a salvação verdadeira aos homens.

Dizemos que o Cristianismo é o lugar onde se manifesta a verdade, não a verdade criada ou inventada por homem, mas aquela que liberta todo ser humano do seu egoísmo, do pecado de querer ser como Deus. Esta verdade é aquela que é revelada em Jesus Cristo quando diz: «Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida» (Jo 14,6) - Ele é o caminho porque não há outro caminho para conhecermos a verdade senão permaneceremos em Jesus. S. João afirma no IV Evangelho: «<sup>31</sup>se permanecerdes fiéis à minha mensagem, sereis verdadeiramente meus discípulos, <sup>32</sup>conhecereis a verdade e a verdade vos tornará livres» (Jo 8,31-32). Deus criou-nos não como donos da verdade, mas sim como exploradores, cooperadores, discípulos.

Nenhum homem pode viver sem esta sede da busca do conhecimento e da compreensão da verdade, porque «a sede de verdade está tão radicada no coração do homem que, se tivesse de prescindir dela, a sua existência ficaria comprometida»<sup>104</sup>.

O homem ser que busca a verdade necessita do Cristianismo para que o ajude a andar no caminho certo, porque a razão sozinha não compreende toda a dimensão daquilo que Deus feito homem lhe revela da natureza e da sua própria vida. Pelo que «a fé e a razão (*fides et ratio*) constituem como que as duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade. Foi Deus quem colocou no coração do homem o desejo de conhecer a verdade e, em última análise, de O conhecer a Ele, para que, conhecendo-O e amando-O, possa chegar também à verdade plena sobre si próprio»<sup>105</sup>. Esta síntese entre a fé e a razão é sinal que o homem só com a sua razão não consegue alcançar a verdade mas, no mais íntimo da sua consciência, em sintonia com a fé, pode conhecer e amar a única realidade que o liberta, que é a Verdade.

---

<sup>103</sup> J. RATZINGER, *Fé – Verdade – Tolerância*, 229.

<sup>104</sup> IOANNES PAULUS II, *Litterae Encyclicae Fides et Ratio*, n. 29.

<sup>105</sup> IOANNES PAULUS II, *Litterae Encyclicae Fides et Ratio*, introdução.

Mas quando dissemos que o Cristianismo é o lugar onde se manifesta a verdade, onde então podemos procurar a verdade, levanta-se a questão: e o homem que não acredita em Jesus Cristo, como pode ele ver o Cristianismo como a *religio vera*, como uma religião credível? Santo Agostinho ajuda-nos a responder a esta questão dizendo que a verdade habita no coração de cada homem, aconselhando: «Não te dirijas para fora, regressa a ti mesmo; no homem interior habita a verdade; e, se, deparares com a tua natureza mutável, ultrapassa-te a ti próprio... de facto, onde chega todo aquele que faz um bom uso da razão, a não ser à verdade? A verdade certamente não se alcança a si própria raciocinando, mas ela própria é aquilo que desejam os que raciocinam»<sup>106</sup>.

O homem naturalmente é o ser que busca a verdade; contudo, às vezes esquece que esta realidade, que ele tenta perceber, não se reduz a uma simples realidade palpável, natural, mas que ultrapassa a sua razão. Então o homem precisa de algo para o ajudar a saber amar e servir esta verdade que é muito maior que a sua mente. A proposta que o Cristianismo faz à humanidade desde há 2000 anos, pensamos que é muito credível, porque faz uma síntese muito profunda entre a fé, razão e a vida – eis o motivo da sua universalidade.

O Cristianismo deve ser a luz para os homens perceberem que só em Jesus pode perceber-se o verdadeiro sentido da verdade, que dentro de cada um habita o espírito da verdade, ou seja, que o homem é o ser da verdade, capacitado, criado por Senhor Criador, para viver em verdade e pela verdade. Só uma busca credível da verdade pode libertar esta sociedade que se encontra presa numa definição egoísta, ofuscada da verdade. O seu coração não repousará enquanto não se encontrar com esta Verdade que o possui.

A força do Cristianismo está na comunhão, e para que seja o lugar credível onde se manifesta a verdade e anunciar a Boa Nova aos homens, deve estar de tal maneira unido a Jesus Cristo (sendo a Igreja corpo e Cristo a sua cabeça), que a sua voz e seus actos sejam d'Aquele que é o caminho da verdade. O mundo precisa de um Cristianismo que dê segurança, esperança, palavra de vida às pessoas, que desafie os homens a não viverem como se fossem ilhas, mas a viverem em comunidade, porque ninguém foi criado para viver sozinho, mas em comunidade. Conhecer, amar a verdade passa por uma vivência plena em comunidade.

---

<sup>106</sup> AGOSTINHO, *A verdadeira religião* (Porto: *Imago Mundi* 2012) XXXIX, 72.

## 2.2. O Cristianismo e a cultura: o amor abre todas as portas

Quando falamos do encontro do Cristianismo com outra cultura, em princípio estamos a fazer uma análise do encontro de duas culturas (partindo do pressuposto de que o Cristianismo surgiu numa cultura, entre oriente e ocidente, e, portanto, não há cristãos separados da sua cultura). O Cristianismo não é uma religião igual ao islamismo, budismo ou judaísmo. São religiões caracterizadas pelo esforço do “crente” para Deus. Já o Cristianismo é uma religião caracterizado pelo encontro do “crente” com Deus que vem ao seu encontro – um Deus que encarnou (cf. Jo 1,14) e veio viver no meio dos homens para salvar a humanidade da morte eterna. O Cristianismo não é uma religião do livro, como já referimos anteriormente, mas é uma religião do encontro.

Sabemos que o Cristianismo não é uma religião do livro, mas há pessoas que o podem afirmar porque a Igreja tem uma Bíblia. Sim tem um livro, que é digno de atenção, pelo facto de constituir um testemunho autorizado sobre o objecto revelado. A palavra que a Bíblia nos revela é o próprio Filho de Deus. O objecto da revelação cristã não é um texto, mas sim uma Pessoa.

Neste ponto o nosso objectivo não é aprofundar a questão da cultura em si, mas ver a relação, o contributo que se pode tirar deste contacto permanente entre a cultura e o Cristianismo. Será que a cultura, ou seja, a arte precisa da Igreja, ou vice-versa. «O Cristianismo, desde as suas origens, compreendeu bem o valor das artes e utilizou sabiamente as suas multiformes linguagens para comunicar a sua imutável mensagem de salvação. Esta amizade deve ser continuamente promovida e apoiada, para que seja autêntica e fecunda, adequada aos tempos e tenha em consideração as situações e as mudanças sociais e culturais»<sup>107</sup>.

A Igreja Católica sempre se preocupou em ter uma amizade profunda e séria com a cultura dos vários povos, porque se o Cristianismo é a síntese da fé, razão e vida, não pode desprezar nenhuma forma cultural ou de arte, deve procurar purificar à luz do Evangelho aquilo que esteja presente numa forma cultural e que não seja humano, que vá contra o princípio da vida e da razão. Num momento onde poucas pessoas sabiam ler, a nossa Igreja teve a graça de que a arte expressou a fé cristã em obra, música, teatro, poesia, filmes (e isto continua a acontecer), tendo a Sagrada Escritura e a

---

<sup>107</sup> BENEDICTUS XVI, *Dum Summus Pontifex apud Sacellum Sixtinum Artifices alloquitur*, in AAS 101 (2009) 1051.

Tradição como fonte inspiradora. Como diz o papa João Paulo II na carta aos artistas de 1999, «a Sagrada Escritura tornou-se, assim, uma espécie de “dicionário imenso” (*P. Claudel*) e de “atlas iconográfico” (*M. Chagall*), onde foram beber a cultura e a arte cristã»<sup>108</sup>.

Podemos levantar a questão da relação entre o Cristianismo e a cultura (a arte) contemporânea, visto que parece que ela quer expulsar a presença do Transcendente do seu centro? Qual é a atitude a tomar? Nós sabemos e acreditamos que «toda a forma autêntica de arte é, a seu modo, um caminho de acesso à realidade mais profunda do homem e do mundo. E, como tal, constitui um meio muito válido de aproximação ao horizonte da fé, onde a existência humana encontra a sua plena interpretação»<sup>109</sup>. Deste modo o Cristianismo deve manter um diálogo verdadeiro com a cultura, de modo a ajudá-la a ser um meio de encontro com o Transcendente encarnado. «Por isso é que a plenitude evangélica da verdade não podia deixar de suscitar, logo desde os primórdios, o interesse dos artistas, sensíveis por natureza a todas as manifestações da beleza íntima da realidade»<sup>110</sup>. Suscitar a curiosidade da arte em conhecer e amar a verdade é a missão que tem a Igreja, porque esta missão de servir a verdade e o amor também deve alongar-se aos artistas, que são guardiães da beleza no meio dos homens.

Em relação à pergunta se a Igreja precisa da cultura (e da arte de um modo geral), temos por base, para aprofundar essa nossa questão, a carta aos artistas do papa João Paulo II. É claro que o Cristianismo precisa da arte, porque a fé cristã não é uma realidade subjectiva, imaginária, mas é uma fé que se fundamenta no encontro com uma pessoa que é Jesus Cristo, o rosto visível de Deus.

Para transmitir a mensagem que Cristo lhe confiou, a Igreja tem necessidade da arte. De facto, deve tornar perceptível e até o mais fascinante possível o mundo do espírito, do invisível, de Deus. Por isso, tem de transpor para fórmulas significativas aquilo que, em si mesmo, é inefável. Ora, a arte possui uma capacidade muito própria de captar os diversos aspectos da mensagem, traduzindo-os em cores, formas, sons que estimulam a intuição de quem os vê e ouve. E isto, sem privar a própria mensagem do seu valor transcendente e do seu halo de mistério<sup>111</sup>.

Se a arte é uma forma de transmitir o Mistério, o Cristianismo necessita dela para aprofundar a sua fé, isto é, como forma de melhor expressar e comunicar com os diversos homens que têm manifestações diferentes da vivência da fé. A arte permite

---

<sup>108</sup> IOANNES PAULUS II, *Lettre aux artistes*, n. 5, in AAS 91 (1999) 1155.

<sup>109</sup> IOANNES PAULUS II, *Lettre aux artistes*, n. 6.

<sup>110</sup> IOANNES PAULUS II, *Lettre aux artistes*, n. 6.

<sup>111</sup> IOANNES PAULUS II, *Lettre aux artistes*, n. 12.

expressar a fé aos homens numa forma mais legível e palpável, sem tentar possuí-la, mas andando com ela de mãos dadas, respeitando cada um o seu campo de actuação, sem privar a mensagem do Logos, porque o mundo tem sede do amor de Deus feito homem.

A Igreja tem igualmente necessidade dos músicos. Quantas composições sacras foram elaboradas, ao longo dos séculos, por pessoas profundamente imbuídas pelo sentido do mistério! A Igreja precisa de arquitectos, porque tem necessidade de espaços onde congregar o povo cristão e celebrar os mistérios da salvação.

Contudo, esta perspectiva de que a Igreja necessita da arte, também pode ser vista do outro ângulo: pode-se dizer que a arte precisa da Igreja? A primeira vista pode parecer que não, mas visto que a arte procura transmitir algo que a razão humana só por si não consegue perceber, porque o Mistério está para além compreensão humana, concluímos que a cultura/arte necessita de algo que a ajude aprofundar o sentido da Beleza. «A verdade é que o Cristianismo, em virtude do dogma central da encarnação do Verbo de Deus, oferece ao artista um horizonte particularmente rico de motivos de inspiração. Que grande empobrecimento seria para a arte o abandono desse manancial inexaurível que é o Evangelho!»<sup>112</sup>. Uma arte que põe de lado o contributo do Cristianismo, tentando perceber o sentido da Verdade encarnada sem o Evangelho, sem a Tradição, acabará por apresentar uma obra centrada em si, pondo de lado o verdadeiro sentido da arte, que é expressar a Beleza revelada. Que sirva de inspiração aos artistas aquilo que a Igreja vive e anuncia!

A Igreja precisa da arte e a arte precisa da Igreja porque ambas são servas, guardiãs da verdade e da beleza. A arte, na busca do sentido das coisas da vida, atingirá um nível espiritual, como diz o papa Bento XVI: «A arte, em todas as suas expressões, no momento em que se confronta com as grandes interrogações da existência, com os temas fundamentais dos quais deriva o sentido do viver, pode assumir um valor religioso e transformar-se num percurso de profunda reflexão interior e de espiritualidade»<sup>113</sup>.

As missões da cultura/arte e da Igreja tocam-se em muitos pontos. Muitas vezes formulamos preconceitos dizendo que a arte prejudica o Cristianismo no ponto x, ou que o Cristianismo não aprova algumas mensagens produzida pela arte. Para que isso não aconteça, é preciso que os homens da cultura e do Cristianismo tenham em mente

---

<sup>112</sup> IOANNES PAULUS II, *Lettre aux artistes*, n. 12.

<sup>113</sup> BENEDICTUS XVI, *Dum Summus Pontifex apud Sacellum Sixtinum Artifices alloquitur*, 1055.

que são chamados a serem verdadeiros guardiães da beleza, da verdade e da liberdade. Bento XVI sobre isso declara: «Vós sois guardiães da beleza; vós tendes, graças ao vosso talento, a possibilidade de falar ao coração da humanidade, de tocar a sensibilidade individual e colectiva, de suscitar sonhos e esperanças, de ampliar os horizontes do conhecimento e do empenho humano»<sup>114</sup>. Tanto o Cristianismo como a cultura/arte caminham para a Beleza infinita e, perante esta caminhada, ninguém deve actuar esquecendo o contributo do outro e sem dar uma mensagem de esperança, fé e alegria a esta humanidade, onde parece que tudo passa. Uma coisa é certa: a beleza de Deus feito homem nunca passará.

A fé não tira nada à cultura, nem cultura faz a fé mais pobre; pelo contrário, «a fé nada tira ao vosso génio, à vossa arte, aliás exalta-os e alimenta-os, encoraja-os a cruzar o limiar e a contemplar com olhos fascinados e comovidos a meta última e definitiva, o sol sem ocaso que ilumina e torna belo o presente»<sup>115</sup>. Para que isso aconteça, ou seja, para que fé cristã e a cultura sejam como que duas asas que elevam a humanidade para o Céu, é necessário que essas duas realidades tenham como fonte primeira e principal a Beleza infinita e que estejam conscientes de que a partir desta fonte tudo se inicia e caminha. «Cada vez mais se acentua hoje que a fé, para poder resistir, tem de inculturar-se também na moderna cultura técnico-racional»<sup>116</sup>. O Cristianismo para evangelizar o mundo, para levar a Boa Nova até aos confins da terra, usa a linguagem do próprio mundo para transmitir a mensagem de esperança e vida.

Sabemos que a religião pode ser vista como elemento essencial da cultura (e o Cristianismo tem a pretensão de o ser), digamos mesmo que é o seu centro determinante; é ela que estabelece a estrutura de valores e, assim, o sistema interno de regulação das culturas. Aqueles que defendem que a cultura não tem nada a ver com o Cristianismo estão estritamente enganados, porque, «se alguém retirar de uma cultura a religião que lhe é própria e lhe dá origem, rouba-lhe o seu próprio coração»<sup>117</sup>. Não podemos retractar a questão da cultura totalmente separada da religião. Por exemplo não se pode falar da cultura que está por trás da formação da Europa sem o Cristianismo, não há cultura europeia sem o Cristianismo. Abordar a realidade ocidental e oriental sem a influência do Cristianismo é como roubar uma parte essencial destas duas realidades.

---

<sup>114</sup> BENEDICTUS XVI, *Dum Summus Pontifex apud Sacellum Sixtinum Artifices alloquitur*, 1057.

<sup>115</sup> BENEDICTUS XVI, *Dum Summus Pontifex apud Sacellum Sixtinum Artifices alloquitur*, 1057.

<sup>116</sup> J. RATZINGER, *Fé – Verdade – Tolerância*, 56.

<sup>117</sup> J. RATZINGER, *Fé – Verdade – Tolerância*, 56-57.

A força de uma cultura passa pela sua abertura, pela sua capacidade de dar e receber, de deixar-se purificar pela luz do Evangelho e, através desta luz, tornar-se mais verdadeira, mais humana, sem perder a sua própria identidade. A cultura tanto como a Igreja não existem fechadas em si mesmas, ambas estão abertas às realidades que as envolvem, actuam sempre tendo em conta a dinâmica do fluir do tempo.

Quando abordamos a relação do Cristianismo com a cultura, pode-se correr o risco de falarmos do encontro de duas realidades, até de uma inculturação; mas Ratzinger frisa que «já não devemos falar propriamente de inculturação, mas de encontro de culturas, ou – se for necessária uma palavra nova – de interculturalidade»<sup>118</sup>. Ratzinger defende o termo “interculturalidade”, porque a inculturação pressupõe a agregação de duas realidades numa síntese, e nós sabemos que «não existe fé sem cultura, e porque também não existe, fora da moderna civilização técnica, cultura sem religião»<sup>119</sup>. O Cristianismo não quer nem pretende ocupar o lugar da cultura e, por sua vez, a cultura também não deve ter a pretensão de ser a Igreja: cada qual ocupa seu espaço, tendo como missão ajudar a humanidade a chegar a uma contemplação da Beleza infinita.

É possível um encontro verdadeiro entre o Cristianismo e a cultura, porque o homem, em todas as diferenças da sua história e de suas formas comunitárias, é único, com uma e a mesma essência. O homem é tocado pela verdade e deseja naturalmente a Deus – é um ser naturalmente capaz de acolher Deus. É a partir desta inquietação de servir e amar o Transcendente que podemos explicar o encontro entre o Cristianismo e a cultura. E ainda nesta linha podemos frisar que, entre o Cristianismo e a cultura, a única mediação que os pode unir só pode ser a verdade comum sobre o homem, de onde vem e para onde caminha. Só a verdade é que pode unir a fé cristã e a cultura, porque aquilo que está em jogo é a verdade sobre Deus e sobre a realidade no seu todo.

É preciso não cairmos na tentação de falar da relação do Cristianismo com várias culturas do mundo, pondo de lado a questão da fé cristã. Jesus Cristo, quando escolheu, os Doze enviou-os a todas as nações para levar a palavra de salvação, fazer discípulos, baptizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, dizendo que quem acreditar e for baptizado será salvo (cf. Mt 29,19-20; Mc 16; Mc 16,15-16). Portanto, é fundamental um encontro da cultura com a fé cristã.

---

<sup>118</sup> J. RATZINGER, *Fé – Verdade – Tolerância*, 61.

<sup>119</sup> J. RATZINGER, *Fé – Verdade – Tolerância*, 61.

«Em primeiro lugar temos de constatar que a própria fé é cultura. Ela não existe desenraizada, como mera religião. Pelo simples facto de dizer ao homem quem ele é e como deve assumir o ser homem, a fé produz cultura, ela é cultura (...) a própria fé é cultura. Isto significa, então, que é também um sujeito particular: uma comunidade de vida e de cultura a que chamamos “povo de Deus”»<sup>120</sup>. O homem não é um ser estanque, que tem uma fé isolada da sua cultura; isso não acontece, o homem é um ser cultural com a sua fé cristã. Ele é resultado da sua cultura e da sua fé. A sua forma de estar e ser é o resultado da sua cultura e fé. Esta realidade, em que o homem é sujeito da sua fé e cultura, acontece porque o Cristianismo e a cultura andam de mãos dadas, sem exclusão de partes; podemos falar de um-com-o-outro.

A fé cristã é sujeito fundamental da cultura, que não assume a identidade da cultura, mas quer ser algo que a ilumine. Aquele que entra na Igreja tem que ter a consciência de que entra num sujeito cultural próprio, com uma interculturalidade historicamente amadurecida. Não é possível ser cristão pondo de lado a cultura que envolve o cristão. «A fé não é pois um caminho privado para Deus; ela introduz no povo de Deus e na sua história. Deus, Ele próprio, ligou-se a uma história que agora também é a Sua e que nós não podemos anular (...) ser homem e ser corpo, porém, implicam história e cultura, esta bem determinada a história com a sua cultura, quer queiramos ou não»<sup>121</sup>. A Igreja é povo de Deus, que congrega vários sujeitos com a sua cultura, que vivem segundo aquilo que professam no Símbolo do Credo, sem o desligar da cultura.

Cabe ao Cristianismo desafiar a humanidade a ver que nem todas as culturas ou religiões são caminhos credíveis para Deus, ou seja, de Deus para o homem, e do homem para Deus. Toda a religião e cultura devem estar ao serviço da verdade e do amor. Uma religião que apela a uma separação radical entre a fé e a cultura, não é digna de ser acreditada e seguida, porque remete o homem para um vazio de sentido que ameaça tornar-se mortal, em que o homem que já não vive com o olhar fixo na vida eterna, mas tem em si o resumo, o destino de tudo, colocando Deus de lado.

Diante desta nossa exposição podemos frisar que o Cristianismo, como a religião do Logos, nasceu para dialogar com todas as culturas, tendo o amor como a sua mais alta palavra, porque só o amor de Cristo pode abrir as portas. Ele mesmo diz «<sup>11</sup> manifestei-vos estas coisas, para que esteja em vós a minha alegria, e a vossa alegria

---

<sup>120</sup> J. RATZINGER, *Fé – Verdade – Tolerância*, 64.

<sup>121</sup> J. RATZINGER, *Fé – Verdade – Tolerância*, 66.

seja completa. <sup>12</sup>É este o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei. <sup>13</sup>Ninguém tem mais amor do que quem dá a vida pelos seus amigos. <sup>14</sup>Vós sois meus amigos, se fizerdes o que Eu vos mando» (Jo 15,11-14). Só o amor de Cristo é digno de ser anunciado e tem poder de abrir as portas das culturas, visto que o Filho de Deus afirma «<sup>20</sup>olha que Eu estou à porta e bato: se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, Eu entrarei na sua casa e cearei com ele e ele comigo» (Ap 3,20). Faz parte da essência do Cristianismo relacionar-se dignamente com a cultura, sem criar um relacionamento de confronto, pois ambos devem ser e são peregrinos da verdade.

Aquilo que o Cristianismo tem a oferecer e apresentar ao mundo de hoje, e para sempre, é a linguagem da cruz, o Amor encarnado. Portanto, «a última palavra do ser já não é o absoluto inominável, mas o amor que se torna visível no Deus que se faz criatura e assim une a criatura ao Criador»<sup>122</sup>. Só o amor salvará o mundo, só ele pode unir esta humanidade que caminha para uma tendência de cultura do relativismo e do individualismo. É preciso desafiar todo o homem a viver em comunidade de amor, fazer do nosso mundo uma civilização do amor.

Perante isto, podemos questionar se no fundo todos vêem o amor como a mais alta palavra, a verdadeira e última palavra da unificação, a finalidade íntima da história? Infelizmente sabemos que nem todos vêem isso ou trabalham para que isso aconteça; mas ao Cristianismo cabe esta missão de levar o amor de Jesus Cristo até aos confins do mundo (cf. Act 1,8), sem esquecer que o encontro com a cultura não pode pôr de lado as distinções que deve haver, segundo um discernimento à luz do Logos feito carne.

No que toca à relação do Cristianismo com a cultura, ainda podemos dizer: o Cristianismo “também é uma cultura”, que vai ao encontro das outras culturas, aproveitando aquilo que é bom nessas culturas, para as purificar, para as evangelizar, levando Cristo ao coração de cada homem.

O Cristianismo não é uma religião de livros, mas um Acontecimento, que vai ao encontro das culturas, e nunca deve abrir a mão daquilo que professa e transmite, porque só Aquele que é a verdade liberta. O Cristianismo pode dialogar com as outras culturas, mas nunca abrir a mão da sua vocação universal nem da sua pretensão pela verdade. Como o Cristianismo «acredita que o homem é capaz da verdade, quer confrontá-lo com a própria verdade e tornar-lhe acessível a verdade que em Jesus Cristo está em pessoa diante dos homens»<sup>123</sup>. Quer propor à sociedade que abra mão do

---

<sup>122</sup> J. RATZINGER, *Fé – Verdade – Tolerância*, 79.

<sup>123</sup> J. RATZINGER, *Fé – Verdade – Tolerância*, 87.

relativismo da verdade, desafiando-a a buscar cada vez o aprofundamento da verdade que é revelada no Logos, porque diante das muitas teorias sobre o que é a verdade, pensamos e acreditamos que só em Jesus Cristo, o caminho, a verdade e a vida, se encontra a fonte de toda nossa procura do sentido da vida.

Que fique bem claro que neste ponto não pretendíamos abordar a questão da cultura em si, mas a relação que há entre o Cristianismo e a cultura, e até que ponto é que a religião que professa uma só fé num Deus Uno e Trino, um Deus feito homem, pode contribuir para que a cultura/arte seja também um lugar onde se manifesta o mistério da verdade de Jesus. Em jeito de conclusão, podemos frisar que o Cristianismo precisa da cultura/arte e vice-versa, porque as duas realidades são guardiães da verdade, dois sujeitos que dão à humanidade uma mensagem de amor, esperança e caridade.

Se o homem é um ser corporal e espiritual, produto da sua cultura, ele não pode viver a sua fé desligada da sua cultura. Se isso acontecer, tornar-se-á um ser vazio, porque, como diz o apóstolo dos gentios, «<sup>23</sup>que o Deus da paz vos santifique totalmente, e todo o vosso ser – espírito, alma e corpo – se conserve irrepreensível para a vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo» (1 Ts 5,23). Diante desta declaração, e depois de todo o combate que o Cristianismo teve contra o platonismo que defendia que o corpo é o cárcere da alma, podemos dizer com segurança que a relação entre a Igreja e a cultura de vários povos é possível.

Mais do que nunca o diálogo entre a cultura e o Cristianismo deve ser estimulado, de modo a que a Igreja desafie a humanidade a perceber que uma cultura sem esta sede da busca de Deus, da compreensão da sua verdade, pode tornar-se uma cultura vazia, sem sentido. É nesta linha que o papa Bento XVI, no seu discurso no *Collège des Bernardins*, na sua viagem apostólica por ocasião do 150º aniversário das aparições de Lourdes (12-15 de Setembro de 2008) refere: «Uma cultura meramente positivista que relegasse para o âmbito subjectivo, como não científica, a pergunta acerca de Deus, seria a capitulação da razão, a renúncia às suas possibilidades mais elevadas e, portanto, o descalabro do humanismo, cujas consequências não deixariam de ser graves. O que fundamentou a cultura da Europa, a procura de Deus e a disponibilidade para O escutar, permanece também hoje o fundamento de toda a verdadeira cultura»<sup>124</sup>.

---

<sup>124</sup> BENEDICTUS XVI, *Lutetiae Parisiorum Summus Pontifex viros Culturae deditos convenit apud Collegium a Bernardinis*, in AAS 100 (2008) 730.

De tudo o que foi dito até agora, surge uma questão: qual é a atitude do Cristianismo face à diversidade de culturas, como actuar? Em primeiro lugar, devemos ter em conta que o Cristianismo é a religião onde o Verbo se revelou e revela – e o Verbo não é uma cultura. Sendo Cristo a Palavra, Ele não é a palavra de nenhuma língua em particular. Portanto, nenhuma cultura é dona da verdade, nem deve dizer que é melhor do que a outra. «Por um lado, cultura alguma é a única verdadeira e/ou definitiva e por outro lado, o espectáculo da história universal, no qual as civilizações se sucedem, se esgotam, se separam, etc., não é o drama da Salvação. A unidade da humanidade não se coloca ao nível da cultura e das culturas; ela é dada, à partida, pelo Verbo»<sup>125</sup>. Só Deus feito homem pode unir a humanidade na sua diferença; isso desafia o Cristianismo a ser uma religião universal, porque Deus quer assim, e isso deve ser cumprido, indo ao encontro de todas as culturas.

O Cristianismo tem a árdua missão de ajudar a sociedade a perceber que a atitude de criar uma civilização autenticamente pluricultural com base na política, é uma falsa postura, porque nenhuma cultura deve ser baseada numa política. Para o cristão, existe uma, e apenas uma, sociedade pluricultural: a Igreja. Ela que não reclama para si uma cultura específica nem particular, mas chama para a fé todos os homens. O desafio é chamar à conversão as culturas, deixando que o Verbo de Deus actue cada vez mais neles. O testemunho que a Igreja dá sobre o amor e a verdade, não parte de Si, mas de Jesus Cristo, porque Ele amou primeiro a todos. Por isso, o encontro do Cristianismo com as culturas deve sempre partir do testemunho credível d'Aquele que é o verdadeiro amor e caminho para vida eterna.

Portanto, é de capital importância que haja uma Igreja que se preocupe com o estado actual da cultura, mas que também se preocupe em ter no seu seio algo de positivo da cultura, de modo a anunciar a palavra de Deus. Se no Logos encontramos a razão e a fé, o Cristianismo deve reclamar o seu lugar junto das culturas de modo a que a humanidade não fique cega diante do divino, porque aquilo que estamos a notar é uma razão que quer relegar a religião para fora do seu âmbito racional. É urgente e necessário que este encontro da cultura com o Cristianismo e vice-versa aconteça

---

<sup>125</sup> R. BRAGUE, *Cristianismo e cultura: algumas notas de circunstância*, in *Communio* 3 (1986) 145.

sempre, porque «não agir segundo razão, não agir com o *logos*, é contrário à natureza de Deus»<sup>126</sup>.

### **2.3. O Cristianismo como manifestação da Verdade: a síntese da fé, razão e a vida**

No Cristianismo não se pode falar da fé e da razão como se fossem duas realidades separáveis. O homem é a união corpo e alma, é a junção da sua fé e da sua razão. O Cristianismo é o servo da verdade, porque é uma religião que tem como missão salvar as almas, e assim, como Esposa d'Aquela que é Verdade, deve levar essa verdade à todos.

Um dos objectivos do Cristianismo, senão o principal, é mostrar à sociedade actual, mais do que nunca, que quando o homem separa a sua fé da razão, está a inferiorizar-se a si mesmo, a reduzir-se a um ser muito limitado. Ratzinger sobre isto diz:

A religião, porém, por mais que seja necessária a sua diferenciação do plano da ciência, não se deixa restringir a um sector. A sua finalidade é precisamente integrar o homem na sua totalidade, ligar sentimento, entendimento e vontade entre si e mediar entre uns e outros, e dar ao desafio do todo, ao desafio da vida e da morte, da comunidade e do eu presente e do futuro. Ela não pode arrogar-se a solução de problemas que têm a sua própria especificidade, mas tem de capacitar para as decisões últimas nas quais está sempre em jogo a totalidade do homem e do mundo<sup>127</sup>.

O autor deixa entender que toda a crise que a humanidade passou é devida a este corte e separação da totalidade do mundo (homem racional e homem crente). Podemos ver isto no início do iluminismo, corrente que apelava à separação entre o homem racional e o homem crente, afirmando que só a razão é suficiente para a salvação do homem e colocando o homem no centro do universo.

Quando essas correntes filosóficas apelam à «morte de Deus», o Cristianismo deve ainda com mais força e fé, com mais intensidade, arvorar uma fé que passa pelo testemunho, mostrando à sociedade que a razão tem seus limites e que o homem precisa de ser crente, isto é, ser um indivíduo que procura perceber o mistério que o circula.

---

<sup>126</sup> BENEDICTUS XVI, *Summus Pontifex convenit legatos Scientiarum, apud Studiorum Universitatem Ratisbonensem disserens de: «Glaube, Vernunft und Universität. Erinnerungen und Reflexionen»*, in AAS 98 (2006) 730-731.

<sup>127</sup> J. RATZINGER, *Fé – Verdade – Tolerância*, 129.

Mas só pode compreender esse mistério à luz da fé. Como já dizia Santo Agostinho, «crer para compreender e compreender para crer».

É urgente que a razão e a religião se encontrem – isto é um desafio, uma função difícil, mas não impossível, em que o Cristianismo deve investir cada vez mais. «Não há outra maneira: razão e religião têm de se encontrar outra vez, sem se dissolverem uma na outra... porque o que está em causa é o homem, o mundo. E ambos, claramente, não têm salvação, se Deus não for considerado de modo convincente»<sup>128</sup>. É todo o ser humano-corpo, alma e espírito que procura a Verdade, poe-se ao serviço d'Aquele que nos liberta.

Se é só a verdade que liberta, o Cristianismo tem a missão de colocar no centro da sua evangelização a verdade, isto é, mostrar aos homens que Deus é o único que liberta, que nos preenche, que tem todas as respostas para as nossas questões.

Deus revela-se porque quer ser conhecido. Portanto o Cristianismo deve levar aos homens um Deus que se encarna, porque nos ama e quer a nossa salvação. É preciso mostrar a todos que o Cristianismo não é um sistema, nem deve ser visto como um edifício acabado, pois «é um caminho, e é próprio de um caminho que, só entrando nele, se possa saber como nele caminhar»<sup>129</sup>.

O Cristianismo é um Acontecimento: o Verbo que se fez carne e habitou entre nós (cf. Jo 1,14) assumiu toda a nossa condição, excepto o pecado. É uma síntese entre a fé e a razão, porque os Apóstolos afirmam: «Nós acreditamos no amor» (1Jo 4,16). Perante tudo que já foi dito, a integração do homem e a religião é fundamental e urgente, porque a verdade santifica (cf. Jo 17) e liberta.

O Cristianismo, apelando a verdade, trabalhando para a sua credibilidade, deve sempre mostrar que Jesus Cristo é o único salvador, a síntese da razão, fé e vida. Nunca deve deixar de reivindicar ser a verdadeira religião, porque uma religião só é verdadeira quando se coloca ao serviço da verdade.

Levar a Boa Nova para todos é a missão do Cristianismo e ele não deve deixar de assumir essa sua verdade. Podemos frisar que a novidade que o Cristianismo traz para os primeiros discípulos e para os demais homens é ver Deus amor, um Deus que envia seu Filho para a salvação de todos. Por isso, o Cristianismo diz: «<sup>16</sup>Nós conhecemos o amor que Deus nos tem, pois cremos nele. Deus é amor, e quem

---

<sup>128</sup> J. RATZINGER, *Fé – Verdade – Tolerância*, 130.

<sup>129</sup> J. RATZINGER, *Fé Verdade Tolerância*, 131.

permanece no amor permanece em Deus, e Deus nele» (1 Jo 4,16). Diante desta profissão de fé, todos os homens podem ser irmãos e irmãs, a partir do único Deus.

Quando se diz que o Cristianismo é a síntese entre a fé e a razão, notamos isto presente no Logos, quando S. João diz que no princípio era o Logos – acreditamos que n'Ele estão resumidas toda a fé e a razão. Podemos subir a fasquia e dizer que o Cristianismo é a verdadeira síntese da fé e razão. Porque «ao contrário doutras grandes religiões, o Cristianismo nunca impôs ao Estado e à sociedade um direito revelado, nunca impôs um ordenamento jurídico derivado duma revelação. Mas apelou para a natureza e a razão como verdadeiras fontes do direito; apelou para a harmonia entre razão objectiva e subjectiva, mas uma harmonia que pressupõe serem as duas esferas fundadas na Razão criadora de Deus»<sup>130</sup>.

Agora podemos questionar: porque é que o Cristianismo teve sucesso na sua missão (teve uma expansão rápida)? O que é que o levou a ser uma religião mundial? Ratzinger no livro «*Fé-Verdade-Tolerância*» responde a esta questão dizendo que o «Cristianismo entrou no mundo com a consciência de uma missão universal. Os fiéis de Jesus Cristo, desde o primeiro momento, sabiam-se na obrigação de transmitir a sua fé a todos os homens; viam na sua fé um bem que lhes não pertencia a eles, a esse bem tinham todos direito. Seria traição não levar até ao último recanto da terra o que lhes fora entregue»<sup>131</sup>.

Esta sede de levar o Evangelho a todos os confins da terra (cf. Act 1,8), de pôr em prática aquilo que Jesus Cristo, ensinou, pregou e testemunhou, deixou os primeiros discípulos e os outros com a certeza de que aquilo que receberam de Cristo era para ser transmitido a todos (cf. Mt 28,19-20). A Igreja Católica não recebeu da parte de Jesus Cristo a fé exclusivamente só para si, para a colocar num vaso, mas com a missão de anunciar a todos as nações as palavras da vida eterna (cf. Jo 10,10).

Essa transmissão de fé recebida podia não ter sucesso, nem cativar aqueles que não conheciam Cristo, por terem uma cultura diferente. Contudo a mensagem do Evangelho ia passando, formando comunidades, mudando vidas. Porque «a força do Cristianismo, que fez dele uma religião mundial, consistiu na sua síntese de razão, fé e vida; uma síntese que se diz sumariamente na expressão *religio vera*»<sup>132</sup>. Mais específico, o cardeal Ratzinger afirma que «o Cristianismo ultrapassou os limites da

---

<sup>130</sup> BENEDICTUS XVI, *Iter apostolicum in Germaniam: ad Berolinensem foederatum coetum oratorum*, in AAS 103 (2011) 665.

<sup>131</sup> J. RATZINGER, *Fé – Verdade – Tolerância*, 53.

<sup>132</sup> J. RATZINGER, *Fé – Verdade – Tolerância*, 156.

sabedoria escolar filosófica exactamente por o Deus pensado se encontrar connosco como o Deus vivo (...) o Cristianismo convenceu, digamo-lo de maneira simples, pela união da fé com a razão, e pelo acento da acção na *caritas*, na assistência amorosa aos que sofrem, aos pobres e aos fracos, para além dos limites das classes sociais»<sup>133</sup>.

Uma síntese entre a fé, a razão e a vida fez do Cristianismo uma religião mundial. Isto leva o Cristianismo a desafiar cada homem a não se conformar-se com ser e permanecer um cego de nascença para aquilo que lhe é essencial. A renúncia à verdade nunca pode ser definitiva.

Abordar a questão de que o Cristianismo é a síntese da fé, razão e vida colocamos num patamar de ver a sua relação com as outras religiões, com o estado. Fica desde já esclarecido que o Cristianismo não é invenção dos homens, nem muito menos de algum estado, mas é o desejo querido por Deus e a resposta livre do homem. No Cristianismo notamos que a fé cristã não é criada pela poesia ou política, as duas dimensões que estão na origem das religiões. O cardeal Ratzinger tem uma frase muito rica e profunda onde nos apresenta o Cristianismo como a vitória da desmitologização, como a *religio vera*, dizendo: «No Cristianismo, o esclarecimento racional tornou-se religião, não o seu adversário. Porque foi assim, porque o Cristianismo se entendeu a si mesmo como vitória da desmitologização, como vitória do conhecimento e, com ele, da verdade, por ele tinha de ser visto como universal e ser levado a todos os povos: não a partir de uma espécie de imperialismo religioso, mas como verdade que torna supérflua a aparência»<sup>134</sup>.

Diante desta atitude do Cristianismo, apresentada na citação anterior, é logico que a Igreja começasse a ser vista como uma religião sem Deus, um atentado contra o politeísmo, ou até como uma inimiga do império romano. Isso aconteceu e acontece, ou seja, o Cristianismo fazia cair os fundamentos do Estado, por não querer ser religião entre religiões, mas vitória do conhecimento sobre o mundo das religiões, rejeitando a visão filosófica que vê o homem como um ser que tem um corpo como cárcere da alma e afirmando que o homem é imagem e semelhança do Deus (cf. Gn 1,26-27; Gn 2, 4-7; 1 Ts 5,23; Jo 1,14; 1 Jo 1,1-3). A força do Cristianismo fundamenta-se nesta definição no cosmos da religião e da filosofia, porque não adora um Deus impessoal, que existe simplesmente no nosso pensamento, mas um Deus que se fez homem e veio habitar no meio de nós (cf. Jo 1,14). «Se, porém, o Deus que o pensamento encontra também vem

---

<sup>133</sup> J. RATZINGER, *Fé – Verdade – Tolerância*, 155.

<sup>134</sup> J. RATZINGER, *Fé – Verdade – Tolerância*, 152.

ao nosso encontro, no interior de uma religião, como Deus que fala e age, então significa isto a reconciliação entre pensamento e fé»<sup>135</sup>.

De tudo que já falamos até agora, levanta-se uma questão: esta pretensão do Cristianismo em ser a síntese de fé, razão e vida, como a *religio vera*, será que deve ser apresentada no mundo de hoje? Diante do progresso da ciência e do iluminismo vale a pena ter a pretensão da *religio vera*? Segundo cardeal Ratzinger e também santo Agostinho, bispo de Hipona, na sua obra «a verdadeira religião», a *religio vera* é a unidade de pensamento e fé. No Cristianismo notamos isto: no Verbo de Deus desde do princípio está presente a força criadora da razão.

O Cristianismo não terá de deixar a pretensão em ser a *religio vera* nem inserir-se na visão neoplatônica ou budista ou hinduísta, mas defender a sua pretensão em amar, conhecer e servir a verdade e ser a luz que este mundo precisa. Porque a religião como comportamento último do homem nunca é apenas teoria, mas razão e fé. Não cre num Deus impessoal, mas num Deus Uno, Trino, que, não querendo a morte eterna dos homens, envia o Seu Filho Unigênito para a salvação de todos. A razão e o Cristianismo nunca podem ficar definitivamente separados, porque o iluminismo que queira ver-se livre desta opção de vida que o Cristianismo apresenta e vive, não é uma evolução, mas sim uma involução, porque o homem é corpo e alma, razão e fé. A Igreja desafia a humanidade a conhecer e a amar Aquele que é a verdadeira síntese da fé e razão.

Não nos preocupamos em apresentar o Cristianismo como verdadeira religião, mas em dizer que ele tem a pretensão em ser a *religio vera* (a síntese/unidade de razão e fé), porque nenhuma religião possui a verdade, pelo contrário é a verdade que a possui. Mas a sua pretensão em ser a *religio vera* nunca deve ser deitada fora, porque se «o seu conteúdo mais profundo deverá consistir hoje – afinal como naqueles tempos – em que amor e razão, como pilares fundamentais da realidade, sejam conduzidos à sua unidade: a verdadeira razão é amor, o amor é a verdadeira razão. Na sua unidade são o verdadeiro fundamento e a finalidade de todo o real»<sup>136</sup>. Esta pretensão em ser a *religio vera* só pode continuar e continua a partir da unidade dos pilares amor-razão. É nesta unidade que o homem pode conhecer e amar a verdade que se lhe revela no Logos, que aparece como o amor criador até ao ponto de se fazer com-paixão com os homens.

Uma religião que apresenta Deus como amor, que tem a pretensão em ser *religio vera*, adora um Deus pessoal, feito homem, é digna de ser credível, porque tem a

---

<sup>135</sup> J. RATZINGER, *Fé – Verdade – Tolerância*, 152.

<sup>136</sup> J. RATZINGER, *Fé – Verdade – Tolerância*, 162-163.

sensibilidade de levar o homem a ser discípulo do Deus amor, a construir uma civilização do amor. E não põe de lado a racionalidade, mas assume-a, sente que uma fé sem a razão é fideísmo e uma razão sem a fé é cega. Como diz santo Agostinho «religie-nos, portanto, a religião ao único Deus onnipotente, pois entre a nossa mente, pela qual entendemos o Pai, e a verdade, isto é, a luz interior pela qual entendemos, não foi interposta nenhuma criatura. Veneremos, portanto, nele e com ele, a própria verdade»<sup>137</sup>.

Porque toda a vida que é racional obedece à verdade imutável e se não lhe obedece torna-se depravada. A humanidade que rejeita a verdade revelada no Filho de Deus, acabará por cair num abismo, de perder o rumo da sua existência, ser imagem desta verdade anunciada.

Decorrendo desta nossa exposição, podemos arriscar, e é um risco aceitável, afirmar que o Cristianismo é *religio vera*, porque nele acontece uma profissão de fé num Deus Uno e Trino, que é comunhão, que se fez homem. Só um Deus assim merece um recto culto. Se a religião verdadeira consiste em viver de tal modo que a nossa mente esteja em perfeita união com a verdade (a que nos é revelada no Logos, de uma forma plena na sua cruz), da qual depende no seu ser e no seu agir, enquanto mente racional, sem interposição de nenhuma criatura ou fantasma do espírito, então é credível o Cristianismo no meio dos homens. O Cristianismo adora um Deus Pai que revelou todo seu mistério de amor e verdade na pessoa de Seu Filho Jesus Cristo, portanto, como diz santo Agostinho, «inclinando-nos para Deus e religando só a ele as nossas almas – que é de onde se julga que deriva a palavra religião – nos abstermos de toda a superstição?»<sup>138</sup>.

Uma religião verdadeira não é aquela que deseja possuir a verdade, mas é aquela que reconhece que é possuída pela verdade imutável; nela vemos uma perfeita unidade das duas realidades mais profundas da vida humana, a fé e a razão – é esta a realidade professada e vivida no Cristianismo.

---

<sup>137</sup> AGOSTINHO, *A verdadeira religião*, LV, 113.

<sup>138</sup> AGOSTINHO, *A verdadeira religião*, LV, 111.

## 2.4. A credibilidade do Cristianismo em Balthasar em paralelo com Ratzinger/Bento XVI

Todo o ser humano anseia por encontrar o amor, viver o amor e sentir-se amado. Nós, antes de amarmos, somos amados pelo Filho de Deus que nos ensina a amar uns aos outros como Ele nos amou. Esta busca constante levou-nos a exigir provas da sua existência, mas infelizmente buscamos em outras pessoas quando deveríamos começar a buscar o verdadeiro sentido do amor e da verdade n'Aquele que nos revelou a plenitude do amor na Cruz.

Balthasar enquadra Ratzinger na via do amor; segundo a sua obra, «*só o amor é digno de fé*». Podemos afirmar que a teologia de Ratzinger sobre a credibilidade do Cristianismo vai na mesma linha de Balthasar (foram colegas, andaram na mesma universidade).

Apesar de Ratzinger mostrar o Cristianismo como a síntese da razão, fé e vida, ele não quer dizer que o Cristianismo é uma filosofia, ou uma religião que parte da ideia humana mas sim é uma religião credível, porque não foi fundada por homens, mas por Cristo, Verbo encarnado, que veio habitar no seio de Maria, deu aos Apóstolos o poder de comandar a Igreja.

Para Balthasar aquilo que faz o Cristianismo ser uma religião credível é a encarnação do Verbo, que morreu na cruz pela remissão de todos os homens. O Deus do Cristianismo não é um Deus distante, mas sim um Deus invisível que se fez visível (cf. Jo 1,1-18; 1Jo 1-4). Ele defende que toda a teologia e a estética do Cristianismo devem centrar-se no drama da cruz, a maior manifestação da glória de Deus.

Ratzinger diz que a verdade que o Cristianismo apresenta não é uma verdade do próprio homem, mas d'Aquele que é a própria verdade, o caminho e a vida. Devemos sempre levar esta verdade a todos, assim como Ele nos manifestou na Cruz.

Segundo o teólogo do amor (Balthasar), não se pode apresentar o primado de Pedro, o *fiat* de Maria, a Tradição e o número de fiéis como a credibilidade do Cristianismo. Mesmo que isso nos leve a ver o Cristianismo como a *vero religio*, não podemos dizer que isto faz da Igreja Católica uma religião credível.

«*Só o amor é digno de fé*»<sup>139</sup> – É isso que faz do Cristianismo uma religião credível. Segundo Balthasar, «o amor de Deus que é graça, contém necessariamente em

---

<sup>139</sup> H. U. von BALTHASAR, *Só o amor é digno de fé*.

si as condições da credibilidade e, por conseguinte, as oferece e as comunica»<sup>140</sup>. Portanto, é o próprio Deus que nos revela o seu Amor e nos mostra aquilo que é credível para o Cristianismo. Este amor revelado deve ser o instrumento principal da pastoral, a linguagem do dia-a-dia.

Para Ratzinger, o *fiat* de Maria é um dos motivos que faz do Cristianismo uma religião credível, este sim que permitiu que o Verbo se encarnasse e habitar entre nós. Para Balthasar, o *fiat* de Maria foi uma preparação: «se o amor de Deus espargido nas trevas do não-amor não tivesse preparado, na sua própria difusão, este seio (Maria foi pré-resgatada pela graça da cruz, ou seja, é o primeiro fruto do espargimento de Deus na noite da perdição), o amor nunca teria mergulhado nesta noite e teria sido de todo incapaz»<sup>141</sup>.

Deus preparou no seio de Maria a manifestação do seu amor. Ele revela-nos o Seu Amor como auto-amor, e devemos responder ao Amor com amor. É o que é pedido ao Cristianismo, que leve este Amor a todos.

O maior desafio do Cristianismo, segundo Ratzinger e Balthasar, é nunca perder o rumo deste Amor, porque, estando fora do lugar do amor revelado na cruz, o Cristianismo deixa de ser uma religião credível. Só aquele amor revelado na cruz é credível de ser transmitido nesta época de muita contradição.

A Tradição Apostólica, o *fiat* de Maria, as Escrituras, o número de fiéis, tudo isto, sem a revelação do Amor na Cruz, que pede uma resposta a priori, perde qualquer importância. Só o amor reconciliado com o amor revelado é credível de ser transmitido.

O Cristianismo deve mostrar a todos que, fora do amor revelado na Cruz, a vida do ser humano perde sentido; uma ciência, autónoma, uma filosofia que tente ser auto-suficiente, fora do drama do amor revelado, perde orientação, torna-se vazio.

As propostas pastorais de Ratzinger e Balthasar de uma certa forma cruzam-se: se o primeiro defende o Cristianismo como guardião da verdade, uma religião que resume a fé, a razão e a vida num só, porque o homem é tudo isto junto, já o segundo diz que o Cristianismo deve colocar no centro da pastoral o amor.

Se Jesus Cristo é caminho, verdade e a vida, S. João diz-nos que Deus é Amor. Portanto, tanto Balthasar como Ratzinger apresentam as mesmas razões que faz o Cristianismo ser uma religião credível: a Igreja é a discípula do Deus Amor, deve beber

---

<sup>140</sup> H. U. von BALTHASAR, *Só o amor é digno de fé*,71.

<sup>141</sup> H. U. von BALTHASAR, *Só o amor é digno de fé*,73.

do amor de Jesus, ser o rosto visível d'Aquele que se fez homem para que o homem fosse divinizado e levado a categoria do filho de Deus.

Quando Hans Urs von Balthasar afirma categoricamente que “ só o amor é digno de fé “, ou seja, apenas o amor é credível, o que Balthasar vai defender é que Deus não precisa do Cosmo e do homem para se credibilizar. Deus auto revela-se, é amor que se auto glorifica. A revelação de Deus em Jesus Cristo é a sua própria credibilidade, a plenitude da revelação do verdadeiro amor. A revelação de Deus não precisa de nada que lhe dê credibilidade, porque ela mostra-se como amor e apenas o amor de Deus é credível de ser anunciado.

Nesta linha, Joseph Ratzinger afirma que, se o conteúdo da fé é o amor, o amor e a fé são duas realidades inseparáveis. Tudo aquilo que Deus quer dizer ao homem é credível no amor que sai d'Ele mesmo. Mesmo sabendo que o homem responde a um amor que antes vem ao seu encontro, não se pode desligar a Igreja da glória divina, esta glória que é o próprio Deus Amor.

Portanto, o verdadeiro critério da autenticidade do elemento cristão não pode ser nem a filosofia religiosa nem a existência. Então perguntemos qual é o critério da autenticidade daquilo que faz credível o Cristianismo. Segundo Balthasar e Ratzinger, só o amor de Deus é credível de fé. Quando tentamos reduzir a Igreja a meras definições filosóficas e humanas, ela perde a sua identidade, começa a anunciar as suas próprias ideias e esquece que Deus feito homem, que morreu na Cruz, é o único que é credível de ser anunciado a todos os homens.

A Igreja não possui o amor de Deus, nem tem o poder de fazer aquilo que lhe apetece com as palavras de Jesus. «Se “possui” o amor, é apenas porque o amor o possui, isto é, ele nunca o possui de modo que o possa considerar como aquilo de que pode dispor como possibilidade sua. Não o possui decerto exteriormente, mas apenas porque o amor o possui no mais íntimo, *interius intimo meo*»<sup>142</sup>.

Podemos declarar que não é só o amor que é digno de fé, que não é o único conteúdo da fé. Deus é amor, e pede que a Igreja seja mediadora deste amor que formula a sua identidade, porque só um Deus que é amor no seu mais profundo ser e essência pode ser anunciado à humanidade. Alguém já dizia que a humanidade não sobreviria um dia sem o amor. Porquê? Porque «é o amor que “organiza” o homem, e

---

<sup>142</sup> H. U. von BALTHASAR, *Só o amor é digno de fé*, 113.

não inversamente; o amor faz do homem – que resiste sempre – o seu órgão. E se este aprendeu verdadeiramente a conhecer o amor, coibir-se-á de dizer que o possui»<sup>143</sup>.

Só um Cristianismo que tem como kerigma principal viver do amor e anunciá-lo é credível entre os homens. Aquilo que a Igreja anuncia não é seu, mas de Jesus Cristo. «O amor cristão não é a palavra – nem sequer a última palavra – do mundo sobre si mesmo, mas a palavra definitiva de Deus sobre si próprio e, portanto, também sobre o mundo»<sup>144</sup>. A Igreja é serva de Deus encarnado, ela deve diminuir em tudo o que faz o amor de Deus desaparecer e deixar o amor de Jesus Cristo ir sempre à frente, morrer para si para anunciar as maravilhas do Cordeiro Imolado.

Sabemos que «o mundo quer viver e ressuscitar antes de morrer, o amor de Cristo, porém, quer morrer para ressuscitar além da morte, na morte, na forma de Deus»<sup>145</sup>. Nenhuma semente pode dar fruto sem antes morrer. A Igreja tem a missão de ajudar cada homem a livrar-se do seu egoísmo, individualismo, de modo a que o amor de Deus habite no coração de cada um. Uma Igreja que seja serva, com a missão de contribuir para a construção de uma civilização do amor, porque só o amor salvará a humanidade.

---

<sup>143</sup> H. U. von BALTHASAR, *Só o amor é digno de fé*, 113.

<sup>144</sup> H. U. von BALTHASAR, *Só o amor é digno de fé*, 117.

<sup>145</sup> H. U. von BALTHASAR, *Só o amor é digno de fé*, 117.

### **3. A ACTUALIDADE E OS DESAFIOS DA CREDIBILIDADE DO CRISTIANISMO EM RATZINGER/BENTO XVI**

O Cristianismo não pode deixar-se calar para agradar aos outros, pelo contrário, a sua voz deve ser ouvida cada vez mais no meio dos homens, para que as sociedades possam perceber que só podem viver bem, serem construtores de uma civilização onde todos nós somos irmãos, discípulos do amor, reconhecendo que só o amor de Deus tem o poder de tirar a humanidade do caminho da perdição. Sem a revelação do amor de Deus na pessoa do seu Filho Jesus Cristo, não podemos falar da moral, porque o homem sem Deus é um ser morto. Esta é a missão da Igreja ajudar o homem a por Deus cada vez mais no centro da sua vida.

#### **3.1. O Cristianismo como modelo para a moral: desafio em permanecer no amor e compreender a verdade**

A nossa sociedade acredita que já conhece tudo e que é dona de toda a sabedoria, portanto dispensa a crença num Deus que é a fonte de vida, que não tem nada a ver connosco e que a Igreja é dispensável. Perante o reducionismo da realidade e do homem, cabe a Igreja mostrar a humanidade que quando se coloca no centro do universo o indivíduo, afirmando que o homem encontra a resposta as suas inquietações a partir do método científico, isso leva a um conhecimento exaustivo da realidade. Só em Deus Uno e Trino o homem encontrará a resposta as suas inquietações.

Nesta óptica a Igreja deve apresentar-se não como uma realidade estritamente humana, mas uma realidade divina-humana, porque como disse o papa João Paulo II aos jovens na mensagem para a preparação da XVIII Jornada da Juventude «o Cristianismo não é uma opinião e não consiste em palavras vãs. O Cristianismo é Cristo! É uma

Pessoa, é Aquele que vive! Encontrar Jesus, amá-lo e fazer com que Ele seja amado: eis em que consiste a vocação cristã»<sup>146</sup>.

Como sabemos o Cristianismo pertence actualmente a uma minoria, sem perder a sua missão em anunciar o Evangelho até aos confins da terra. Em contradição com aquilo que parece lógico e natural, a sua missão passará em denunciar todas as tendências da cultura actual que tenta tirar Deus da vida de cada homem. Porque só uma sociedade que tem Deus no centro de tudo conseguirá encontrar o verdadeiro caminho para a felicidade.

Mas, de que modo podemos afirmar que o Cristianismo é o modelo para a moral? O Cristianismo é o modelo adequado para a moral porque ele não é simplesmente uma ideia humana, um sonho que a Igreja tenta transmitir e viver, mas o Cristianismo é o próprio Cristo, o caminho, a verdade e a vida.

«O cristão não se pode colocar a questão moral a partir da pergunta sobre o que deve fazer ou o que obterá em troca, mas a partir da pergunta sobre o que lhe cabe esperar de Deus»<sup>147</sup>. A nossa pergunta deve realizar sempre a vontade de Jesus Cristo, porque se nós tentamos realizar sempre os nossos desejos, e se para nós a felicidade (a vida eterna) é estar com o Filho de Deus, portanto a moral só a partir de Jesus Cristo encontrará o verdadeiro sentido da vida. E «a partir desta interpelação, descobrirá que só em Jesus Cristo e no seu seguimento o ser humano encontra a resposta à pergunta moral, mas também, sobretudo, para se identificar com a sua forma de vida, para se configurar de forma íntegra e total sobre a sua pessoa»<sup>148</sup>.

Perante uma sociedade, uma moral que substitui o conceito de “redenção” pelo de “libertação”, entendida sobretudo como libertação política, a Igreja pretende oferecer um modelo de vida moral a partir de uma perspectiva cristã sem cair num moralismo de tipo legalista. Permanecer no amor e conhecer a verdade eis a essência do modelo de vida moral que a Igreja pretende apresentar, porque só a partir de um Deus-Amor e da revelação da sua verdade em Jesus Cristo, a moral encontrará a luz para as questões da vida e não cair num moralismo legalista.

Por isso afirmamos que a missão da Igreja é exercer um papel de oposição profética frente às ideologias que vão contra a verdade, porque a sua função é a de testemunhar a verdade, ser o “olho” mediante o qual a luz de Deus nos alcança para ser

---

<sup>146</sup> GIOVANNI PAOLO II, *Messaggio di Giovanni Paolo II per la XVIII Giornata Mondiale della Gioventù*, in *L'Osservatore Romano* [edição diária italiana] 143 (2003) n. 59, 5.

<sup>147</sup> J. PÉREZ ASENSI, *Ética da fé na obra de Joseph Ratzinger* (Lisboa: Paulus 2007) 48.

<sup>148</sup> J. PÉREZ ASENSI, *Ética da fé na obra de Joseph Ratzinger*, 48-49.

a “língua” que fala de Deus. Levar Deus aos homens e ajudar os homens a aproximar de Deus, porque só junto do Senhor Criador dos Céus e da Terra está a felicidade. E uma moral sem Deus é uma moral egoísta, que só tenta realizar os desejos do homem.

A Igreja é convidada a ser o fermento e o sal da terra na humildade mas também na responsabilidade, sem colocar de lado a sua visão teológica mais divina, porque só assim ele será verdadeiramente mais humana. Só uma Igreja humana e divina pode perceber o verdadeiro sentido da vida moral de cada homem.

Sabemos que a sociedade europeia e as outras estão submersas «num declive moral que se manifesta no desaparecimento de toda a ressonância moral na concepção da realidade, e num abandono da busca da verdade»<sup>149</sup>. Uma moral sem Deus Uno e Trino desemboca num cepticismo, num cansaço moral, numa crise de sentido, num absurdo e numa sociedade mais violenta, dura e egoísta, que converteu a técnica e a ciência em critério supremo.

Diante desta situação a missão da Igreja é cada vez mais urgente apresentar a cada sociedade que só uma moral serva da verdade é digna de ser estudada e vivida, porque só a verdade liberta. Mas como a Igreja pode apresentar as sociedades uma moral que é sal e fermento da terra? Deve partir do diálogo íntimo e da identificação com Cristo único salvador da humanidade, para poder sair e anunciar o Evangelho promovendo vida, sentido e alegria na sociedade actual. Uma ciência que tenta explicar tudo, só a partir da razão humana acabará por cair no seu próprio abismo, porque sabemos que a ciência humana não é capaz que explicar o mistério divino, daí que ela precisa da fé cristã, porque a fé e a ciência são como que duas asas que nos leva à Deus.

Se o Cristianismo é o modelo para a moral, a sua teologia moral não deve basear exclusivamente em opinião humana mas ela deve ser baseada num discernimento crítico, coerente e rigoroso, a Igreja é capaz de continuar a obra de salvação operada por Deus. Nenhuma moral autónoma, de liberdade criativa, consequencialista e proporcionalista pode dar todas as respostas as questões da vida moral pondo de lado a fé, a verdade e a liberdade, porque se o conteúdo da fé é o amor, e a humanidade não consegue viver um dia sem o amor, como é possível uma moral sem Deus-amor.

Os diversos modelos morais filosóficos e teológicos contemporâneos, necessitam da Igreja, porque ela é o lugar onde se manifesta a verdade e o amor. A fé cristã é o fundamento últimos da proposta ética e moral, que se desenvolve no binómio

---

<sup>149</sup> J. PÉREZ ASENSI, *Ética da fé na obra de Joseph Ratzinger*, 42.

“permanecer”- “compreender”. Permanecer no amor de Deus que salva todos os pecadores e compreender a verdade que liberta o homem do seu egoísmo.

Uma excelente e adequada teologia moral não pode nunca estar desligada da fé, muito menos da verdadeira essência da pessoa do Deus Trino, porque «”quem não conhece Deus não conhece o homem, e quem se esquece de Deus destrói a humanidade do homem, ignorando a sua verdadeira dignidade e grandeza”»<sup>150</sup>. A Igreja é a serva da verdade revelada no Filho de Deus, e a sua voz deve ser ouvida em todos os cantos da terra, de modo a levar a cada indivíduo a um verdadeiro encontro com Jesus Cristo.

Sem o conhecimento de Deus o conhecimento do homem é incompleto e inexacto, isto é, sem Deus o homem pode ser reduzido a pura materialidade. A história da humanidade está estritamente unida a história de Deus, pelo que não se pode nunca dispensar Deus na compreensão de quem é o homem.

É nesta linha que podemos afirmar que a presença da Igreja no meio dos homens não deve ser uma presença despercebida, mais uma presença actuante, que a sua voz é ouvida, denuncia o mal e proclama o bem. Se «Deus é o ponto de partida da Teologia; se não fosse assim, a Teologia Moral já não servia verdadeira Teologia, mas apenas uma ética, dado que Deus não interviria no mundo, nem no caminho do homem»<sup>151</sup>. Se o Cristianismo é o próprio Cristo, e se a Igreja não é a obra do homem, portanto a Igreja não deve anunciar as suas ideias, mas a própria vida do Filho de Deus feito homem; deste modo a Esposa do Cordeiro nunca deve deixar de mostrar ao homem que deve deixar de olhar-se a si mesmo e começar a perguntar-se o que é que Deus quer para ele.

O homem tem sempre a tentação de tomar como fundamento do seu pensamento moral a sua própria razão pondo de lado a fé, a vida de Jesus. Perante isso, cabe a Igreja mostrar a cada homem (filosofo, cientistas, teólogos) que «o garante, o fundamento e o aval da Teologia Moral cristã é a Igreja, porque ela é o “esteio vivo da verdade cristã”»<sup>152</sup>. O Cristianismo deve ser este garante e fundamento da vida moral de cada indivíduo, o lugar onde cada pessoa encontra o verdadeiro sentido da verdade e do amor.

---

<sup>150</sup> J. PÉREZ ASENSI, *Ética da fé na obra de Joseph Ratzinger*, 46.

<sup>151</sup> J. PÉREZ ASENSI, *Ética da fé na obra de Joseph Ratzinger*, 47.

<sup>152</sup> J. PÉREZ ASENSI, *Ética da fé na obra de Joseph Ratzinger*, 50.

### **3.2. A fé cristã, o hoje e amanhã: a fé que ilumina e dá sentido a vida de cada ser humano**

A fé cristã como permanência e compreensão da realidade, porque diante de uma sociedade relativista, o acontecimento da fé situa-se num plano completamente distinto do fazer e da factibilidade. A compreensão da realidade nasce da fé. «A fé é, por consequência, uma forma nova de se situar perante a realidade, de se posicionar diante de todo o real, forma que não se reduz ao saber. É afirmar que o recebido precede o fazer e considerar o invisível como mais real que o visível, aparente ou factível»<sup>153</sup>.

A fé é o modo de entender o ser, a existencia e a realidade. A fé não pode demonstrar (aquilo que a ciência estuda e demonstra), mas acolhe e responde a um caminho vital que todo o ser humano percorre. A fé proporciona a certeza que a entrega que alguém faz não é uma superstição, uma ilusão, mas que segue uma pessoa, Jesus Cristo, a realidade invisível que fez-se visível através da encarnação.

Sabemos que na actualidade a questão da verdade muitas as vezes é colocada de lado. Perante isso a Igreja deve ser a luz que ilumina a realidade humana (científica, moral, psicológica, espiritual), porque a verdade está em crise visto que o conhecimento humano se esquece dela e empurra-nos para o subjectivismo nas questões referidas ao ser humano. O que acontece quando o ser humano coloca de lado a verdade, deixa de ter a fé como a luz que ilumina a sua realidade, no que toca ao saber-fazer? «Ao desaparecer a verdade como bem supremo, o Estado, o funcionalismo e o relativismo convertem-se na fonte do Direito pondo em perigo a dignidade do homem»<sup>154</sup>.

Quando isso acontece o ser humano essencialmente considera-se a fé como irracional e alheia ao conhecimento. Mas sabemos e acreditamos que a fé não é um acto de fuga da razão, mas um acto de afirmação de que algo que somos procede de uma realidade invisível que é mais concreto do que a realidade visível que é passageira.

A Igreja nunca deve deixar de ser o lugar onde passa a luz da fé, porque é próprio da fé cristã (e da Igreja) conduzir o homem à verdade sobre Deus, o mundo e sobre si próprio.

Mas qual é a contribuição que a fé cristã pode dar a humanidade, perante a vivência de um relativismo em grande parte da sua vida? A fé cristã ainda merece a credibilidade da parte do homem? A fé cristã dá uma grande contribuição à

---

<sup>153</sup> J. PÉREZ ASENSI, *Ética da fé na obra de Joseph Ratzinger*, 52.

<sup>154</sup> J. PÉREZ ASENSI, *Ética da fé na obra de Joseph Ratzinger*, 53.

humanidade, porque ela é o caminho da vida, que nasce do encontro pessoal com Cristo, também é a base da moral cristã porque o específico desta moral é seguir Cristo.

É a fé cristã que desperta a consciência humana do seu relativismo, porque mostra a cada indivíduo que o Cristianismo não é moralismo. O Cristianismo é a realidade da história comum de Deus e do homem. É ela que mostra-nos que sem Deus a moral cristã não passa de um simples cálculo humano, e que com Deus existe uma força interior no nosso ser.

Hoje mais do que nunca a fé cristã deve ser anunciada, porque o homem tenta viver sem Deus, pensando que é o dono do seu destino, de toda a criação, e muitas as vezes proclama lei contra a vida. A Igreja tem a missão de ajudar a humanidade a perceber que a vida moral não deve girar exclusivamente a volta da sua consciência, deste modo deve ter em conta que a consciência que o homem é imagem de Deus, o respeito pela vida interpretado a partir do Decálogo e a afirmação de que a natureza e o próprio homem, enquanto parte da natureza criada, contêm no seu interior a sua própria moralidade.

É a fé que a Igreja recebeu de Jesus Cristo que ilumina e dá sentido a vida de cada ser humano, é esta fé que leva o homem a ver que «o reconhecimento do Deus vivo é um caminho para o amor, e o sim da nossa vontade à d'Ele une intelecto, vontade e sentimento no acto globalizante do amor»<sup>155</sup>. Uma vida humana desligada do amor de Deus, é como os ramos desligados da árvore. Bento XVI, na sua primeira *Carta Encíclica Deus Caritas Est* diz: «Se na minha vida falta totalmente o contacto com Deus, posso ver no outro sempre e apenas o outro e não consigo reconhecer nele a imagem divina. Mas, se na minha vida negligencio completamente a atenção ao outro, importando-me apenas com ser “piedoso” e cumprir os meus “deveres religiosos”, então definha também a relação com Deus. Neste caso, trata-se duma relação “correcta”, mas sem amor»<sup>156</sup>.

Jesus Cristo só nos ensina a amar, portanto a nossa missão principal é anunciar o amor de Deus até aos confins da terra, de modo que os corações que estão cheios de ódio e tristeza possam dar lugar a felicidade e a luz de Deus, porque o ódio não faz parte da vontade de Deus. Só o amor de Deus nos salvará, e nós como discípulos do Deus-Amor temos obrigação de beber exclusivamente do seu amor revelado em Jesus Cristo, de modo que sejamos verdadeiros rios onde os outros possam encontrar o amor de

---

<sup>155</sup> BENEDICTUS XVI, *Litterae Encyclicae Deus caritas est*, n. 17, in AAS 98 (2006) 231.

<sup>156</sup> PAPA BENTO XVI, *Carta Encíclica Deus Caritas Est*, 18.

Deus. Não podemos desejar anunciar o amor de Deus sem vivermos verdadeiramente do amor do Filho de Deus.

Já que todos nós desejamos ardentemente o amor de Deus, contudo infelizmente nem todos procedem de modo a merecê-la, todos a desejam receber, mas poucos a querem praticar. Somos convidados por Deus Pai a sermos construtores de uma civilização do amor, com uma fé viva, centrada na Cruz de Jesus, que é árvore da vida do mundo. A humanidade não sobreviveria um dia sem o amor de Deus, portanto é fundamental a Igreja mostrar ao homem que Deus é amor, que longe d'Ele o ser humano não é nada, é um ser vazio e incompleto. Quando o homem separa toda a dimensão da sua vida, da fé e do amor de Deus, ele cai no seu próprio abismo, porque separado do Deus-Amor, o homem perde a sua essência verdadeira, ser imagem e semelhança de Jesus Cristo.

A fé cristã tem um conteúdo moral e específico que é o mandamento do amor; a fé que actua pelo amor (Gl 5,6), é a norma da Igreja, e a pedra angular do discurso moral cristão. Se o conteúdo da fé é o amor, e o conteúdo da vida moral é o mandamento do amor, então podemos frisar que a vida moral é a resposta à iniciativa de Deus, é uma resposta de amor. Não é o cumprimento de obrigações, mas a actividade amorosa da fé. A razão humana necessita sempre da fé cristã, porque ilumina, fortalece e é juízo da razão. Contudo se a fé cristã é essencial, dispensável para a razão humana, ela que dá sentido a vida; a relação entre a fé e a razão é necessária, porque «a relação entre fé e razão é dinâmica: por um lado, a razão está aberta e orientada para a fé de cuja mesma luz participa (a Luz divina) e, por outro lado, a fé não pode prescindir da razão embora não esteja submetida a ela»<sup>157</sup>.

O homem está aberto à fé; esta abertura a Deus e à fé constituem a própria razão. Se encerra em si mesmo nega-se a si mesmo, porque está orientado para a fé, de cuja mesma luz participa. Portanto a Igreja deve ser o lugar onde o homem possa encontrar a luz de Deus, para que a sua vida tenha pleno sentido, porque sem a luz de Jesus o homem perde o rumo.

É a fé que sustém toda a vida do ser humano, porque sem a fé o homem perde a sua essência, isto é, deixa de ser a criatura que imagem de Deus; a sua liberdade perde o rumo, «porque a fé é a forma da liberdade que sustém o homem na procura de uma verdade que é inexorável, inexequível (...) no homem a Verdade configura a sua

---

<sup>157</sup> J. PÉREZ ASENSI, *Ética da fé na obra de Joseph Ratzinger*, 105.

liberdade de tal maneira que a guia e a leva ao conhecimento e ao amor de Deus: a verdadeira liberdade é sinal eminente da imagem divina no homem»<sup>158</sup>. Levar a humanidade a viver com o coração plenamente centrado em Deus-Amor é a missão da Igreja, porque se não anunciar o amor que recebeu de Cristo aos homens, ela deixa de ser credível no meio dos filhos de Deus.

O facto de afirmarmos que o Cristianismo é o rosto visível do amor encarnado, isso, faz com que o anúncio do Evangelho nunca esteja separado do amor ao próximo, por o outro em primeiro lugar, faz do Cristianismo uma religião credível no meio dos homens, porque só o amor é digno de ser levado ao coração de cada ser humano. O serviço do amor cristão é a verificação efectiva, o sinal mais perceptível e credível da verdade e validade do Evangelho que a Igreja anuncia.

Ser testemunho da caridade cristã é a principal missão da Igreja, uma missão radicada no amor a Deus e ao próximo como expressão nuclear do Evangelho. A Igreja é desafiada todos os dias a sair do espaço interno eclesial e a trabalhar para o estabelecimento duma cultura de solidariedade, mostrando como a questão de Deus tem a ver com a questão do homem e que o ser humano sem o amor de Deus, é um ser esvaziado de toda a sua essência, a própria vida de Deus.

---

<sup>158</sup> J. PÉREZ ASENSI, *Ética da fé na obra de Joseph Ratzinger*, 107.

## CONCLUSÃO

Esta dissertação foi um grande desafio e ajudou-nos aprofundar os nossos conhecimentos sobre o pensamento do cardeal J. Ratzinger, o papa emérito Bento XVI, referente ao verdadeiro sentido do Cristianismo e da fé cristã.

Porquê a credibilidade do Cristianismo? Muitos de nós não apresentamos o Cristianismo da mesma forma aos outros e gostamos de mostrar aos nossos colegas-irmãos um Cristianismo consoante os nossos desejos e apetites. Depois de um período de investigação, diante da sua própria inquietação pessoal, J. Ratzinger ajudou-nos a afirmar com uma certeza esclarecedora, que só temos um caminho para levar o Cristianismo aos outros – Jesus Cristo é a origem de tudo aquilo que o Cristianismo é e será. O Cristianismo é o próprio Filho de Deus.

Perante a história da criação da Igreja de Cristo, notamos que os Doze Apóstolos não foram doutores ou filósofos escolhidos por Cristo, mas sim homens pescadores, com pouca formação intelectual, até humana. Isso leva-nos a não correr o risco de afirmar que o que está na origem do Cristianismo/Igreja é o homem, mas Jesus Cristo. Um Cristianismo credível não é aquele que tem de agradar aos desejos dos homens, nem mostrar que a sua obra tem como dono o homem. Cristianismo é Jesus Cristo e tudo o resto que se realiza deve partir desta certeza: sem Jesus, Cristianismo é outra coisa que não o lugar onde se manifesta o amor e a verdade do Deus feito homem.

A vida no Cristianismo passa pela construção do edifício da caridade, que levará os homens a se amarem uns aos outros, porque só o amor é digno de ser anunciado – um edifício que é construído sem o amor de Deus acabará por desabar e levar os seus elementos para um caminho de perdição.

A fé cristã não é algo que o homem tem, mas que recebe de Deus, de modo a poder viver conforme a vontade d’Ele. É esta fé que ilumina toda a realidade humana, que tira o homem do seu egoísmo e faz dele um ser ao serviço do outro. É esta fé cristã que fez com que o Cristianismo saísse do seu gueto e se tornasse uma religião universal, assumindo o apelo de Jesus Cristo: “ide até aos confins do mundo” (cf. Act 1,8). O que

faz do Cristianismo uma religião credível é a sua pretensão de ser a verdadeira religião, a sede de conhecer cada vez a verdade que liberta cada ser humano.

A Igreja não é dona da verdade, mas é possuída pela verdade, e deve ser o lugar credível onde se manifesta o amor de Deus. Ela tem a missão de ensinar a humanidade a amar, porque só o amor é digno de ser vivido, porque o ódio e outros sentimentos que nos afastem do Deus-Amor não podem ter lugar no nosso coração. Só o amor abre todas as portas.

Abordar o tema da credibilidade do Cristianismo, o lugar onde se manifesta o amor e a verdade, desafia-nos cada vez mais a ser verdadeiros discípulos do amor e da verdade de Deus revelada no seu Filho. O que a Igreja tem hoje para mostrar a humanidade? Só o amor de Deus, porque só um Deus amor tira a sociedade da sua perdição, e, levando a Boa Nova, o amor de Deus revelado na Cruz, espera que o homem venha a ser verdadeiro instrumento vivo da construção de uma civilização do amor.

A Virgem Maria é aquela que nos indica o caminho para o verdadeiro sentido da Igreja, porque, tudo aquilo que a Mãe de Deus é, a Igreja é chamada a ser. Portanto, a credibilidade do Cristianismo; de um modo específico a Igreja, Esposa de Cristo, passa em seguir todos os passos da Virgem Maria.

Durante a nossa exposição, interrogamo-nos sobre se podemos conhecer a verdade. Claro que o homem pode conhecer a verdade, porque ela foi revelada por Cristo, a própria Verdade. Sabemos que muitos afirmam que têm a sua própria verdade: ora ninguém é dono da verdade, mas sim chamados a serem mendigos da verdade.

Diante de uma sociedade que tenta colocar Deus à parte, fora das questões da vida, ajudar cada homem a perceber que a verdade não pode ser possuída, é a missão da Igreja, porque Ela mesma é mendiga da verdade, com o intuito de percorrer cada vez mais o caminho da verdade – deixando este caminho perde a razão da sua credibilidade.

O estudo deste tema levou-nos a ver o Cristianismo não a partir dos nossos gostos, desejos, ideais, mas a partir de Cristo. Contudo, sabemos que não basta simplesmente afirmar que o Cristianismo é o lugar onde se manifesta a verdade e o amor, não basta simplesmente ao homem cristão professar a sua fé. «Professar a fé com a boca implica vivê-la com o coração e mostrá-la com as obras, é um testemunho e um compromisso público. O discípulo de Cristo, filho da Igreja, nunca pode pensar que crer

é um facto privado»<sup>159</sup>. Uma Igreja que vive do amor do Deus feito homem tem a missão de anunciar até aos confins da terra que o Senhor do Universo ama a todos e quer a salvação de todos.

O poder do Cristianismo não está em ser servido, exaltado, mas em baixar-se, em servir os outros, porque o poder da Igreja está em imitar Cristo em tudo, Aquele que veio para servir não para ser servido. Nesta óptica, podemos frisar que o cristão é convocado a ser mediador, a amar os outros até doer. A perder a sua própria vida para que os outros possam ganhar a vida.

Outro desafio que este estudo nos levanta é como apresentar o Cristianismo/a Igreja aos outros (de um modo específico na diocese onde vamos trabalhar), numa época onde deparamos com uma grande oferta do sentido da vivência religiosa. A nossa atitude deve ser a de quem pertence a algo que é maior do que nós, que é obra exclusiva de Deus, não é nossa ideia, mas sim o lugar onde se vê o amor de Deus acontecendo. A nossa missão é mostrar aos outros que o Cristianismo é digno de ser pensado, vivido, porque é o próprio Cristo que habita em cada acto e obra que os seus membros/discípulos realizam. Portanto, devemos pôr de lado a diplomacia que já deu muitos frutos à Igreja, e passar a alimentar-nos do amor de Deus e pedir a reconciliação da humanidade.

Porque só «Jesus tem o poder, com a força do seu Espírito, de renovar o coração. Devemos ter confiança nisto. Se não tivermos confiança na força de Jesus Cristo como a única salvação, o único que pode tornar novas todas as coisas, seremos cristãos fingidos»<sup>160</sup>. Não vale a pena anunciar que o Cristianismo é o lugar onde se manifesta o amor de Deus, se não acreditamos na força de Jesus Cristo, Aquele que veio para nos dar a vida. O Cristianismo não pode anestesiar o amor, mas pôr-lhe fogo, não o nosso fogo, mas o de Jesus filho de Deus. Como podemos aprender a não anestesiar o amor? Com a Mãe de Deus, «porque Maria não admitia anestésias ao amor! E hoje pedimos-lhe: Mãe, que amemos a sério, que não fiquemos adormecidos e não nos refugiemos nas mil e uma anestésias que esta civilização decadente nos apresenta»<sup>161</sup>.

Só o amor é plenamente confiável; deste modo podemos dizer como Balthasar, que só o amor é crido, digno de ser levado a cada coração humano. Mas falamos tanto sobre o amor de Deus, e afirmamos que nós, enquanto pecadores, não podemos amar a

---

<sup>159</sup> J. M. BERGOGLIO, *Só o amor nos salvará* (Lisboa: Lucerna 2013) 10.

<sup>160</sup> J. M. BERGOGLIO, *Só o amor nos salvará*, 46.

<sup>161</sup> J. M. BERGOGLIO, *Só o amor nos salvará*, 70.

todos, que isso é impossível. Muitos pensam que o poder está em ter, acumular bens, em ser famoso, mas «o verdadeiro poder é o amor, o que potencia os outros, o que desperta iniciativas, o que nenhuma cadeia pode deter, porque até na cruz ou no leito de morte se pode amar»<sup>162</sup>. Não vale a pena realizar imensas tarefas, se nelas não estiver presente o amor, a intenção de levar os outros a descobrirem que só o amor de Deus nos salvará.

---

<sup>162</sup> J. M. BERGOGLIO, *Só o amor nos salvará*, 82.

# BIBLIOGRAFIA

## 1. Bibliografia principal

RATZINGER, J., *Introdução ao Cristianismo. Prelecções sobre o «Símbolo Apostólico»* (Estoril: Princípia 2005 [original de 1967]).

\_\_\_\_\_, *Fé e Futuro* (Estoril: Princípia 2008 [original de 1970]).

\_\_\_\_\_, «*A minha palavra não volta a mim sem ter realizado a minha vontade!*» [original de 1981], in RATZINGER, J. –BALTHASAR, H. U. von, *Maria, Primeira Igreja* (Coimbra: Gráfica de Coimbra 2004) 7-12.

\_\_\_\_\_, *Considerações sobre o lugar da mariologia e da piedade mariana no todo da fé e da teologia* [original de 1981], in RATZINGER, J. –BALTHASAR, H. U. von, *Maria, Primeira Igreja* (Coimbra: Gráfica de Coimbra 2004) 13-31.

\_\_\_\_\_, *O sinal da mulher. Ensaio de introdução à encíclica «Redemptoris Mater»* [original de 1987], in RATZINGER, J. –BALTHASAR, H. U. von, *Maria, Primeira Igreja* (Coimbra: Gráfica de Coimbra 2004) 33-58.

\_\_\_\_\_, «*Tu és a cheia de graça*». *Elementos bíblicos da piedade mariana* [original de 1992], in RATZINGER, J. –BALTHASAR, H. U. von, *Maria, Primeira Igreja* (Coimbra: Gráfica de Coimbra 2004) 59-78.

\_\_\_\_\_, «*Et incarnatus est de Spiritu Sancto ex Maria Virgine...*» [original de 1995], in RATZINGER, J. –BALTHASAR, H. U. von, *Maria, Primeira Igreja* (Coimbra: Gráfica de Coimbra 2004) 79-94.

\_\_\_\_\_, *Deus e o Mundo. A fé cristã explicada por Bento XVI* (Coimbra: Tenacitas 2006 [original de 2000]) 163.

\_\_\_\_\_, *Fé – Verdade – Tolerância. O Cristianismo e as grandes religiões do mundo* (Lisboa: UC Editora 2006 [original de 2003]).

\_\_\_\_\_, *A verdade católica*, in RATZINGER, J. –ARCAIS, P. F. d', *Existe Deus?* (Lisboa: Pedra Angular 2009 [original de 2005]) 71-92.

RATZINGER, J. – ARCAIS, P. F. d' – LERNER, D., *Existe Deus?*, in RATZINGER, J. – ARCAIS, P. F. d', *Existe Deus?* (Lisboa: Pedra Angular 2009 [original 2005]) 9-70.

RATZINGER, J. – BAHNERS, P. – GEYER, C., *O Cristianismo para lá da tradição*, in RATZINGER, J. – ARCAIS, P. F. d', *Existe Deus?* (Lisboa: Pedra Angular 2009 [original 2005]) 93-112.

RATZINGER, J., *Olhar para Cristo. Exercícios de fé, esperança e caridade* (Coimbra: Tenacitas 2006).

\_\_\_\_\_, *Do sentido de ser cristão* (Cascais: Princípia 2009).

BENEDICTUS XVI, Summus Pontifex convenit legatos Scientiarum, apud Studiorum Universitatem Ratisbonensem disserens de: «Glaube, Vernunft und Universität. Erinnerungen und Reflexionen», in AAS 98 (2006) 728-739.

\_\_\_\_\_, Lutetiae Parisiorum Summus Pontifex viros Culturae deditos convenit apud Collegium a Bernardinis, in AAS 100 (2008) 721-730.

\_\_\_\_\_, Dum Summus Pontifex apud Sacellum Sixtinum Artifices alloquitur, in AAS 101 (2009) 1051-1058.

\_\_\_\_\_, Iter apostolicum in Germaniam: ad Berolinensem foederatum coetum oratorum, in AAS 103 (2011) 663-669.

\_\_\_\_\_, Dum Summus Pontifex Natalicia Omina Romanae Curiae offert, in AAS 105 (2013) 47-54.

## 2. Bibliografia auxiliar

ARCAIS, P. F. d', *Ateísmo e verdade*, in RATZINGER, J. – ARCAIS, P. F. d', *Existe Deus?* (Lisboa: Pedra Angular 2009 [original 2005]) 113-155.

BALTHASAR, H. U. von, *Só o amor é digno de fé* (Lisboa: Teofanias 2008).

GARCÍA ROJO, J., *Se Deus é amor, o que é o homem?*, in FLECHA, J.-R. (Coord.), *Deus é amor. Comentários à Encíclica de Bento XVI Deus Caritas Est* (Coimbra: Gráfica de Coimbra 2 2007) 115-142.

GNILKA, J., *Verdade. II. Na Bíblia*, in FRIES, H. (Dir.), *Dicionário de Teologia 5* (São Paulo: Loyola 1971) 411-417.

KRINGS, H., *Verdade. I. Em filosofia*, in FRIES, H. (Dir.), *Dicionário de Teologia 5* (São Paulo: Loyola 1971) 402-410.

PÉREZ ASENSI, J., *Ética da fé na obra de Joseph Ratzinger* (Lisboa: Paulus 2007).

WARNACH, V., *Amor*, in FRIES, H. (Dir.), *Dicionário de Teologia 1* (São Paulo: Loyola 1970) 66-91.

### 3. Outra bibliografia

AGOSTINHO, *A verdadeira religião* (Porto: Imago Mundi 2012).

BERGOGLIO, J. M., *Só o amor nos salvará* (Lisboa: Lucerna 2013).

*Bíblia dos Capuchinhos* (Lisboa/Fátima: Difusora Bíblica 2013).

BRAGUE, R., *Cristianismo e cultura: algumas notas de circunstância*, in *Communio* 3 (1986) 140-155.

*Catecismo da Igreja Católica* (Coimbra: Gráfica de Coimbra 1999).

FARIAS, J., *O nome de Deus e a questão da verdade*, in *Communio* 10 (1993) 149-161.

GIOVANNI PAOLO II, *Messaggio di Giovanni Paolo II per la XVIII Giornata Mondiale della Gioventù*, in *L'Osservatore Romano* [edição diária italiana] 143 (2003) n. 59, 5.

GIUSSANI, L., *Porquê a Igreja?* (Lisboa: Verbo 2004).

IOANNES PAULUS II, *Lettre aux artistes*, n. 5, in *AAS* 91 (1999) 1155-1172.

\_\_\_\_\_, *Litterae Encyclicae Fides et Ratio*, n. 33, in *AAS* 91 (1999) 5-88.

PAPA FRANCISCUS, *Litterae Encyclicae Lumen Fidei*, n. 27, in *AAS* 105 (2013) 555-596.

TERRA, D., *O sentido da fé* (Lisboa: UCP Editora 2009).

# ÍNDICE

Introdução.....	1
1. A credibilidade do Cristianismo em Ratzinger.....	7
1.1. O Cristianismo anúncio da fé encarnada: «o que nós vimos e ouvimos, isso vos anunciamos» (1 Jo 1,3).....	8
1.2. Cristãos chamados a fazer do amor conteúdo da fé revelada: Cristianismo como escola do amor e serviço da verdade .....	15
1.3. Verdade e amor: será que podemos mesmo conhecer a verdade/amor?.....	23
1.4. O lugar de Maria na compreensão da credibilidade do Cristianismo (como ela nos ensina a conhecer a realidade do Cristianismo/Igreja de Cristo) .....	32
2. O Cristianismo como manifestação da verdade .....	41
2.1. O Cristianismo, guardião da verdade revelada.....	42
2.2. O Cristianismo e a cultura: o amor abre todas as portas .....	50
2.3. O Cristianismo como manifestação da Verdade: a síntese da fé, razão e a vida. ....	59
2.4. A credibilidade do Cristianismo em Balthasar em paralelo com Ratzinger/Bento XVI.....	65
3. A actualidade e os desafios da credibilidade do Cristianismo em Ratzinger/Bento XVI.....	69
3.1. O Cristianismo como modelo para a moral: desafio em permanecer no amor e compreender a verdade.....	69
3.2. A fé cristã, o hoje e amanhã: a fé que ilumina e dá sentido a vida de cada ser humano .....	73
Conclusão .....	77
Bibliografia.....	81
1. Bibliografia principal.....	81
2. Bibliografia auxiliar.....	82
3. Outra bibliografia .....	83
Índice .....	84